

CAPÍTULO I

SERTÃO DO RIO FEIO, SANTO ANTÔNIO DO RIO FEIO, BELA VISTA DE TATUÍ, PORANGABA

Júlio Manoel Domingues – Setembro/2008

Índice

1. INTRODUÇÃO, 13

2. HISTÓRICO, 16

- 2.1 Brasões e Símbolos, 16
- 2.2 O primeiro brasão, 16
- 2.3 O segundo brasão, 18
- 2.4 O brasão de armas, 18
- 2.5 Bandeira do Município, 19
- 2.6 Símbolos de Porangaba, 20
- 2.7 Hino de Porangaba, 20

3. TERRITÓRIO, POVOAMENTO, EMANCIPAÇÃO, 21

- 3.1 Evolução político-administrativa, 26
 - 3.1.1 As primeiras autoridades, 26
- 3.2 Cenário político inicial, 28
- 3.3 A Maçonaria, 32
 - 3.3.1 A Maçonaria em Porangaba, 33
- 3.4 Lideranças políticas, 33
- 3.5 Emancipação política, 37
- 3.6 Torre de Pedra, 38
- 3.7 Fatos políticos relevantes, 39
 - 3.7.1 Prefeitos Municipais, 40
 - 3.7.2 Vereadores, 41
 - 3.7.3 Presidentes da Câmara, 42
 - 3.7.4 Vice-Prefeitos, 43
 - 3.7.5 Eleitores, 43

4. ASPECTOS GERAIS DO MUNICÍPIO, 44

- 4.1 Físicos, 45
- 4.2 Geográficos, 45
- 4.3 Divisas, 45
- 4.4 Clima, 46
- 4.5 Relevo, 46
- 4.6 Formações vegetais, 46
- 4.7 Questões ambientais, 46
- 4.8 Parque Ecológico, 47
- 4.9 População, 48
- 4.10 Linguagem, 50
- 4.11 Área urbana, 51
- 4.12 Área rural, 51

5. RELIGIOSOS, 53

- 5.1 Igreja Católica Apostólica Romana, 53
- 5.2 Padre José Gorga, 54
- 5.3 Criação da Paróquia, 54
- 5.4 Capela de São Roque, 55
- 5.5 Párocos, 56
 - 5.5.1 Padre Ângelo Lemarchand, 57
- 5.6 Religiosos porangabenses, 57
- 5.7 Irmão leigo, 57
- 5.8 Freiras porangabenses, 57
- 5.9 Freiras que residiram em Porangaba, 57
- 5.10 Congregação Mariana, 58
- 5.11 Igreja Presbiteriana de Porangaba, 58
- 5.12 Pastores presbiterianos, 59
- 5.13 Pastores porangabenses, 59
- 5.14 Rev. Zacarias de Miranda, 59

6. ECONÔMICOS, 61

- 6.1 Agricultura, 61
- 6.2 Pecuária, 61
- 6.3 Avicultura, 62
- 6.4 Indústria, 62
- 6.5 Comércio, 62
- 6.6 Estrutura financeira, 63
- 6.7 Turismo, 63

7. EDUCAÇÃO E CULTURA, 64

- 7.1 Centro Cultural Municipal, 64
- 7.2 Escolas, 64
- 7.3 Projetos educacionais, 65
- 7.4 Formação profissional, 66
- 7.5 Museu e bibliotecas, 66
- 7.6 Jornais, 66
- 7.7 Festas populares, 67
- 7.8 Festas religiosas, 67
- 7.9 Festas cívicas, 67
- 7.10 Folclore, 67
- 7.11 Recomenda das Almas, 69
 - 7.11.1 A recomenda em Porangaba, 69
- 7.12 A Cavalhada, 71
- 7.13 A Dança de São Gonçalo, 71
- 7.14 O Cururu, 72
- 7.15 Manifestações folclóricas, 73
- 7.16 Crenças populares, 73
- 7.17 Banda musical, 74
- 7.18 Fanfarras, 74
- 7.19 Festivais - música, canto, dança e dublagem, 74
- 7.20 Esportes, recreação e lazer, 74
- 7.21 Teatro, 75

8. ESTRUTURAIS, 76

- 8.1 Agropecuária, 76
- 8.2 Saúde, 77
 - 8.2.1 Posto de Atendimento Municipal, 77
 - 8.2.2 Centro de Saúde, 78
 - 8.2.3 Santa Casa de Misericórdia, 78
 - 8.2.4 Assistência odontológica, 79
- 8.3 Organizações, Associações e Sindicatos, 79
 - 8.3.1 Sindicato Rural Patronal, 79
 - 8.3.2 Associação dos Produtores Rurais, 79
 - 8.3.3 Associação Comercial de Porangaba, 80
- 8.4 Jurídicos, 80
 - 8.4.1 Foro da Comarca de Porangaba, 80

- 8.4.2 Cartório de Registro Civil, 81
- 8.5 Segurança Pública, 81
- 8.5.1 Delegacia de Polícia, 81
- 8.5.2 Destacamento da Polícia Militar, 81
- 8.6 Transportes, 81
- 8.7 Saneamento básico, 82
- 8.8 Energia elétrica, 82
- 8.9 Habitação, 82
- 8.10 Promoção social, 83
- 8.11 Comunicações, 83
 - 8.11.1 Telefonia, 83
 - 8.11.2 Internet, 83
 - 8.11.3 Correios, 84
 - 8.11.4 Rádio Comunitária, 84
 - 8.11.5 Rádio Faixa do Cidadão, 85

9. AVANÇOS SOCIAIS E ECONÔMICOS, 86

10. CONCLUSÃO, 87

11. BIBLIOGRAFIA, 88

12. O AUTOR, 89

13. HOMENAGEM PÓSTUMA, 90

*“Nada ou quase nada sabemos do passado.
Preferimos imaginar uma história
descontínua de conhecimento, com centenas
de milhares de anos de ignorância
precedendo a alguns poucos lustros de saber.
A idéia de que tenha surgido de súbito
um século de luzes - idéia esta que admitimos
com desconcertante ingenuidade -
mergulha na sombra todas as anteriores
épocas. Um olhar nosso sobre os documentos
antigos modificaria tudo; ficaríamos
transtornados pelas riquezas que contêm”.*

Louis Pawels e Jacques Bergier
O Despertar dos Mágicos

SÍMBOLOS, POVOAMENTO, EMANCIPAÇÃO E ASPECTOS GERAIS DO MUNICÍPIO

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é resgatar a história de Porangaba sem as fantasias e o efeito gregário tão comuns em trabalhos semelhantes. A reconstrução do passado é tarefa difícil e exige dedicação e perseverança, mas, mesmo assim, entendemos ser o momento exato para fazê-la. É possível, ainda, porque a nossa geração foi ouvinte privilegiada daqueles que aqui viveram ou nasceram no final do século 19. Nós (e hoje já somos poucos...), que guardamos na memória muitas lembranças e “causos”, é que poderemos executar a tarefa. Caso contrário, tudo cairá no esquecimento e ficará restrito aos registros oficiais, frios, que escondem o sentimento popular, dando a impressão de que antes nada aconteceu. Acrescente-se a tudo isso a omissão de fatos relevantes, pela falta de documentos, desconhecimento e o total desinteresse da geração atual. Este trabalho não será uma obra acabada e nem terá cronologia rígida, pois, na seqüência das investigações, sempre surgirão “novos” fatos.

Os informes verbais são sempre bem recebidos, mas com cautela, pois quase sempre se perdem pelos exageros e distorções. O tempo é outro agravante, talvez o maior obstáculo à recuperação de fatos - o fator que mais atormenta o pesquisador, que, ao perscrutar o passado,

depara-se com a formidável incógnita, que é o seu maior desafio: **o mistério de sua própria origem.**



**Igreja Matriz de Santo Antônio
de Porangaba - 2008**

- *Diante de tantas barreiras, a curiosidade sempre aumentou e a busca exigiu um verdadeiro **mutirão** ou **putirum**, que segundo Barbosa Lessa é o auxílio que faculta utilizar o conhecimento e a experiência daqueles que ocuparam a vida no estudo da origem e do destino da cultura. Outra constante preocupação foi fugir do plágio, daí a citação do maior número possível de autores e obras, fontes diversas e até a inclusão de parágrafos inteiros para a elucidação.*

O historiador Francisco Marins, na obra “Clarão na Serra”, descreve:

- *“Quando os portugueses colonizadores chegaram ao planalto de Piratininga, contemplaram uma trilha batida a se alongar para mais longe do que suas vistas podiam alcançar. A trilha galgava morros, descia encostas, rasgava planícies, vencia a serra e ia até os rios Tibaji, Ivaí, Piquiri e barrancas do rio Paraná. Mais de duzentas léguas! Estirão de mil e trezentos quilômetros, no imenso sertão desconhecido. Mas quem andaria por aquele misterioso caminho, espremido entre as montanhas e se espichando nas planuras? A velha estrada por onde os índios passavam, há muitos anos, mesmo antes do Brasil ser*

descoberto. Era aquele o **Peabiru** lendário - o "Caminho do Peru", que vincava a morraria no sentido leste-oeste. Uma via primitiva de comunicação que convidava o homem a desbravar o "sertão". Uma rota de penetração do mar para o desconhecido; na opinião de alguns fazia parte do velho caminho dos Incas, buscando a saída para o Atlântico. Assombrados com a existência daquele caminho, em meio à selva, os jesuítas que chegaram com os primeiros colonizadores não tiveram dúvida em afirmar que ele tinha sido obra do sobrenatural. São Tomé¹, por certo, primitivo andarilho daquele sertão, resolvera marcar a terra que pisara. Nasceria assim a trilha por onde passariam os índios e os desbravadores. Mais tarde, pelo terreno batido - um caminho largo de uns oitos palmos - que começava em São Paulo, passava-se por Sorocaba, rasgava-se a fazenda de Botucatu e atingia-se o caudal do Paranapanema".

Relatos de ficção! Lenda ou mito! Cresce ainda mais a curiosidade, pois Porangaba nasceu, não muito distante, numa das variantes desse complexo sistema viário "pré-cabralino" - nas imediações das fazendas dos jesuítas em Guareí e Botucatu.

- Diz ainda: "O conquistador topou com o sertão inóspito, as feras, as doenças, as distâncias, a solidão... O espaço vazio principiou a se povoar e a se transformar em fazendas que depois viraram povoados, freguesias, vilas, cidades".
 - Aluísio de Almeida definiu **sertão**: "**terra virgem para lavoura, terra devoluta ou não demarcada, e até sesmaria, geralmente a posse provisória do solo**".
-

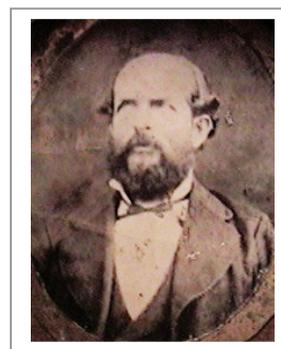
O início da colonização na Província de São Paulo coincidiu com a fundação da cidade de São Vicente e cresceu com o nascimento de São Paulo de Piratininga. No princípio tudo pertenceu à Capitania de São Vicente, como citou frei Gaspar da Madre de Deus em 1797: "A Capitania de São Vicente, noutro tempo, possuía tudo quanto, agora, abrangem os Governos Gerais de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro

¹ *São Tomé no Brasil?* - "Nesse instante, o da sincretização Sumé-Tomé, o caminho do Peabiru enovelou-se em uma das mais belas e intrincadas complicações dos capítulos iniciais da história brasileira". Frei Caneca fundamentou-se na fé para aceitar São Tomé no Brasil: "Este fato não é menos verdadeiro do que a aparição de Cristo no campo de Ourique;... Se estes dois milagres grandiosos aconteceram, ele terá querido afirmar, por que não estaria nos desígnios divinos o enviar São Tomé ao Brasil, sem considerar a diferença de mil anos decorrida entre a vida do Santo e a formação de nações indígenas na América?" (pág.14 e 24) - Sumé e Peabiru - Hernâni Donato

e, também, os subalternos de Santa Catarina e Rio Grande de São Pedro". Os primeiros povoadores que chegaram ao planalto paulista não possuíam recursos e somente alguns traziam títulos hereditários de nobreza; poucos eram fidalgos por mérito próprio. Todos imigraram em más condições econômicas e a maior parte era formada por plebeus e degredados. Vieram poucas mulheres (brancas).

O pedido da Câmara de São Paulo, feito em 1561 à rainha regente D.Catarina, é bastante curioso, pois incentivava o casamento com índias: "e outrossim mande que os degredados que não sejam ladrões sejam trazidos a esta Vila para ajudarem a povoar, porque há aqui muitas mulheres da terra mestiças, com quem casarão e povoarão a terra". (São Paulo no Século XVI - Afonso de Esdragnolle Taunay)

Dos pioneiros, cuja origem é conhecida, 60% eram de Portugal, 15% dos Açores e Madeira, 19% da Espanha e o resto dos Países Baixos, da Itália, França, Inglaterra e Alemanha.



**João Machado da Silva
Fundador**

O historiador Sérgio Buarque de Holanda, ao se referir a **São Paulo de Piratininga**, destacou: "Zona de convergência das linhas do relevo e do sistema hidrográfico da região, São Paulo de Piratininga é um centro de entroncamento de passagens naturais. Três grandes passagens partem de São Paulo, seguindo as linhas do relevo que condicionaram as diretrizes de expansão: a) a passagem rumo nordeste pelo Vale do Paraíba; b) a passagem para o norte, por Campinas e Mogi-Mirim, e c) a passagem em direção ao sul, via **Sorocaba e Itapetininga**, visando as regiões meridionais. A passagem rumo sul é a própria continuação desses terrenos de configuração quase uniforme, que continuam em direção às partes meridionais do Brasil, inflectindo para sudoeste na altura de Itapetininga. Foi a passagem que facilitou a penetração dos paulistas até o Vale do Paranapanema e seus afluentes da margem esquerda, onde se estabeleceram os jesuítas em terras do Alto do

Paraná, no século 17. Nesses terrenos localizavam-se os campos de Sorocaba e Itapetininga. A presença do Rio Tietê fez de São Paulo, também, o centro natural de importante sistema hidrográfico e, nos primeiros tempos de colonização, ele e seus afluentes tiveram considerável atuação de importância no povoamento de São Paulo e imediações “.

(Da Comunidade à Metrópole, R. Morse).

Ernani Silva Bruno, em “São Paulo, Terra e Povo”, cita: “O povoamento do território paulista ocorreu, de modo geral, da costa para o interior das terras, da baixada marinha para o misterioso sertão. Foi relativamente pequena a ocupação estável de novos territórios em São Paulo, de 1580 a 1640, quando ocorreu o bandeirismo ou apresamento de bugres para trabalharem na roça ou para serem vendidos para outras capitânicas. O bandeirismo ou sertanismo não foi um movimento povoador - no sentido de ocupação imediata das terras - na verdade traçou caminhos e devassou áreas que seriam mais tarde povoadas, ao mesmo tempo em que incorporou imenso contingente de bugres à empreitada colonizadora, como agentes no processo de povoamento”.

- Santana do Parnaíba foi criada em 1625, Sorocaba (Vila de Nossa Senhora da Ponte) em 1661 (alguns historiadores falam em 1646) e Itapeva em 1769. Itapetininga (Vila de Nossa Senhora dos Prazeres) em 1770 e a vila de Porto Feliz em 1797. Piedade, Campo Largo (atual Araçoiaba da Serra) e **Tatuí** formaram-se, mais ou menos, em 1800, nas imediações da Estrada do Viamão, ou seja, o caminho do Rio Grande do Sul. É importante lembrar que até o princípio do século 19, a população da Província de São Paulo era diminuta, concentrada em torno de Piratininga, Vale do Paraíba, Sorocaba e de São Carlos do Pinhal.

O sociólogo Antônio Cândido destaca no livro “Os Parceiros do Rio Bonito”: “No início do século 18 os padres da Companhia de Jesus já tinham fazendas de criar gado nos campos de **Guareí** e **Alto da Serra de Botucatu**, ligadas entre si por caminhos que passavam pela parte meridional do atual município de **Bofete**, na zona do rio, desde então denominado significativamente Santo Inácio. Mais tarde, seria pelo fim do século, um caminho saindo de Sorocaba buscava o Parapanema, passando por Bofete, também, na sua parte sul. Mas os estabelecimentos humanos só aparecem (nessa região) em pleno século 19, sob a forma de fazendas e sítios - **polarizados por Tatuí**, na maior parte, e por Botucatu os que se localizavam nas fraldas da serra. No início, moradores segregados e, em seguida, a ereção da capela em patrimônio doado, que passava a atrair lojas e algumas casas. Daí, passava a freguesia, já com o núcleo

de população esboçado. O povoado subia a vila, chegando afinal a cidade. Nesses casos, a população rural ia se ampliando na periferia, onde apareciam novos bairros que passavam a vila e, assim, sucessivamente, sertão adentro. Na direção de Botucatu, o acesso ao planalto se tornava bastante difícil pela serra, cujos morros fechavam a passagem para o sul, atingindo, também, àqueles que vinham de Tietê e os que desciam de Anhembi e, apenas para o lado de Porangaba e Tatuí as comunicações eram desimpedidas para o lado de Bofete; por aí, certamente, penetraram povoamento e cultura naquela direção”.

Ao nascimento de Porangaba pode-se atrelar também a influência e a importância de Sorocaba², a coragem de seus colonizadores e, como enalteceu o professor Richard M. Morse: “A figura dominadora do bandeirante marcial e sem-nômade cedeu lugar à do fazendeiro patriarcal e a do esperto comerciante urbanizado. Rotas fluviais e terrestres desenvolveram-se entre São Paulo e Cuiabá, na região do ouro recentemente aberta; a era das bandeiras cedeu lugar à das monções e **tropas de mulas**. Durante quase um século e meio, até o advento das estradas de ferro, as tropas continuaram a obra das bandeiras, ligando umas às outras as regiões afastadas do interior do Brasil. Além disso, levaram consigo um novo tipo de vida que ajudou a “desindianizar” a cultura dos sertões. A venda “in-loco”, ou a reexportação de mulas do Rio Grande, centralizadas pela Feira de Sorocaba, deu nascimento a fortunas novas”.

Não fugindo das tradições que explicam o surgimento de bairros, capelas, freguesias, vilas e cidades, às margens dos caminhos para o oeste paulista, para o desconhecido sertão, como **ponto de pouso** ou um simples rancho que acolhia tropeiros e viajantes nasceu **SANTO ANTÔNIO DO RIO FEIO**.

² “Fundada por paulistas mamelucos, que eram sertanistas e bandeirantes, Sorocaba passou a cumprir o seu destino histórico. Tornava-se o foco de irradiação para o sul e oeste, com suas entradas e bandeiras que, desde o início, foram abrindo os caminhos para Curitiba e para as Missões Jesuíticas do Sul, tomadas aos espanhóis. Ao mesmo tempo, devassava-se o Apeareatuba, buscava-se e achava-se ouro de Cuiabá, cidade que foi fundada pelo sorocabano Pascoal Moreira Cabral, o filho. Promovia-se o alargamento dos limites territoriais da colônia. A vila e a região - que inclui Itu e Tietê, foram, durante quase um século, um centro de partida de importantes entradas e bandeiras paulistas, realizadas pelos Zunega y Leon, pelos Moreira Cabral, pelos Domingues, pelos Fernandes, pelos Campos Bicudo, pelos Antunes Maíel, pelos Sutíl de Oliveira, pelos Paes, pelos Barros, pelos Leme da Silva, pelos Mendes, pelos Pedroso e pelos Falcão, entre muitos outros que lentamente iam reconhecendo o caminho futuro para as tropas de mulas. (Livro João de Camargo de Sorocaba – Carlos de Campos e Adolfo Frioli – pág. 67)

2. HISTÓRICO

A Paróquia de Santo Antônio de Porangaba completou cem anos em 1998. A *milénar* Igreja de Roma tornou-se *centenária* em Porangaba e houve comemoração. Tudo começou com a pequena e simples capela, revestida de folhas e linhagem³, até o reconhecimento canônico e a criação da paróquia em 19 de fevereiro de 1898. *Santo Antônio de Pádua* é o padroeiro. O direito de protetor adquirido (padroado), em função da doação e introdução da imagem na primeira capela, foi o beneplácito da Igreja que premiou a comunidade católica local. O protetor é um dos santos mais importantes do hagiológico católico romano, conhecido também como *Santo Antônio de Lisboa* de acordo com alguns historiadores. Patrono de Portugal e Pádua, é ainda muito grande a sua devoção popular nos países latinos, principalmente em Portugal e Brasil, onde é invocado como o “santo casamenteiro”. Sua vida foi marcada pela tentativa de harmonizar a religião com as necessidades do mundo, socorrendo os pobres, doentes e infelizes miseráveis - eram por certo efeitos prodigiosos do seu amor para com Jesus Cristo. Ficaram célebres os sermões que pregou em Forli, Provença, Languedoc e Paris. Entre seus escritos autênticos figura uma coleção de sermões para domingos e dias santificados. Conservou na religião o vigor, o espírito de pobreza e de austeridade, símbolos do seu verdadeiro caráter.

Biografia: “Santo Antônio nasceu em Lisboa em 15 de agosto de 1195, filho do oficial do exército Martinho de Bulhão e de Maria Teresa de Taveira, nobres, pessoas piedosas. Foi batizado com o nome de **Fernando**. A fim de lhe dar educação digna, seus pais o colocaram como pensionista na comunidade dos cônegos da Catedral de Lisboa, onde fez seus estudos básicos voltados a uma vida santa e de sabedoria. Virtuoso, com apenas quinze anos, já estava na Casa de São Vicente dos cônegos regulares de Santo Agostinho, em Lisboa. Influenciado pelos familiares e amigos, mudou-se com o consentimento dos superiores para o convento de Santa Cruz de Coimbra, onde foi sempre pessoa exemplar para todos. Ali, conheceu o trabalho de São Francisco de Assis e, em julho de 1220, foi admitido como noviço no convento de Santo Antônio dos Olivais, onde recebeu, com o hábito da Ordem, o nome de **Antônio**. Logo que fez os votos, foi à África Ocidental para pregar o Evangelho aos Mouros, mas, ali chegando, foi acometido de uma grave enfermidade. Ao retornar a Portugal, uma violenta tempestade desviou o navio às costas da Sicília, na Itália, fato que modificou essencialmente sua vida. Esteve em Assis, onde assistiu a convite de São Francisco de Assis o capítulo (assembléia) geral da ordem, quando pela humildade e por ser desconhecido passou despercebido. Enviado a Forli, frei Antônio empolgou toda comunidade pelo dom da palavra, eloquência, dignidade e energia. A partir daí, dedicou-se ao estudo da teologia por orientação do Superior da Ordem e tornou-se professor dessa matéria das Universidades de Bolonha, Toulouse, Montpellier, Puy-en-Velay e Pádua. Adquiriu reputação como orador sacro e as igrejas já não mais comportavam a multidão de ouvintes, o que o obrigou a pregar no campo, onde todos o escutavam com muita atenção, silêncio e avidez. Suas pregações eram interrompidas por gemidos, prantos e sempre aconteciam muitas

³ linhagem = tecido grosso de linho

conversões. Os doentes passaram a ser curados e os milagres feitos por este grande santo excediam por completo o que até então havia acontecido. Tudo em sua pessoa era sermão: sua modéstia, sua doçura, sua humildade, suas maneiras graciosas, religiosas e polidas, tudo contribuía para se apoderar dos espíritos e ganhar os pecadores. Teve uma vida curta, extraordinariamente cheia de sucessos contra a heresia, na conversão de pecadores e, sobretudo, nas prédicas em cidades diversas da Itália, França e Espanha. Liderou um grupo que se insurgiu contra os abrandamentos introduzidos na Ordem pelo Superior Elias, sucessor de São Francisco. Dotado do dom sublime da contemplação; as aparições, as visões, os êxtases eram lhe comuns. Com problemas de saúde, percebendo que o fim se aproximava, retirou-se para um pequeno ermitério chamado Campietro, nas proximidades de Pádua, para se ocupar exclusivamente de Deus. Faleceu no dia 13 de junho de 1231, no Convento de Ara Coeli, tendo trinta e seis anos de idade. Foi canonizado por “Gregório IX em 30 de maio de 1232”.⁴

2.1 Brasões e Símbolos de Porangaba

Histórico

- A heráldica é a arte de elaborar ou de interpretar os brasões; o vocábulo deriva do alemão “herald”, que significa anunciador, arauto. Serve o brasão para identificar aquele que o ostenta e, como escreveu Granier de Cassagnac, os brasões formam uma verdadeira linguagem, com gramática, ortografia e sintaxe, cabendo à heráldica ler, escrever e decifrar esses símbolos. Surgiu no tempo das Cruzadas (movimento religioso e de expansão do imperialismo medieval), quando os primeiros desenhos heráldicos foram difundidos pela Europa no século 12. Um sistema similar apareceu no Japão durante o mesmo século. A partir do século 13, já com preceitos mais rigorosos, estava muito desenvolvida e tinha sua própria terminologia baseada no francês arcaico. Suas cores são chamadas “tinturas”, onde há dois metais - ouro (or) e prata (argent) - e cinco cores - azul (azure), preto (sable), verde (vert), púrpura (purpure) e vermelho (gules). Na Inglaterra, os heraldistas eram formados no Colégio de Armas (1484) e, na Escócia, na Corte de Lorde Lyon (1592). Os brasões passaram a ser adotados pelas famílias mais importantes, como propriedade pessoal e intransferível. Com o tempo, esses símbolos foram adotados, também, pelas cidades, estados, reinos, governos e municípios.

2.2 O primeiro brasão

O primeiro brasão de Porangaba foi implantado através da Lei Municipal nº 162/59, decorrente de projeto do vereador Acácio Domingues, pela necessidade do município ter o seu símbolo para a comemoração do **Primeiro Centenário**. A criação, baseada em tema tão complexo, envolvendo o simbolismo da população, as tradições, etc., embora não fosse feita “a quatro paredes”, não provocou nenhum tipo de discussão no seio da sociedade local, sendo recebida até com indiferença..

⁴ – Fonte: Pe. Croiset, SJ; “Ano Cristão”; vol.6; págs. 202/9.

Ainda bem que houve bom senso, por parte do autor, na síntese e simplicidade dos modelos apresentados à escolha.

Texto da Lei Municipal nº 162/59:

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORANGABA

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORANGABA:

Faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1º - Fica aprovado o Escudo do Município, cujo desenho consta de:

- a) um retângulo com livro, encimado por um facho luminoso, simbolizando as escolas e a cultura do nosso povo;*
- b) uma coroa em cima do retângulo, simbolizando a autonomia;*
- c) uma haste de milho e um galho de algodoeiro, ladeando o retângulo, simbolizando as duas maiores fontes da economia do Município;*
- d) uma faixa branca, em baixo do retângulo, com a divisa “**Labor Pro Brasília**”: - Trabalho pelo Brasil;*
- e) na faixa, em baixo da divisa, o nome do Município em tamanho destacado e, na extremidades da mesma faixa, as datas: 1860 - Fundação, e 1928 - da Instalação do Município.*

Artigo 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Porangaba, 22 de junho de 1959.

*Mário Antônio Nogueira
Prefeito Municipal*

A criação ficou a cargo do professor Acácio Vieira de Camargo, do Instituto de Educação “Barão de Suruí” de Tatuí, historiador e pesquisador que apresentou dois modelos. Considerando o tempo limitado e as dificuldades para formar uma comissão para elaborar, discutir e sugerir o símbolo a ser adotado, foi aceitável a opção da Câmara Municipal. Pelo menos o criador não falseou a história, já que não basta ser perito em heráldica para compor o brasão de uma cidade; urge, antes de tudo, conhecer o enredo, o espírito do povo, para que o símbolo represente tudo isso. O artista já havia trabalhado no grupo escolar local, foi o primeiro diretor, e, tendo aqui vivido, conhecia muito bem a história local. Considerando o preciosismo da heráldica, é até possível que sob o prisma técnico, individual, possa ter ocorrido pequena discordância na elaboração do escudo, mas é inegável que houve o completo encontro da história com o simbolismo gráfico do brasão. A professora Astrogilda Miranda Ribeiro de Oliveira e o diretor Wilson Monteiro, do Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda”, foram convidados para compartilhar na escolha do modelo oficial. O modelo A, com pequenas supressões, aprovadas pelo idealizador, foi o escolhido, pois as modificações introduzidas no “lay-

out” não alteraram a essência e o simbolismo desejado. Os cortes limitaram-se à coroa mural e foram os seguintes:

- *permaneceram as quatro torres, sem as ameias e portas;*
- *foi eliminado, também, o escudete com a cruz vermelha em campo de prata, com os quatro pingos vermelhos nos ângulos correspondentes.*

O projeto foi desenvolvido em 1959 e transcrevemos o estudo em homenagem ao professor Acácio Vieira de Camargo⁵, “nosso querido e saudoso mestre no Instituto de Educação de Tatuí.”

Modelo A



Descrição - Escudo redondo português que melhor indica a origem do nosso povo, usado pela quase totalidade das cidades paulistas. Escudo pleno. Em campo de ouro - cor que simboliza fé nobreza, sabedoria, poder e liberalidade; em pala um livro em blau (azul) fechado, deitado, com a lombada para a esquerda (do escudo), inclinado de cima para baixo e da direita para a esquerda, sobre o qual se coloca um facho, também em blau, luminoso, simbolizando as escolas e a cultura do povo do município. Sobre o escudo a coroa mural privativa das municipalidades, de quatro torres, das quais só duas se vêem, uma completa no centro e meia de cada lado, como estabelecido

⁵ **Professor Acácio Vieira de Camargo**

Nasceu em 21/11/1904 na Quadra, então distrito de Tatuí, filho de Ignácio Antônio Soares e Alzira Vieira de Camargo. Passou a infância no bairro da Aleluia, na fazenda pertencente à família, indo, em seguida para Tatuí, onde fez o curso primário no atual E.E.P.G. “João Florêncio”. Prestou o serviço militar em Itapetininga e, em 1922, recebeu o diploma de professor pela Escola Normal daquela cidade. Ao retornar a Tatuí, chegou a trabalhar no cartório local como escrevente e, também, como tabelião, onde permaneceu até 1931. No ano de 1932 foi nomeado diretor do antigo Grupo Escolar de Porangaba, atual E.E. “Joaquim Francisco de Miranda”. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932. Foi ainda diretor do Grupo Escolar de Conchas, atual E.E. “João Batista de Camargo Barros”. Na sua formação artística, além de músico, passou a se interessar pela “heráldica”, estudando brasões e bandeiras, a partir de 1931. Autodidata, tornou-se grande conhecedor do assunto, sendo solicitado para criar os brasões de cidades da região “tatuíense”, como Cerquillo, Cesário Lange e Porangaba. Aposentado, voltou a se dedicar ao assunto e, também, ao charadismo. Por muitos anos colaborou com clubes e jornais de São Paulo, Rio de Janeiro e do Porto (Portugal). Faleceu em 15/12/1985. Foi casado com a professora Sílvia Sobral de Oliveira. Deixou filhos.

*está pela perspectiva heráldica, com três ameias e sua porta cada uma, segundo é constante na armaria. Por sobre a porta central da coroa mural um escudete com a cruz vermelha em campo de prata, cercada nos quatro ângulos de pingos também vermelhos. O escudete simboliza o padroeiro da cidade que é Santo Antônio. São as armas da família Bulhão, a que pertenceu o glorioso santo e os pingos são as chagas do escudo da ordem dos franciscanos. Como suportes, uma haste de milho à sinistra e um galho de algodão à dextra, simbolizando as maiores fontes de economia do município. No listel, em baixo do escudo, em letras de ouro sobre fundo azul, a divisa **Labor Pro Brasília** e, pouco abaixo, no mesmo listel, o nome da cidade **PORANGABA** - ladeados pelas datas 1860 - fundação da cidade, e 1928 - instalação do município, colocadas nas extremidades do listel.*

Modelo B



Descrição - Escudo redondo português que melhor indica a origem do nosso povo, usado pela maioria das cidades do Brasil. Escudo bordado de goles, em campo de ouro, que significa fé, poder, nobreza, saber, liberalidade; em pala um livro aberto em blau, encimado por um facho, também em blau, luminoso, simbolizando as escolas e a cultura do povo do município. Na página, à direita, a data de 1860 - fundação da cidade, e na sinistra a data de 1928 - instalação do município, em letras de ouro; sobre o escudo a coroa mural privativa das municipalidades, de 4 torres das quais só duas se vêem, uma completa no centro, e meia de cada lado, como estabelecido está pela perspectiva heráldica, com três ameias e sua porta, cada uma, segundo é constante na armaria. Por sobre a porta central um escudete com uma cruz vermelha sobre fundo de prata, cercado nos quatro ângulos de pingos vermelhos. São as armas da família Bulhão, a que pertenceu Santo Antônio, o padroeiro da cidade, e os pingos as chagas do escudo dos franciscanos. Como suportes, à dextra um galho de algodão em produção, e à sinistra uma haste de milho embonecado, simbolizando as maiores fontes econômicas do município. No listel, em letras de ouro sobre fundo azul, a divisa - **Labor Pro Brasília** - e, em baixo, no mesmo listel, o nome da cidade **PORANGABA**.

O brasão não chegou a empolgar os munícipes. Pouca foi a divulgação, restrita ao âmbito administrativo municipal e é provável, inclusive, que até hoje não tenha sido

comentado e estudado nas escolas públicas...! Uma falha lamentável. O próprio governo municipal limitou o uso, que ficou restrito aos novos modelos de impressos oficiais do município, somente, e não cumpriu integralmente até hoje o que consta na lei.

2.3 O segundo brasão



O **Brasão do Centenário** foi substituído em 1984, através da **Lei Municipal nº 664/84**. Era prefeito o sr. Francisco Alves dos Reis. Para entender o motivo da troca, ouvimos o ex-prefeito que disse: “lembrava-se muito bem da substituição e que o projeto foi desenvolvido pelo sr. Lauro Ribeiro Escobar, heraldista do Conselho E. de Honrarias e Mérito, órgão da Casa Civil do Governo do Estado de São Paulo.

Passaram, então, a ser símbolos do município de Porangaba: **1. o brasão de armas e a 2. bandeira municipal**.

2.4 O brasão de armas

O brasão atual de Porangaba

O brasão de armas do **Município de Porangaba** assim se descreve:

“Escudo ibérico de goles com um castelo de ouro, aberto, lavrado e aclarado de sable, encimado de duas estrelas do segundo e contrachefe de prata carregado de duas faixetas ondadas de blau. O escudo é encimado de coroa mural de prata, de oito torres; suas portas abertas de sable e tem como suporte, à dextra uma haste de milho e à sinistra um ramo de laranjeira, ambos carregados ao pé de feixes de arroz, tudo folhado e produzindo, ao natural. Listel de goles, com o topônimo ‘PORANGABA’ em letras de ouro”.

Interpretação

1. O escudo ibérico era usado em Portugal à época do descobrimento do Brasil e sua

- adoção evoca os primeiros colonizadores e desbravadores de nossa Pátria.*
2. *A cor goles (vermelho) do campo do escudo tem o significado de audácia, coragem, valor, galhardia, intrepidez, nobreza conspícua, generosidade e honra, aludindo aos predicados dos primeiros povoadores da região, legados a seus pósteros, os quais, enfrentando os numerosos e naturais obstáculos, não se deixavam intimidar, propiciando, com seus esforços, à formação da povoação e o desenvolvimento do município.*
 3. *O castelo de ouro, aberto, lavrado e aclarado de sabre (com as portas juntas de alvenaria e janelas de preto), simboliza em heráldica, magnanimidade, salvaguarda, defesa, socorro, proteção e segurança, lembrando o primitivo pouso dos tropeiros que transitavam pelo Sertão do Rio Feio, que constituindo abrigo e proteção contra as intempéries e as feras, veio a ser também a semente da formação do povoado de Santo Antônio do Rio Feio, atualmente **PORANGABA**.*
 4. *A estrela é o símbolo de guia seguro, luz nas trevas da noite, luminoso futuro, aspiração a coisas superiores e ações sublimes, e o metal ouro de riqueza, esplendor, glória, nobreza, generosidade, poder, força, fé, prosperidade, soberania e mando, o todo se referindo ao ânimo dos munícipes, de, sob o guia seguro dos administradores, buscar para sua terra um futuro próspero e esplendoroso.*
 5. *O contrachefe (parte inferior do escudo) é peça honrosa de primeira ordem e o metal prata significa felicidade, pureza, temperança, verdade, franqueza, formosura, integridade e amizade, afirmando o clima de harmonia e compreensão de que desfrutam os munícipes.*
 6. *As faixetas ondadas representam os cursos d'água, a riqueza hidrográfica do município, em especial o rio Bonito, o rio Feio, o rio das Pedras, o rio do Peixe e o rio da Serra. A cor blau (azul) é indicativa de justiça, formosura, doçura, nobreza, perseverança, glória, virtude, vigilância, constância, firmeza incorruptível, dignidade, zelo e lealdade.*
 7. *A coroa mural é o símbolo de emancipação política e, a de prata, com oito torres, das quais unicamente cinco aparentes, constitui à reservada às cidades. As portas abertas de sable (preto) proclamam o caráter hospitaleiro do povo de **PORANGABA**.*
 8. *A haste de milho, os ramos de laranjeira e os feixes de arroz atestam a fertilidade das terras generosas de **PORANGABA**, de que são importantes produtos e apontam as lides do campo como fator básico da economia municipal.*
 9. *No listel, o topônimo "**PORANGABA**" identifica o município.*

O Brasão de Armas de Porangaba é exclusivo do Poder Público e é usado:

Obrigatoriamente -

- nos documentos, demais papéis e correspondência oficial; no Gabinete do Prefeito Municipal; na Sala das Sessões da Câmara dos Vereadores.

Facultativamente -

- nas fachadas dos edifícios públicos; nos veículos oficiais; nos locais onde se realizam festividades promovidas pela municipalidade.

2.5 Bandeira do Município



- A bandeira de **PORANGABA** assim se descreve: retangular, de amarelo, com um triângulo de vermelho movente da tralha, carregado de um triângulo de branco, sobrecarregado do Brasão de Armas. Tem a bandeira 14 M (catorze módulos) de altura por 20 M (vinte módulos) de comprimento; o triângulo de vermelho tem a base coincidente com a tralha e 17 M (dezessete módulos) de altura; o triângulo de branco que o carrega, com a base superposta à do primeiro, tem 13,5 (treze módulos e meio) de altura e o Brasão de Armas tem 7 M (sete módulos) de altura. Os triângulos superpostos formam uma ponta de lança, a indicar o impulso irrefreável com que **PORANGABA** se lança a um futuro promissor.

2.6 Símbolos de Porangaba

Proibição

- É proibido reproduzir e manter os símbolos de **PORANGABA** em locais ou situações incompatíveis com o decoro, bem como em propaganda comercial e política.
- Mediante expressa autorização, e a exclusivo critério do Prefeito Municipal, poderão os símbolos de **PORANGABA** ser reproduzidos em distintivos, selos, medalhas, adesivos, flâmulas, bandeirolas, objetos artísticos ou de uso pessoal, em campanhas cívicas, assistenciais, culturais ou de divulgação científica.
- As reproduções deverão obedecer às proporções e cores originais, ficando para tal arquivado na Prefeitura Municipal exemplares para servir de modelo.
- Na reprodução monocromática do Brasão de Armas é obrigatória a representação de seus metais e cores de acordo com a convenção heráldica internacionalmente aceita.

Hino de Porangaba

Lazaro N. da Silva
Nelson Lacerda

2.7 Hino de Porangaba

Música: Lázaro Nogueira da Silva (Maestro Pingo)

Letra de Nelson Lacerda

*Porangaba, erguida com fé,
Da colina olhando o passado,
Vê tropeiros ousados chegando
Filhos seus, vê plantando café!*

*Porangaba do solo paulista;
És meu pai, minha mãe, meus irmãos.
- Bandeirantes de todos os tempos;
- Bandeirantes da atual geração!*

*E no alto, bem perto do céu;
E lá embaixo, nas margens do rio,
Surge a Vila, o Distrito, a Cidade,
A capela se torna matriz!*

*Porangaba do solo paulista;
És meu pai, minha mãe, meus irmãos.
- Bandeirantes de todos os tempos;
- Bandeirantes da atual geração!*

*Porangaba inda ontem pequena;
Hoje grande, se firma na terra;
Ser mais rica é seu grande desejo,
Progredir é seu grito de guerra!*

*Porangaba do solo paulista;
És meu pai, minha mãe, meus irmãos.
- Bandeirantes de todos os tempos;
- Bandeirantes da atual geração!*

Lázaro Nogueira da Silva (Maestro Pingo)



Iniciou seus estudos musicais em clarinete e saxofone com seu pai. Tocou como primeiro sax alto na Orquestra Tro-Lo-Ló em Tatuí, depois ingressou na Orquestra Irmãos Cavalheiros em Sorocaba e, como profissional, na Orquestra Continental de Jaú. Integrante também da Orquestra Tropicana de São Paulo, posteriormente, na Orquestra do Maestro Adolar da Capital. Em Porangaba tornou-se maestro da Banda Santa Cecília, que foi Tri-campeã do Estado de São Paulo. Esteve também na Orquestra Panamérica de Itapetininga e na Orquestra Sambrasil de Itu. Formou duas bandas de crianças, destacando-se, a segunda, conhecida como "A Bandinha do Pingo". Tocou clarinete na Orquestra de Sopros do Conservatório de Tatuí e integrou a Big Band SamJazz, sob a regência de Héctor Costita, no 33º Festival de Inverno de Campos de Jordão. Atualmente é o maestro da banda do Projeto Esperança de Porangaba, professor de saxofone no Conservatório de Tatuí e maestro e professor da Banda Municipal de Porangaba.

3. TERRITÓRIO, POVOAMENTO E EMANCIPAÇÃO

Sem nenhuma pretensão de questionar o que é aceito como *a história oficial do município*, mas com a liberdade de corrigir as distorções, inverdades, omissões, etc., que venham a ser identificadas, tentaremos reconstituir o que aconteceu quando nasceu o povoado do Rio Feio.



Gertrudes Zulmira da Conceição

Começamos com a “lei das sesmarias”, instituída em Portugal pelo rei D. Fernando, já no século 14, entre 1.381/1.385, que obrigava o cultivo das terras incultas ou abandonadas. Essa lei chegou ao Brasil, somente no século 16, bastante deformada em seu espírito inicial; isso explica sua má aplicação sem a preocupação de que as terras doadas fossem cultivadas ou sequer povoadas. A concessão de sesmarias cessou antes da independência, mas quando já havia sido implantado no país, de modo irreversível, o sistema de propriedade latifundiária. As concessões eram feitas às pessoas de “posses”, aquelas que deveriam ter recursos para explorá-las, daí o grande interesse da aristocracia portuguesa pela imensa colônia, o que se pode comprovar ao analisar a lista dos concessionários.

- ***Dona Gertrudes Zulmira da Conceição***, (minha saudosa avó materna), que faleceu em 1991 quase centenária e bastante lúcida, sempre comentou ter ouvido “histórias” na sua infância, vivida no bairro dos Mariano, onde nasceu, de que as terras da Bela Vista eram da Família Campos de Tatuí. A afirmação, como mera curiosidade, passaria despercebida, mas, ao pesquisar a origem do bairro do Rio Feio, temos a confirmação de que as suas terras pertenceram por concessão às sesmarias dos Campos de Itu e Tatuí, sendo um fato histórico incontestável.

O advogado tatuiano Laurindo Dias Minhoto, na obra “Tatuhy Através da História”, pág. 138, cita: “*O mais remoto documento, que conseguimos descobrir, foi a carta de sesmaria concedida em 10/11/1609, pelo Conde da Ilha do Príncipe, por seu procurador Thomé de Almeida Lara, sendo aquele donatário da Capitania de São Vicente. Essa concessão foi feita a João de Campos e ao seu genro Antônio Rodrigues e nela se lê : “ seis legoas de terras no districto da villa de Nossa Senhora da Ponte (Sorocaba), na paragem denominada Ribeirão de Tatuí, com todos os campos e restingas para pastos de seu gado, como também Tatuí-mirim thé o Canguera, com largura que tiver, com mais trez legoas em quadra no Tatuí - guassú e Canguary, trez legoas para o caminho de Intucatú, seis legoas correndo paraguay abaixo para a parte do Paranapanema, com condição de pagar os dísimos a Deus Nosso Senhor dos productos que dellas colherem”.*

Segundo Aluísio de Almeida (*Padre Castanho*), no livro “Guareí, Nossa Terra”, as terras passaram depois para ***José de Campos Bicudo***, nascido em Parnaíba no ano de 1657, que fez doação aos padres do Convento do Carmo de Itu e de São Paulo, para o estabelecimento das fazendas - Paiol, Capela Velha e Santo Ignácio, ligadas, respectivamente, às origens de Tatuí, Guareí e Botucatu. O direito de posse caducava, caso não fossem cumpridas as cláusulas de doação e foi o que aconteceu. No ano de 1759, com a expulsão dos jesuítas, as terras passaram a pertencer a ***Estanislau de Campos Arruda***, de Itu, que passou a ter três sesmarias, e ***as terras da direita vinham dar em Avaré, Bofete e Porangaba, na altura do atual bairro da Serrinha, na Fazenda São Martinho***”.

O pesquisador e escritor pereirense Paulo Fraletti ao analisar a relação dos Sesmeiros de Tatuí, complementando o estudo feito sobre a ocupação das terras na região, enriqueceu a matéria ao nos confirmar por carta em 28/07/1998: “Também vi na relação a formação da sesmaria de Estanislau de Campos Arruda, que chegava até o trecho de Porangaba e Pereiras, pois nos livros de registro de posses e terrenos (sítios) da Paróquia de Tatuí, de 1854 a 1856, existentes no Arquivo do Estado, encontrei vários terrenos comprados, por carta particular, de Estanislau de Campos Arruda. Antes, existiam já outros sesmeiros como proprietários, na vasta extensão de Botucatu a Sorocaba, entre os rios Tietê e Paranapanema, que o saudoso Aluísio de Almeida dizia pertencer à família Campos Bicudo, de Itu. Eram eles, Manoel de Campos Bicudo (rico bandeirante preador de índios), o genro Antônio Antunes Maciel, o irmão de Manoel, José de Campos Bicudo (também muito rico), o filho deste José de Campos Monteiro e seu genro (do José de Campos Bicudo) Antônio Rodrigues Velho, e mais o irmão dos dois mais importantes, Manoel e José, que era o jesuíta Stanislau de Campos Arruda. Manoel e José doaram terras aos jesuítas de São Paulo para fundar as fazendas Santo Ignácio em Botucatu, e de São Miguel em Guareí, além de doação feita aos carmelitas, de Itu, para fundarem a fazenda Paiol em Tatuí; núcleos, essas três fazendas, iniciais, que deram origem às três

idades: Botucatu, Guareí e Tatuí. Estanislau de Campos Arruda existiam três: o 1º, o 2º e o 3º. O sesmeiro, dono de muitas sesmarias, inclusive em Guareí e Boituva, era o 2º. E existia ainda um 4º Stanislau de Campos Arruda, que já citei atrás, o irmão de Manoel e José de Campos Bicudo, o jesuíta, que era o visitador das fazendas. Essa grande “área sesmeira” dos Campos Bicudo, não fora povoada ou utilizada em muitas das sesmarias ou em parte delas, nem exploradas com lavoura e criação de gado, daí porque, por exigência da lei (inclusive, por morte), voltavam ao domínio da União, como terras devolutas. E entre elas – as devolutas – deveriam estar incluídas áreas ainda não doadas e áreas que ficavam como clareiras, entre as doadas. Está neste caso, a grande área de Pereiras, de Conchas, em parte (que pertenceu a Pereiras), parte de Porangaba e talvez, até, Bofete. Após 1820, muitas das que atribuíam como sesmarias doadas, foram, isto sim, compradas, como no caso da “Sesmaria do Guarapó” (atual Cesário Lange e parte de Tatuí e Pereiras). Para nós, porangabenses e pereirenses, etc., têm interesse mais próximo as posses de terras, em áreas devolutas, pois foi o que aconteceu com a maior superfície geográfica de Pereiras, Conchas, Porangaba e, talvez, Bofete.

Para entender o surto de ocupação de terras, antes da metade do século 19, nas imediações do caminho que formava a estrada de Sorocaba a Botucatu, que passava pela Capela da Samambaia (Bofete), a partir de Tatuí já estavam formados pequenos agrupamentos dispersos - todos dependentes daquela vila que funcionava como ponto de socorro e de negócios. A partir de 1830, mais ou menos, intensificou-se o afluxo de criadores e lavradores para essas áreas.⁶

Como curiosidade, relacionamos os nomes de lugares, sítios, pousadas, capelas e bairros, alguns com âmbitos e denominações hoje alteradas e mesmo desaparecidas, formados então nas adjacências, após consulta no Arquivo do Estado de São Paulo e nos livros da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí, Cartório de Registro de Imóveis de Tatuí e Cartório de Registro Civil de Porangaba, Delegacia de Polícia, etc.:

- *Amaro, Bragançeiro (Pereiras), Samambaia (Bofete), Rio Bonito, Rio Feio (Porangaba), Ribeirãozinho, Palmeira, Passa Três (Cesário*

⁶ *O próprio Governo Provincial desconhecia a situação demográfica e geográfica daquelas áreas, pois, consta nos Anais da Assembléia de São Paulo, o demonstrativo das despesas previstas para o período de 01/06/1842 a 30/06/1843, onde se lê: “O Governo levantará quanto antes uma bandeira de 60 a 80 sertanejos para que, entrando nas imediações de Itapetininga, penetre pelo gume divisor das águas do rio Tietê e Paranapanema até chegar às margens do Paraná, devassando os terrenos laterais e reconhecendo se em tal território existem campos; devendo tanto na ida, como na volta, deixar abertas largas picadas do seu trânsito. Caso se descubram campos, o Governo escolherá a melhor porção destes e obstará que particulares se aposses deles até que a Assembléia Provincial resolva a respeito do uso dos mesmos”.*

Lange), Cachoeira (Serrinha), Ribeirão das Conchas (Ferreira e Miranda), Ribeirão do Campo (Ferreira), Ribeirão da Serra, Saldanha, Almeida (Fogaça), Ribeirão do Meio, Rio da Serra (Soares), Ribeirão de Dentro, Oliveira, Barro Preto, Barreto, Rosa, Carneiro, Ribeirão do Rio Feio, Cassimiro, Capuava de Araçatuba (Quadra), Cândido (Partes), Ribeiro (Partes), Partes (Serrinha), Grama, Ponte do Rio Feio (Piragibú), Boqueirão, Ferino, Martins, Pavoeiro (Mariano/Rio das Pedras), Fabiano, (dos) Luiz, Lili, Carro, Tuvica, Cardoso, Correa (Capuava/Quadra), Matadouro, etc..

Os sítios mais utilizados pelos tropeiros, forasteiros e viajantes para descanso e pouso, eram pontos que funcionavam como centros de dominância em áreas mais ou menos amplas e de povoamento disperso. Ali, além do descanso próprio e dos animais, os “andarilhos do sertão” buscavam provisão, comida, o que explica o surgimento de entrepostos, relações comerciais e as primeiras moradias. Costumava-se dizer que os moradores das cercanias para ali se dirigiam quando necessitavam de **sal, religião ou justiça**. Vinham, periodicamente, procurar **sal, pinga e fumo**; o costume tornou-se importante fator de sociabilidade inter-grupal, pois obrigava os grupos mais arredios e distantes a fazer contato de tempo em tempo com os moradores de outros bairros e do próprio povoado. Precisamente, num desses pontos, no bairro do Rio Feio, nasceu o povoado. No princípio foi o **Sertão do Rio Feio**, cujo agrupamento incipiente estrategicamente formou-se numa elevação, ao lado da trilha simples, por onde passavam aqueles que rumavam na direção oeste, para os lados da Capela da Samambaia, Botucatu e adjacências. Sendo passagem, muitos viajantes, que vinham acompanhados de familiares na ânsia de conquistar o “sertão” e buscar terras férteis, optaram por se instalar nas redondezas, nas chamadas “terras sem dono” e trabalhar na lavoura.

Por isso, mesmo antes da formação e oficialização do povoado do Rio Feio, já existia uma população marginal “rural” presente - eram descendentes ou representantes de sesmeiros da região, prepostos, fazendeiros, negociantes de terras, povoadores anônimos, invasores, com os seus plantios de manutenção (arroz, feijão, milho, mandioca, cana de açúcar, e pequenas criações de animais.

Quanto à subsistência, a alimentação constituía basicamente de produtos de suas roças, especialmente feijão, arroz, milho, cana de açúcar e mandioca. No dia a dia não tinham a carne de vaca à mesa, substituída pelas “caças”, como os macucos, inhambus, pacas, cutias, porcos do mato e capivara – que existiam em abundância. A caça era um momento especial na rotina desses homens,

que conheciam os hábitos dos animais e, principalmente, as técnicas para a captura. Trabalhavam muito para manter suas lavouras e currais, já que as condições eram adversas, pois ficavam, praticamente, ilhados na época das chuvas pelas péssimas condições dos caminhos que se tornavam intransitáveis. O avanço para o “sertão” foi incrementado também por outras causas diversas e poderosas: fuga ao recrutamento militar, perseguições políticas, receio à ação policial, deserção dos contingentes de tropas e da polícia, refúgio de criminosos, etc. - e seria muito cômodo dizer que nossa população inicial ficou isenta desse tipo de gente; existem histórias e mais histórias...!

O aumento populacional da Província de São Paulo se apresentou intimamente ligado à expansão da lavoura cafeeira e, também, ao movimento de incorporação da mão de obra para atender o sistema econômico em desenvolvimento. Iniciou-se com a redistribuição da população negra do Nordeste e Centro para o Sul, já que o tráfico de negros cessou a partir de 1850. Depois, continuou com o influxo de imigrantes estrangeiros, principalmente os europeus, iniciado em 1824 e intensificado a partir de 1870. Mas, sem dúvida, o grande fator de povoamento no século 19 foi o café, com a derrubada impiedosa e predatória de milhões de hectares da floresta tropical. Emigrou, no início, do Vale do Paraíba para a região de Campinas, Mogiana e Paulista, e, mais tarde, chegou à Araraquarense; alcançou Sorocaba e daí atingiu o Oeste, Alta Paulista e Noroeste



Leandro de Moraes e Silva
Fundador

No início da ocupação das terras do vale do rio Feio e adjacências, as variadas culturas agrícolas – as tradicionais e costumeiras, tiveram mais importância que a do café. Dotada de terras férteis, quase na totalidade intocadas e matas virgens, as mesmas eram utilizadas no plantio variado, na chamada cultura de subsistência. É bom salientar que não tivemos em Porangaba, no passado, mesmo no “nosso ciclo do café”, grandes plantações com demanda maior de mão de obra escrava, como aconteceu em Bofete e alguns sítios de Tatuí (Quadra e Aleluia,

nosso vizinhos). Existiu sim o plantio de café, de forma dispersa, em médias e pequenas áreas, com colheita razoável e, no início do século 20, a produção até que não era desprezível, cerca de 1 milhão de pés de café, embora predominasse o algodão.

-
- *Em 1870, mais ou menos, no arraial conhecido como Sertão do Rio Feio, já moravam Pedro José (este provavelmente foi um dos primeiros a chegar), Segismunda Machado, João Machado da Silva e sua mulher Aurélia de Mascarenhas Camargo, Francisco Manoel de Oliveira e sua mulher Silvéria Angélica da Fonseca Bueno, Manoel Isidoro Brenhas e sua mulher Alexandrina Maria, Leandro de Moraes e Silva e sua mulher Firmina Maria de Oliveira, Salvador José da Silva, Vicente Moraes e Francisco Alves.*
 - *Segismunda dos Santos Fonseca, conhecida como **Segismunda Machado**, mãe de João Machado da Silva, tinha, em sua casa, um oratório particular com a imagem de Santo Antônio que a acompanhava havia muitos anos e entendeu que o “santo” deveria ser colocado numa capela pública. Foi, então, erguida no princípio uma pequena e simples capela rodeada de folhas e linhagem, dando-se ao bairro o nome de **Santo Antônio do Rio Feio** (Livro do Tombo da Paróquia de Porangaba).*
-

O modo de criação do povoado mostra a preeminência da formação religiosa e serviu como ponto de concentração inicial. Como comprovação, a doação (por sítiantes) de um terreno ao santo e o nome dado ao bairro. Os moradores das imediações passaram a frequentar o local, assiduamente, principalmente nas festas religiosas. Consultados diversos documentos da época, é possível concluir que o núcleo somente foi **reconhecido oficialmente** após 1870. Citaremos: primeiro, o “Almanak da Província de São Paulo”, 1873, e, depois, o “Trabalho Estatístico, Histórico e Noticioso da Província de São Paulo”, 1875, nos quais o **bairro do Rio Feio consta no Termo (região) de Tatuhy**

A Província de São Paulo possuía no ano de 1870: 39 cidades, 50 vilas e 41 freguesias, e em relatórios e cartas geográficas não encontramos nenhuma referência (oficial) sobre o bairro do Rio Feio. Quando foi criada a Freguesia de Guareí, em 14 de março de 1870, o padre Francisco Assunção Albuquerque, vigário de Itapetininga, registrou no Livro do Tombo: “distando desta cidade (Itapetininga) cinco léguas, confinando com a cidade de Tatuí e a Freguesia da Samambaia de Botucatu (Bofete), existe a capela no meio da povoação (Guareí) bem considerável, com mais de sessenta casas”.

Pode-se observar que não é feita nenhuma referência ao bairro do Ribeirão ou Rio Feio (que viria ser seu vizinho!), mas a Bofete (que já era freguesia), Tatuí e Botucatu.

O povoamento rural da região, incluindo as terras que viriam pertencer a Porangaba, teve início, mais ou menos, em 1823, em núcleos polarizados e dependentes de Tatuí. As primeiras referências que encontramos sobre o lugar chamado de Rio Feio foram: 1º) em 1856, nos livros de registro de terras devolutas ocupadas e compradas, etc. e 2º) em 1867, nos livros de óbitos, casamentos e batizados - todos da Paróquia de Tatuí.. (Arquivo Público do Estado de São Paulo).

Quanto à ocupação da região:

- *O povoamento no bairro do Rio Feio não teve relação com o movimento das “bandeiras” no século 17, como enganosamente muitos afirmam; quase duzentos anos depois nasceu o povoado e, seguramente, pelas terras que viriam formar Porangaba nunca deve ter pisado um bandeirante. É o que podemos deduzir com fundamento nas investigações realizadas.*
- *É interessante registrar, também, que muitos sítios vizinhos que, mais tarde, passaram a pertencer ao município de Porangaba, são mais antigos que o próprio Rio Feio, como o Moquém, Rio do Peixe, Rio das Pedras e Ribeirão das Conchas, Boa Vista (Torre de Pedra).*
- *Outra referência importante é o documento manuscrito pelo padre Manoel Teixeira de Almeida, de Tatuí, de 30/08/1835, um mapa estatístico que dá a dimensão exata da extensão territorial daquela freguesia e a população, invalidando qualquer tese que queira atribuir idade maior a Porangaba, antes de 1860, a data convencionada, já que não existe qualquer alusão ao bairro. O documento está arquivado na Cúria Metropolitana de São Paulo, na pasta pertencente à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí e foi montado somente nove anos antes de Tatuí se separar de Itapetininga - o que ocorreu em 1844.*
- *Outro documento interessante, que se encontra no Arquivo Nacional, firmado em 15 de outubro de 1820 por Domingos José Vieira, 1º Capitão-mor de Itapetininga, é o atestado que comprova que todo território tatuiense, na época, limitava-se aos bairros de Tatuí, Guaxingú e Pederneiras, com cento e trinta e três fogos e uma população total de 252 pessoas. Não existe nenhuma referência a outros bairros.*
- *Com a vigência da Lei nº 601, de 18/03/1850, regulamentada em 1854 (conhecida como a Lei da Terra) é possível entender como se deu a ocupação territorial na região, pois foi a primeira legislação sobre a propriedade de terra surgida no Brasil independente. Visava normalizar e registrar as propriedades que possuísem título legal (sesmaria, compra, herança) ou que tivessem posse comprovada. Os registros foram feitos na freguesia, a cargo do*

vigário local, que abria, rubricava e assinava o livro, encaminhando-o, a seguir, ao Governo Provincial. Poucas sesmarias foram revalidadas ou posses foram legitimadas, conforme exigia a lei. O governo imperial abandonou a inspeção de terras públicas em 1878, depois de ter realizado pouquíssimo para impor a lei. Sendo assim, podemos concluir que a Lei de Terras só fez reafirmar e estimular a tradição latifundiária brasileira.

Diante de tais registros, abriu-se a possibilidade de levantar alguns nomes de pioneiros (os verdadeiros), nos documentos do Arquivo Público do Estado de São Paulo – Setor de Paleografia – no Departamento de Preservação e Difusão de Memória, com a emissão de certidões comprobatórias de registro de terras nos lugares chamados de: bairro do Ribeirão Feio, Peixe, do Ribeirão das Conchas, Torre de Pedra, terras que mais tarde viriam a fazer parte do município de Porangaba.

Bairro do Rio Feio - 1856 (registro)

- **Joaquina Maria de Camargo**, José de Arruda, Antônio Fernandes, Ignácio Xavier de Freitas, José Albino, Gertrudes Machado – terras compradas de Pedro José da Silva em 1853.

Bairro do Rio Feio – 1856 (registro)

- **João Rodrigues da Silva**, Lauriano de Thuledo (Toledo), Antônio Fernandes, José Fernandes, Gertrudes Machado, Vicente José Lemes.

Bairro do Rio Feio – 1856 (registro)

- **José Machado Alves**, José Selestino (Celestino), Pedro de Proença, Joaquim Manoel, Manoel Machado – terras compradas de José Antônio

Bairro do Rio Feio – 1856 (registro)

- **Salvador Ribeiro**, João Lopes, João Florentino, Bernardino José de Camargo.

Bairro do Rio Feio – 1856 (registro)

- **José Cardoso da Silva**, João Florentino Soares, Policarpo José Gomes, Gertrudes Dias – terras que foram compradas de Antônio de Mascarenhas Camello em 1847

Bairro do Rio Feio – 1856 (registro)

- **Policarpo José Gomes**, João Florentino Soares, Antônio de Mascarenhas Camello, José Cardoso da Silva.

Bairro do Rio Feio – 1856 (registro)

- **Henriques de Oliveira**, Ignácio Xavier de Freitas, Cândido Silvestre Domingues, André José de Oliveira, Maria Joaquina – compradas de Floriano Pereira.

Bairro de Torre de Pedra – 1856 (registro)

- **Antônio José de Ávila**, Herdeiras de Pedro José de Ávila, Ignácio Manuel de Sampaio, Pedro Nunes, Manoel Lúcio, Daniel Fortunato e João Pinto de Siqueira.

Bairro de Torre de Pedra – 1856 (registro)

- **Quirino Ferreira de Almeida**, Antônio José de Ávila, Manoel Lúcio, Antônio de Mascarenhas Camello, Gertrudes de Paula Camargo, João Pinto da Siqueira, Luciano José de Ávila.

Bairro do Ribeirão das Conchas (Campos) – 1856 (registro)

- **Bento José Barreto**, Manoel Teodoro de Camargo e Souza, Francisco Pires de Campos, Antônio Bueno de Camargo, Luciano Pacheco, João do Espírito Santo, Luiz de Souza Freire, Bento Correa de Albuquerque, José Ignácio Cassemiro, Francisco Antônio Pereira - terras compradas de Antônio Mascarenhas Camello por escritura pública em 1840.

Rio do Peixe – 1856 (registro)

- **Candido Silvestre Domingues**, Ignácio Xavier de Freitas, Manoel Machado Alves, José Machado Alves, Manoel Ribeiro, Antonio Lourenço Marques, Jerônimo Antunes de Albuquerque, José Manoel Ribeiro, Antônio de Mascarenhas Camello, André José de Oliveira, Henrique Dias – terras compradas por carta particular.

Rio do Peixe – 1856 (registro)

- **Ignácio Xavier de Freitas**, Antônio de Almeida, José Domingues, Maria Leite, Henrique Dias, Candido Silvestre Domingues, Joaquina Celestina – terras adquiridas em 1845 – uma parte de Antônio de Mascarenhas Camello e outra de Pedro José – através de escritura pública.

Ribeirão das Conchas – 1856 (registro)

- **Baltazar da Silva Pinto** e seus filhos Francisco Rodrigues, Lucas e os órfãos João, Francelina, Francisco, Salvador e Antônio; José da Silva, Mariano de Tal, João Lopes de Moraes, Joaquim Franco, Antonio da Silva, Bento Pereira Barbosa, Furtunato Rodrigues da Fonseca, Ignácio da Tal – terras compradas de Salvador da Silva e de Miguel Antunes Bicudo –

Ribeirão das Conchas – 1855 (registro)

- **Salvador da Silva Pinto**, Salvador Machado, Herdeiros de João Antônio de Sampaio (Sesmaria), João Pinto de Oliveira, Francisco de Paula Matosinho, Rafael de Oliveira Pinto, José Pereira de Araújo, Adão de Oliveira Pinto (Herdeiros de Rafael de Oliveira Pinto)

Ribeirão das Conchas – 1855 (registro)

- **Desidério da Silva Pinto**, Moisés de tal, Salvador da Silva Pinto, Felix Bueno de Oliveira, Pedro Leme Cavalheiro, Francisco de Paula Matosinho, - terras apossadas em 1832.

Moradores do bairro do Rio Feio – 1856 (Pioneiros)

José Machado Alves, Manoel Machado Alves, Gertrudes Machado, José de Arruda Ribeiro, Antonio Leite, Vicente José

Leite, Joaquina Maria, Joaquim Manoel Rodrigues, Antonio Lopes de Almeida, José Gabriel Arcanjo, Henrique de Oliveira, André José de Oliveira, João Florentino Soares, Francisco Machado de Oliveira, Vicente Ferreira de Oliveira, Candido Silvestre Domingues, Ignácio Xavier de Freitas, José Cardoso da Silva, Antonio de Mascarenhas Camello, Francisco Firmino Ferreira, João Lopes, Policarpo José Gomes, Jesuíno de Albuquerque, José Manoel Ribeiro, Antonio Joaquim, Bernardino José de Camargo, Mariano José de Melo, Antonio Manoel de Oliveira, Felisberto Manoel de Proença, Vicente José Lemes, João Rodrigues da Silva, Antonio Fernandes, José Fernandes, Amaro Rodrigues de Oliveira (?), Candido Proença, Joaquim Liberto.

Quanto ao povoado, somente em 1874, mais ou menos, começaram as construções em terrenos doados por João Machado da Silva, Francisco Manoel de Oliveira, Pedro José e Manoel Isidoro Brenhas.

- O historiador Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, em “Apontamentos”, 1879, cita a criação da cadeira de primeiras letras, em 1875, no Rio Feio, como bairro de Tatuí.
- Já no ano de 1880, por iniciativa de Francisco Manoel de Oliveira e Manoel Isidoro Brenhas, com o apoio de outros moradores, foi construída uma outra capela “mais decente e maior que a primeira”, no mesmo lugar onde hoje está a Igreja Matriz.
- Curiosamente, os principais colaboradores foram Feliciano do Amaral Camargo e Antônio do Amaral Camargo, que, alguns anos depois, tornar-se-iam líderes protestantes na “Bella Vista”.

O atendimento religioso aos católicos era feito pelo cônego Demétrio Leopoldo Machado, vigário de Tatuí, e por seus coadjutores e auxiliares: padres Francisco José de Miranda (o primeiro professor de primeiras letras que lecionou no Rio Feio), Francisco de Paula Vocca, João Clímaco de Camargo, José Luiz Evangelista Franco e frei Teodoro Maria Portoraro - que, periodicamente, vinham para batizados e casamentos.

As primeiras divergências religiosas surgiram em 1886, quando houve a cisão entre os católicos e nasceu o primeiro núcleo presbiteriano, a ala dissidente formada por membros da Família Amaral Camargo, constituída de fazendeiros, comerciantes, agricultores, etc., com poder econômico e influência política. Curiosamente, até 1885, nomes importantes da família Camargo tinham ativa participação na Igreja Católica local, o que pode ser comprovado pela notícia inserida no jornal “Progresso de Tatuhy, edição de 27/09/1885:

- Rio Feio – “Matriz da Bella Vista” – Foi nomeada uma comissão para dirigir as obras da igreja da freguesia da Bella Vista (Rio Feio), do município de Tatuhy, composta dos cidadãos: Antônio do Amaral Camargo, Francisco da Silva Cardoso e Francisco do Amaral Camargo”.

Embora o capitão Francisco da Silva Cardoso, procurador e zelador da capela, tivesse requerido à Câmara Eclesiástica o reconhecimento canônico em 1892, a Capela de Santo Antônio do Rio Feio, na Bela Vista de Tatuí, somente foi instituída em 1898.

3.1 Evolução político-administrativa

Os moradores do bairro do Rio Feio, logo após a construção da capela, começaram a fazer os primeiros pedidos para o crescimento do lugar. Aos poucos, foram saindo do isolamento em que viviam e passaram a atrair a população dispersa e espalhada nas imediações. Tudo aconteceu de forma natural, com assentimento, mas sem o apoio político de Tatuí. Não havia interesse, por parte dos governantes tatienses de emancipar o populoso bairro de Santo Antônio do Rio Feio, que tinha (e ainda tem) geografia muito favorável com terras férteis e produtivas. Era um verdadeiro celeiro, com peso significativo, na economia do município. O distrito de Quadra passou também por semelhante situação e foi o último a se emancipar. Coisas da política coronelista dominante.

Através de pesquisa direcionada, na Divisão de Acervo Histórico na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, obtivemos dois documentos importantes: um *“abaixo-assinado”* e um *“pedido de informações”*, que foram encaminhados, diretamente, à Assembléia Provincial, antes da proclamação da República e, outro, já nos anos 20 do século passado à Câmara de Deputados e Senado do Estado de São Paulo, solicitando a elevação da *Capela a Freguesia* e, também, do *Distrito a Município*.

São textos de épocas diferentes, instruídos com dados variados e curiosos, que permitem avaliar a ocupação demográfica, a dimensão geográfica, quantificar as propriedades urbanas e rurais, os aspectos urbanísticos, a população escolar, etc. A grande participação dos moradores fica clara, principalmente, no abaixo-assinado, onde aparecem, inclusive, os nomes de fundadores. Na correspondência, nas informações prestadas à Câmara de Deputados, destaca-se a importância do *Juiz de Paz*, então, a maior autoridade do distrito, representando os moradores que lutavam por uma comunidade maior, mais rica e mais povoada. Pediam, então, a inclusão dos distritos de Quadra e Torre de Pedra no novo município, mas a resistência foi enorme. Houve grande oposição, uma disputa intensa, desgastante e a proposta não se concretizou, inteiramente, pela interferência e prestígio dos Vieira de Camargo que conseguiram segurar o distrito de Quadra em Tatuí. São fatos irrefutáveis que mostram o jogo de interesses políticos e que hoje possibilitam entender porque houve tanta demora na emancipação do antigo distrito de Bela Vista de Tatuí.

Obs. No Capítulo 13 constam cópias de documentos e certificados de registro de terras que mostram alguns nomes de proprietários e moradores pioneiros e, também, listam reivindicações dos “belavistenses”, justificando a introdução dada pelo autor.

3.1.1 As Primeiras Autoridades

A evolução político-administrativa de Porangaba teve a seguinte trajetória:

1. A *Capela de Santo Antônio do Rio Feio* tornou-se distrito de *Sub-Delegacia de Polícia* através do Ato de 16/04/1880, quando foram nomeados: capitão João Machado da Silva (sub-delegado) e Simão José de Oliveira (suplente). A Chefia de Polícia da Província de São Paulo era exercida pelo juiz de direito Ventura José de Freitas Albuquerque.
2. Em 1881 a *Sub-Delegacia de Polícia* já era chefiada por José Silvestre Domingues.
3. A *Capela de Santo Antônio do Rio Feio* foi elevada a *Freguesia* pela Lei Provincial nº 02, de 06/02/1885, o que representou o reconhecimento oficial.
4. A Freguesia de Santo Antônio do Rio Feio passou a ser o *Distrito da “Bella Vista de Tatuhy”* em 06/04/1891, através do Decreto Estadual nº 148, quando foi criado o *Cartório de Paz* e empossados os primeiros juizes de paz: tenente Antônio Paulino Telles, Leandro de Moraes e Silva e João Afonso Pereira ; o primeiro escrivão foi o capitão Francisco da Silva Cardoso.

-
- *Obs. Os cidadãos João do Amaral Camargo (juiz de paz), Simão José de Oliveira (suplente) e Salvador do Amaral Camargo (suplente), foram, na realidade, os primeiros juizes indicados e nomeados, mas não chegaram a ser empossados. As nomeações foram anuladas pelo Governo da Província de São Paulo e os nomes substituídos. (Anais da Câmara Municipal de Tatuí –1891). Começava aí o confronto político em decorrência da opção religiosa, agravando-se ainda mais com a chegada do padre José Gorga em 1897.*
-

Com a criação do distrito em 1891, foi instalada a Agência da Procuradoria da Câmara Municipal de Tatuí em Bela Vista, com: 1 Agente de Intendência (procurador), 1 Fiscal e 1 Zelador do Cemitério. Os primeiros nomeados, no mesmo ano, foram:

- *Agente de Intendência:* Simão José de Oliveira – o primeiro agente.

- **Fiscal e Zelador do Cemitério:** Benedito Novaes.

Obs. - No mesmo ano foi substituído na função de fiscal por João Ribeiro de Campos e na zeladoria do cemitério por José Marcelino dos Reis.



Rio Feio, 14 de junho de 1899 - Autoridades do Distrito de Santo Antônio do Rio Feio; na frente, sentados, ao centro, vê-se o padre Gorga, tendo à direita o capitão Cardoso e o tenente João Paes da Silva e em pé, atrás do padre, o capitão Miranda. Não foi possível identificar os restantes.

Autoridades e funcionários municipais em épocas diversas:

5. No ano de 1892, as autoridades eram:
em 31/03/1892, o capitão Francisco da Silva Cardoso foi nomeado **Agente de Intendência**, substituindo Simão José de Oliveira;
em 30/09/1892, Benedito Novaes foi nomeado juiz de paz; exercia a função de fiscal : José Dias da Silva.
6. No ano de 1893, o fiscal era João Francisco Vieira
7. No ano de 1894 foi nomeado juiz de paz: Miguel Machado de Oliveira.
8. Em 1895/96, o fiscal era Pedro Caldeira de Almeida Maciel, que foi substituído em 01/12/1896 por João Ribeiro de Campos
9. No período 1896/97, o Agente da Recebedoria era Sebastião José da Fonseca.
10. Em maio de 1897, o Agente da Recebedoria era Antônio de Campos Pires e o Inspetor Geral de Estradas o capitão Francisco da Silva Cardoso.
11. As autoridades da Bela Vista no ano de 1900 eram: procurador e fiscal: João Ribeiro de Campos; escrivão do cartório: João Paes da Silva; juizes de paz: Francisco da Silva Cardoso, Antônio Paulino Telles e Osório Nunes da Silva; sub-delegados:

Joaquim Francisco de Miranda, João Francisco da Silva e Antônio de Campos Pires. Neste mesmo ano assumiu as funções de fiscal: José Emílio de Mello Palmeira

12. No ano de 1902, o Inspetor Geral de Estradas era o alferes Osório Nunes da Silva.
13. No ano de 1904 os sub-delegados eram: Antônio Fogaça de Oliveira e Paulino Cassetari; escrivão: João F. de Oliveira.
14. A povoação passou à categoria de **Vila**, em 19/12/1906, através da Lei Estadual nº 1038, quando foram nomeadas as seguintes autoridades: escrivão de paz: Sebastião José da Fonseca; juizes de paz: Antônio Paulino Telles, Pedro Domingues Nogueira e Francisco São Pedro Martins; sub-delegados de polícia: capitão Joaquim Francisco de Miranda (titular), Paulino Cassetari (suplente); procurador e fiscal: Leôncio Manoel de Oliveira; agente do correio: João Gorga.
15. Juizes de paz em 1907: 1. João Gorga; 2. Pedro Domingues Nogueira; 3. Francisco Cubas de Miranda.
16. As autoridades locais, no ano de 1910, eram: sub-prefeito: Benedito José Soares, sub-delegado: capitão Joaquim Francisco de Miranda (titular), Firmino Olindino de Mello Palmeira (suplente); juiz de paz: João Gorga; procurador e fiscal: Leôncio Manoel de Oliveira.
17. Em janeiro de 1915 foi eleito pela Câmara Municipal de Tatuí para o cargo de sub-prefeito o capitão Joaquim Francisco de Miranda.
18. Em janeiro de 1918 foi eleito pela Câmara Municipal de Tatuí para o cargo de sub-prefeito o sr. João do Amaral Camargo.
19. No ano de 1922, as autoridades maiores eram: Bento Manoel Domingues (1º juiz de paz) e Firmino Olindino de Mello Palmeira (sub-prefeito);
20. No ano de 1924, foi reeleito sub-prefeito: Firmino Olindino de Mello Palmeira. As autoridades policiais eram: Afonso Avallone Júnior, Cristino Francisco Paulino e Francisco Silvestre Domingues (Chico Cândido). No mesmo ano assume como delegado Aureliano Soares da Mota (Aureliano Palmeira).
21. Em 1925 os juizes de paz eleitos foram: Domingos Manoel de Miranda, João Pedroso de Oliveira e Osório Nunes da Silva – titulares; Paulino José da Rosa, Antônio de Oliveira Pinto e Benedito de Oliveira Vaz – suplentes.
22. No ano de 1927, as maiores autoridades eram: Dassás Vieira de Camargo – sub-prefeito; Domingos Manoel de Miranda – juiz de paz.
- 21 No ano de 1928 – Funcionários municipais: Francisco de Paula Vieira de Camargo – recebedor; Sebastião José da Fonseca – 1º fiscal; Pedro Afonso de Camargo – 2º fiscal; Pedro Piragibu – coeiro e

zelador do Cemitério; Agenor Cesar – zelador do cemitério; José Antônio Seabra – secretário da Câmara; Hereschel Evangelista Pires – recebedor e fiscal de Torre de Pedra; Luiz Carlos Vieira – 1º fiscal; Antonio Brizaco – Iluminação Pública;

- 22 Em 1929 - João Manoel Prado, Antônio José Pereira e Izidoro Rodrigues – funcionários da Limpeza Pública; Antônio Antunes da Silva – Estafeta do Correio;
- 23 Em 1930: Antônio Machado da Silva – prefeito provisório; José Antônio Seabra – secretário provisório; Marclio do Amaral Camargo – recebedor; Antônio Pereira dos Reis Filho - fiscal provisório; Francisco Carneiro da Silva – secretário provisório; Manoel Leme – zelador e coveiro;
- 24 Em 1931: Luiz Carlos Vieira – fiscal; José Antônio Seabra – secretário; João Manoel de Miranda – recebedor; João Paulino Telles – fiscal; João Bueno de Miranda – recebedor
- 25 Em 1933: João Paulino da Silva – fiscal;
- 26 Em 1934: Bento Antônio Rodrigues – zelador e coveiro;
- 27 Em 1935 – Delegado de Polícia: Cornélio Amaral; Escrivão de Polícia: Ernesto Pedroso de Oliveira;
- 28 Em 1936 – Delegado de Polícia – Pedro Dias de Camargo; Escrivão de Polícia: Acácio Domingues;
- 29 Em 1945: Ítalo Ado Biagioni – secretário/contador da Prefeitura Municipal de Porangaba;
- 30 No ano de 1948: João Palmeira – secretário da Câmara (quando foi criado o cargo);
- 31 **Sub-prefeito de Torre de Pedra:** Francisco Jacob Hessel - 1936; Gamaliel Martins de Almeida – 1942; Flávio José de Oliveira – 1943; João Martins de Almeida – 1944; Aníbal da Silveira Pedroso – 1945; Antônio Cardoso de Almeida – 1947; Marcolino Maria de Barros – 1948

3.2 Cenário político inicial

Ao pesquisar a história política de Porangaba - (no início Rio Feio, depois Santo Antônio do Rio Feio e, mais tarde, Bela Vista de Tatuí, sempre como parte daquele município), fundamentado em documentos, noticiário s jornalísticos, livros cartoriais e de capelas, desde as primeiras alusões até a emancipação, fica evidente a subserviência aos políticos da cidade mãe, cujos membros do diretório majoritário pouco ou quase nada fizeram para o desenvolvimento do distrito. As nossas lideranças, sempre de boa fé, eram menosprezadas pelos coronéis e políticos dali, que sempre protelavam as principais

reivindicações da população “belavistense” em troca de pequenos favores, criando sempre a falsa expectativa de progresso futuro. Vejamos, em épocas diversas, a desconsideração e pouco caso:

- Por exemplo, no dia 10/02/1882 deu entrada na Assembléia Provincial de São Paulo uma representação assinada pelos moradores do Rio Feio, pedindo que a capela fosse elevada à freguesia, reivindicação que somente foi atendida em 1885, uma vez que não receberam o apoio necessário dos políticos de Tatuí;
- Jornal “Cidade de Tatuhy”, edição nº .45, de 04/08/1907, publicava: “Estrada de Bela Vista - Constantes são as reclamações que nos aparecem quanto ao péssimo estado em que se encontra a estrada que liga esta cidade a Bela Vista. Com as últimas chuvas que caíram, a estrada se tornou intransitável. O sr. Martinho Guedes, que teve necessidade de ir até a fazenda de seu pai em dias passados, sofreu horrores para lá chegar e, nesse sentido, pede-nos que reclamemos providências urgentes aos sr. Secretário da Agricultura. É demais o pouco caso que se faz dos interesses do nosso povo ...!”.
- Todo movimento reivindicatório visando a emancipação política, iniciado no ano 1922 pelos porangabenses e que pleiteava, inclusive, a anexação do Distrito de Quadra ao novo município, foi totalmente bloqueado pelos políticos de Tatuí.

Logo, a nossa emancipação política foi muito demorada, fato irrefutável do desprestígio político: Tatuí tornou-se município em 1844, Guareí em 1880, Bofete em 1880, Pereiras em 1889, Conchas em 1916 e Porangaba somente em 1927.

Promessas sim, sempre existiram, principalmente, antes das eleições e depois caíam no esquecimento.

- Outro fato desabonador para nossa gente, pode ser encontrado nos “Anais da Câmara dos Deputados de São Paulo”, no ano de 1893: “Na 39ª. Sessão Ordinária, realizada no dia 13/06/1893, deu entrada um ofício da Câmara Municipal de Tatuí pedindo uma verba de 5.000\$000 para a construção de um prédio que serviria de quartel e cadeia na Freguesia da Bela Vista daquele município. E o que aconteceu? Pelo parecer nº 94 da Comissão de Fazenda, os seus membros optaram, simplesmente, pelo arquivamento do ofício, pois, pela legislação vigente na época, a autorização da despesa era de competência do Governo do Estado”. Ora, os políticos de Tatuí já sabiam da tramitação irregular e que o pedido seria indeferido. Nada mais foi feito, e Porangaba somente teve o seu prédio próprio para a cadeia nos anos 60 do século passado; demorou mais de 60 anos para receber o benefício...

Soma-se, também, como descrédito a não construção do prédio para a escola pública enquanto fazíamos parte de Tatuí:

1. em 17/08/1920, o italiano Ângelo Vangioni doou o terreno de 30x28m, localizado na atual rua João do Amaral Camargo (hoje, terreno da Família Barreto), à Prefeitura Municipal de Tatuí, estabelecendo como condição o prazo de

3 anos para a edificação, o que não ocorreu e, conseqüentemente, tornou nula a doação;

2. em 20/09/1922, o português Manoel Ignácio São Pedro e sua esposa Luiza Rodrigues doaram o terreno de 35,52 x 71,04m, localizado à rua 13 de Maio, atual rua João Rosa de Oliveira, livre e desembaraçado, à Prefeitura Municipal de Tatuí, “para nele ser edificada a casa para as Escolas Reunidas desta Vila”. O prédio do Grupo Escolar foi construído nesse local, somente 30 anos depois...

Como justificar tanta falta de interesse? Talvez, a situação política e a postura dos homens públicos da época expliquem. O historiador Boris Fausto, na obra “História do Brasil”, ao descrever a ambiência política da “primeira república”, na Província de São Paulo, retrata o que imperava e acontecia:

- “ O **coronelismo** representou uma variante da relação sócio-política mais geral - o **clientelismo**, existente tanto no campo como na cidade, e a denominação “**República dos Coronéis**” refere-se ao coronéis da antiga **Guarda Nacional**, que eram na sua maioria proprietários rurais com base local de poder. O fenômeno do coronelismo se associa à primeira república (1889/1930). Essa relação resultava da desigualdade social, da impossibilidade dos cidadãos efetivarem seus direitos, da precariedade ou inexistência de serviços assistenciais do Estado, da falta de uma carreira no serviço militar. Essas características todas vinham dos tempos coloniais e na República surgiram as condições para que os chefes políticos locais concentrassem maior soma de poder, como por exemplo a ampliação da parte dos impostos atribuídos aos municípios e da eleição dos prefeitos. O coronel controlava os votantes na sua área de influência e trocava os votos, em candidatos por ele indicados, por favores tão variados como por exemplo um par de sapatos, dentaduras e óculos, além de internações em hospitais e até a nomeação para empregos públicos. Os coronéis dependiam de outras estâncias para manter o seu poder, como o governo estadual; forneciam os votos aos chefes políticos e dependiam deles para propiciar os benefícios prometidos aos eleitores. Dependiam da máquina do governo e do partido”.

O cenário político desfavorável aos “bellavistenses” foi explorado justamente pelo advogado Laurindo Minhoto,

quando iniciava na política. Ferrenho inimigo dos Vieira, fez carreira e chegou à senatoria estadual. Através das páginas do jornal “Comarca de Tatuhy”, editado no início do século passado, sem temer represálias, criticou os políticos de Tatuí, buscando, sempre, o apoio dos “bellavistenses”, o que veio acontecer mais tarde. Encarnou a figura típica do caudilho coronelista, mas é inegável a sua importância e apoio à emancipação política de Porangaba. Nada melhor para comprovar que transcrever trechos de jornais antigos, mostrando os fatos humilhantes à população porangabense que impotente nada fazia.

Jornal “Comarca de Tatuhy”:

Edição nº 6, de 24/11/1907.

“Talvez, os bellavistenses ainda se recordem, com vergonha, da recepção que aqui teve numerosa comissão que dali veio (1906) entender-se com o diretório local a respeito da elevação daquele distrito à categoria de vila. Era ela composta de autoridades locais e de pessoas gradas, nossos amigos privados e políticos, a cujo encontro fomos com o fim de recebê-los e animá-los, pois tínhamos sido o preparador dos papéis e documentos para aquele fim, a pedido dos chefes políticos capitães Joaquim Francisco de Miranda e Francisco da Silva Cardoso. Tal foi a “amabilidade”, com que o diretório político tratou aquela gente, que se não fosse a intervenção amistosa de nossa parte, ela não teria sido recebida. Tão dura foi a desilusão e tão insuportável foi o vexame a que se submeteram, que a primeira autoridade daquele distrito, (o tenente Antônio Paulino Telles - Juiz de Paz), no ímpeto ocasionado pelo sangue que lhe subiu às faces, exclamou referindo-se ao presidente do diretório: **Isto não é ser pai, é ser padrasto!** A política dominante em Tatuhy, desde que empolgou o poder há 12 anos, não tem em seu favor um ato de benemerência em prol de Bella Vista, da qual jamais zelou, nem com a qual jamais se incomodou. E a despedida foi tal qual, pois teve a honra de ser feita em verso dirigido ali à pessoa de colocação saliente: *Adeus, adeus tenente, Adeus homem de talento, Adeus cavalo, adeus égua, Adeus burro, adeus jumento!*

Havia, ainda, o pedido de instalação da água encanada (o mais grave problema da Bella Vista), já com verba suficiente reservada no orçamento da Câmara de Tatuhy, mas o dinheiro lá não chegou, porque viajou ... Todo dinheiro foi desviado para a abertura da estrada de Conchas”.

Edição nº 37, de 28/07/1908

“Sempre preterida pela Câmara Municipal, o jornal publica a insatisfação com os políticos de Tatuhy, que não tinham o menor interesse em solucionar os problemas daquela freguesia. A reclamação iniciava por haver perdido, há muito tempo, para Tietê, terras do nosso distrito, isto é a Capela de São João (9km); Rio Bonito já havia ficado com as caídas do rio do mesmo nome (7km); Guareí estava tentando ficar com grande parte das terras do nosso distrito, reivindicando que as divisas chegassem próximas às terras do capitão Miranda (7km), e não havia quem a isso se opusesse? A única voz era a do Juiz de Paz! O que fazia a Câmara Municipal de Tatuhy? (Não esquecer que fazíamos parte de Tatuí). Antes das eleições, muitas promessas. O único melhoramento feito foi defronte a Igreja Matriz, e pequenos reparos em algumas ruas. As providências estavam suspensas e a água potável, que é um dos melhoramentos indispensáveis, já não temos esperanças de obter e o povo está sentido grande falta desse líquido, tendo já seus poços secos. No bairro das Partes (próximo a esta) já está grassando “febre de mau caracter”; hoje, sepultou-se um e já faleceu outro da mesma febre e diz alguém que é devido à água péssima que estão bebendo, e que será de nós aqui? Apelamos para a Providência Divina que remedeie a todos, pois a nossa Câmara é impassível a todas as nossas reclamações e necessidades! Aqui não temos garantias, os cidadãos e suas casas estão

sujeitos à violência. Pessoas colocadas são postas em pasquins pelas esquinas. Disparam-se tiros em diversos pontos e, alta noite, atiram pedras e dão “esbarros” até em casas de famílias. E a quem pedir providência? Polícia não temos, um soldado que aqui existia, há mais de três meses foi recolhido. Em vista de tantas misérias, muitos eleitores vão se manifestar em prol da política chefiada pelo Dr. Laurindo Minhoto e seus dignos companheiros, confiando que terão compaixão dos habitantes desta povoação tão desprotegida e lançada às moscas”.

O político Minhoto, na ânsia de conquistar os votos da Bela Vista, aproveitou-se da situação caótica e publicou artigo com o título “*A Nossa Profecia*”, do qual extraímos a seguinte frase que mostra o descaso:

“Percorrendo a história daquele distrito de paz, desde sua fundação até hoje, ninguém encontrará um ato, um fato, uma providência da política de Tatuhy, em proveito do engrandecimento daquela freguesia”.

Edição nº 45, de 23/08/1908

“Socorro público - Poços em Bella Vista” - “Há quase quatro anos, tantas e tão justas foram as reclamações que daqui foi para ali a célebre e memorável comissão de água estudar o assunto. Aquele povo, batendo-se por água e sofrendo os horrores da sede, exaspera e grita. Entretanto, até hoje, ninguém cuidou de dar água à Bella Vista, e o dinheiro, que lhe era destinado, viajou... Uma antiga disposição da lei municipal daria à Bella Vista 70% de suas rendas. Pela recente lei estadual, os distritos de paz têm direito a 50%. Há falta de dinheiro? Não, porque temos feito aqui calçamento caríssimo, jardins em superabundância e estamos fazendo mais um teatro. Para acalmar o clamor popular, promete-se mandar ali alguns poços públicos....

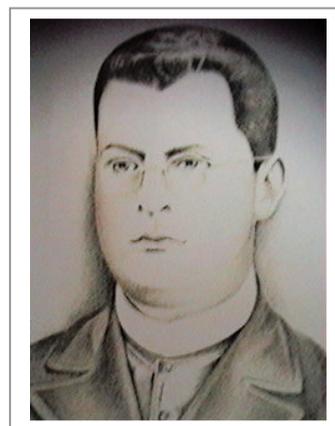
Edição nº 47, de 06/09/1908

“Povo Explorado” - Eis alguns trechos da matéria em que o político Laurindo Minhoto acusa o diretório de negligente: “Explorado vive o povo de Bella Vista, porque só paga imposto e não vê melhoramentos, por mais insignificante, na sua povoação. Explorado, porque quando aqui mandou a “flor” do seu pessoal tratar de assuntos políticos, não foi recebida, sendo rechaçada. Não se queria substituir o encanamento de água por poços, na praça pública, onde as condições de higiene são impossíveis e não se praticam. Ora, é límpida e leve a água de Bella Vista? Não sabe o diretório que ela é grossa e cor de leite? Tem sabor agradável e é inodora? Pudera! Cheira barro podre e só com xarope pode ser tolerada pelas pessoas que não estão habituadas, por ser salobra e de gosto insuportável”. “Antes, prometeu tudo, até um camarista (vereador), um representante no diretório; obteve votos, elegeu a Câmara e agora manda abrir um poço... Qual o local escolhido? Um terreno pegado ao matadouro, debaixo do morro, sobre o qual está o cemitério, à beira de um banhado, que recebe toda a sujidade dos quintais, onde há chiqueiros de porcos, latrinas, etc.”. –

(Trata-se do “poço da bomba”, que resistiu até a instalação da água encanada)

Através de artigos publicados, deduz-se que o político Laurindo Minhoto aproveitou todas as oportunidades para criticar o diretório majoritário e a Câmara Municipal daquela cidade pela pouca atenção dada à Bela Vista, pois era de seu interesse arrebatar todos os eleitores belavistenses. Pretendia derrotar os Vieira de Tatuí, (na época contava com o apoio dos Guedes), e bastava ter a adesão dos políticos da vila – o padre Gorga e capitão Miranda - para atingir o intento. Usou de todos os meios possíveis para acabar com a antiga aliança e, finalmente, conseguiu.

Figura controversa, ele foi elogiado e criticado ao mesmo tempo pelo comportamento político. Idolatrado pelos companheiros, que protegia e defendia abertamente, era odiado pelos adversários quanto aos métodos utilizados. Foi eleito deputado e senador do Estado de São Paulo. Bastante combatido, sempre foi sagaz e dominou a região por muitos anos. O desinteresse do diretório político majoritário em atender as reivindicações locais facilitou o seu objetivo. Ao quebrar a aliança que existiu com os Vieira e, mesmo após o rompimento com os Guedes (os seus primeiros companheiros), procurou atender de forma satisfatória o maior anseio dos porangabenses - **a emancipação política** - mas com o cuidado de não perder a liderança e manter a subordinação do novo município a Tatuí, quadro que perdurou por muitos anos, já que tudo estava centralizado na Comarca, inclusive, as decisões.



Padre José Gorga

Partia-se da premissa de que tudo que era bom para Tatuí, era bom para os distritos. Hoje sabemos que Bela Vista e Quadra foram os grandes prejudicados; formavam o grande celeiro agrícola tatuiense, daí a demora à emancipação. Os interesses econômicos, como nos dias de hoje, falavam mais alto. Os efeitos, embora tenha passado tanto tempo, ainda são visíveis nos atuais municípios, que lutam para melhorar a infra-estrutura e alcançar o crescimento desejado.

O advogado Minhoto somente cresceu politicamente quando dominou toda a região, estabelecendo bases fortes em Pereiras, Guareí e Porangaba. Mordaz, criticava abertamente através do seu jornal os políticos (não perdoava ninguém!) quando não era atendido e, afeito às alianças, não titubeava em desmanchá-las quando os seus interesses eram contrariados. Foi o maior

cacique político de Tatuí. Exercia o poder com mão forte e que ninguém ousasse enfrentá-lo “sem se machucar”; é o caso do brutal assassinato de André Lange em Tatuí, no ano de 1924. O filho de Cesário Lange criticou e denunciou alguns atos políticos nebulosos e, simplesmente, foi liquidado.

Célebre foi também o seu confronto com o padre Gorga, Vigário da Paróquia da Bela Vista de Tatuí, quando tentava quebrar o elo dos “belavistenses” com os Vieira, assim descrito nos jornais da época.

Jornal “Cidade de Tatuhy”

Edição de 01/03/1908 (Trechos)

Publicação endereçada ao dr. Laurindo Dias Minhoto.

“É pela primeira vez, depois de 38 anos de vida, que me vejo obrigado a defender-me pela imprensa de certas acusações. De volta de São Paulo, onde fui chamado com urgência, quis escrever-lhe uma carta particular **em agradecimento às acusações** que fez de mim à DD. Autoridade Diocesana, mas... preferi o silêncio. A “Comarca de Tatuhy” no nº. 17, do dia 09 do corrente mês, estampou um artigo sob o título **Intriga Miserável**, que assim termina:

- “*todavia, se S. Revma entender que não fomos justos ou que merece reparos esta nossa exposição, receberemos, com gentileza, para publicar, qualquer correção que nos queira enviar*”. O artigo merece reparos e reparos urgentes para que os meus DD. Superiores e os amáveis leitores possam julgar a minha conduta; portanto, com a devida licença, faço as seguintes observações: Em certas partes do seu artigo, o amigo me elogia e me dispensa toda simpatia e consideração; em outras me ataca, me acusa e me calunia... Eis as suas palavras: “Já temos dito e o nosso tirocínio de advogado, em dezessete anos, prova que jamais acusamos, nem para ganhar dinheiro, no exercício lícito da nossa profissão. E não nos levaríamos a acusar um padre de quem somos amigo particular e do qual até fomos defensor, quando envolvidos no célebre processo dos 37 católicos... tivemos oferta de 1.500\$000 para acusar aquele padre e rejeitamos. Sempre fomos íntimos daquele padre e por isso, particularmente, procuramos todos os meios de afastá-lo da política contrária à nossa ou trazê-lo para nosso lado..”.
- “*Se o dr. realmente não fosse capaz de lançar lama indébita contra quem não merece receber, por que, então, me acusou a DD. Autoridade Diocesana, dizendo que eu sou o chefe político desta Freguesia, que por minha causa diversas famílias desta localidade tinham abraçado o protestantismo e que a bem da religião, a DD. Autoridade Diocesana tinha de transferir-me desta para outra paróquia? Por que remeteu à Autoridade Diocesana uma minha carta particular que lhe escrevi com a data de 28/11/1907? Se tivesse se lembrado da carta que me escreveu com a data de 02/12/1907, certamente não teria caído em contradição*”.

Dizia: “*todavia, garanto-lhe que serão tratados com toda a deferência, respeito e carinho, como antes, embora eu tenha necessidade de os substituir por gente nossa*”...

- *No processo contra os protestantes, os acusadores eram dois e só lhe ofereceram 1.500\$000; os acusados 37, que lhe deram muito mais. Finalmente, se eu não tivesse minha palavra empenhada (na qualidade de eleitor, bem entendido, e não de chefe) com o partido ao qual sempre pertenci e ao qual sou fiel, e se estivesse ao seu lado, ah!, então, o padre de Bela Vista era um padre correto, podia votar, podia distribuir cédulas na sala da eleição, podia até ser chefe político..., mas achando-me ao lado do chefe político*

desta localidade, que é meu amigo e compadre e distinto católico, para juntos defendermos o partido católico e não deixar dominar os protestantes (os quais não gostam mesmo de política), o padre de Bela Vista não pode votar, pois isso é crime!... Amigo e doutor, diga lá o que quiser; a questão em Bela Vista é religiosa e não política e, portanto, enquanto aqui residir não posso deixar de ser companheiro fiel do capitão Miranda e do coronel Francisco Vieira de Camargo, que são católicos e homens prestantes, que gozam da inteira simpatia do eleitorado desta zona. O cônego José Rodrigues de Oliveira, Visitador Diocesano, que aqui esteve em 1902, testemunhou as perseguições que por ordem do saudoso Chefe Político de então (capitão Francisco da Silva Cardoso) eram praticadas contra mim e os católicos, e dos quais o próprio visitador foi alvo também. Para irmos à igreja para cumprir nossas obrigações, tivemos de passar no meio de quatro soldados, de armas embaladas, com a ordem de disparar no povo, se, naquela noite, a banda de música, da qual eu era o diretor, nos tivesse acompanhado. Que belos tempos!... Que tempos saudosos!... O Visitador Diocesano comunicou o ocorrido ao bispo D. Antônio Alvarenga e, logo depois, o destacamento foi substituído e o saudoso chefe político caiu. A queda daquele chefe não deu como resultado a minha ascensão a chefe político, como o amigo e doutor afirma, mas ficou substituindo-o (na política, bem entendido, e não nas perseguições) o capitão Miranda. Vamos adiante, que culpa tenho eu, se com a queda que aquele chefe levou, abraçasse o protestantismo? Que culpa tenho eu, se o irmão dele, traindo a própria consciência, seguisse as mesmas idéias perversas? A DD. Autoridade Diocesana, estou certo, não dará crédito a essas calúnias, mas, se o exigir, posso dar as explicações e apresentar os documentos que a caridade manda. Diz que, aí em Tatuí, os protestantes não possuem um templo igual ao que se encontra em Bela Vista; mas, Santo Deus!, nem eu e nem os católicos daqui fornecemos dinheiro aos protestantes para edificarem o templo presbiteriano e, portanto, nada tenho com isto. Se os protestantes daí não possuem o templo é porque, talvez, tenham mais juízo em empregar o seu dinheiro...

- *Lembre-se que nos dia 22 ou 23 de junho, pp., em Guareí, quando o doutor me chamou na sacristia, às portas fechadas, me comunicou o desfalque, o escândalo que ia dar e o rompimento político. Não pode afirmar que eu disse que se o coronel Francisco Vieira de Camargo concordasse, eu assinaria o seu programa e entregaria a política que das suas mãos tinha recebido e me retiraria; isto, o amigo não pode afirmar. Eu disse que havia de ser companheiro do coronel Francisco Vieira de Camargo, a quem devo muitas obrigações, e do capitão Miranda, chefe político que tantas fizesas me dispensou. Que se o amigo conseguisse as assinaturas destes, a minha estava pronta também e, tanto isto é verdade, que ficou estabelecido irmos em um dia marcado à fazenda do coronel Francisco Vieira para tratarmos disto e esta nossa viagem ... foi remetida às calendas gregas. Faltou com a verdade quem lhe referiu que voltei de São Paulo ufano ... que trouxesse carta branca para trabalhar na política. Não é crime e nem é proibido o padre votar, o padre não comete crime distribuindo cédulas aos seus amigos, convidando-os para o dia da eleição, especialmente aqui em Bela Vista onde há um grupo insignificante de protestantes com a mania de dominar. Eis, amigo e doutor Laurindo, feitos os reparos que tinha a fazer... Feito isto, peço-lhe vênha para declarar que nada mais tenho a dizer sobre o assunto e se o amigo voltar pela imprensa, a minha resposta será o silêncio. Bela Vista de Tatuí, 13/01/1908. Padre José Gorga.*

Jornal “Comarca de Tatuhy”

Edição de 15/03/1908 (Trechos)

Resposta do dr. Laurindo Minhoto

Ao Revmo. Sr. Padre José Gorga

- *Peço vênia para contestar alguns pontos dos seus reparos. Antes de entrar na demonstração, cumpre um dever de sinceridade e cortesia, enviando a V.Revma. os meus agradecimentos pela maneira atenciosa de que usou, dando-me a honra da sua resposta.*
- *“Por que remeteu a DD. Autoridade Diocesana uma minha carta particular, que lhe escrevi com data de 28 de novembro de 1907? Pergunta-me V. Revma. num dos pontos do seu artigo. ... muito me lembro do conteúdo dessa carta, porque a tenho em minhas mãos e não a remeti a DD. Autoridade Diocesana, como afirma. Para certificar de fato, à V. Revma., peço licença para lhe devolver, registrada, com recibo de ida e volta, para que se convença disso, e a receberá com este jornal.*
- *“Amigo e doutor, diga lá o que quiser; a questão em Bela Vista é religiosa e não política..”, escreveu V.Revma. Há sim um rompimento político-municipal, que afeta o eleitorado do município, cabendo àqueles que quiserem se pronunciar por esta ou aquela facção partidária, e o eleitorado de Bela Vista, chefiado por V.Revma., pertence à 4.ª. seção municipal. Se é um todo, como ninguém pode contestar e se a questão é religiosa, como explica V.Revma. que entre os eleitores do nosso partido aí domiciliados e, portanto, da 4.ª. seção, existam católicos, não poucos? Cria V.Revma. que essa alegação só serve para cabalar e convencer caipiras ignorantes, que engolem a pilula, assim como dão tiros na lua, em ocasião de eclipses. Ora, como quer V.Revma. que a questão seja religiosa, quando eu o procurei, com o sr. capitão Miranda, ao mesmo tempo que conferenciei com os protestantes, para que fizéssemos um só todo político?*
- *Se a questão é religiosa, como se concebe que V. Revma. é chefiado por maçons de alto grau, aliando-se com os mesmos e contra nós, entre cujos chefes reconhecidos pela Comissão Diretora não há nenhum maçom? A Maçonaria é ou não condenada pela Igreja? Como se pode escrever que a questão é religiosa, quando os protestantes, residentes nesta cidade, pertencem ao partido de V.Revma.?! Revmo. Padre Gorga, escreva tudo quanto quiser, mas coisa que não caia no ridículo, como esta, pois toda a gente sabe que o nosso partido não faz questão de religião ou seita e alista gregos e troianos, com tanto que saibam ler e escrever e tenham 21 anos, conforme a lei.*
- *... Segundo já escrevi, fui, por duas vezes, ao Exmo. Sr. Governador do Bispado pedir-lhe que coibisse V.Revma. de se intrometer na política municipal, como chefe que é. Porém, como isso não foi bastante, porque V.Revma. prosseguiu, prossegue e prosseguirá, escrevi ao Exmo, Sr. D. Duarte, no mesmo teor. ... não o acusei de atos desairosos, nem privados. Apenas fiz ver sua atitude na política e pedi que me poupassem as consequências de um choque com um padre a quem muito respeito e contra o qual não queria me abrir. Ponderei os inconvenientes para a religião, de se achar V.Revma. chefiando uma facção, quando deveria ser o pastor de todos e o primeiro a procurar a união e a concórdia. ... Pedi que fosse removido para uma paróquia melhor que a sua, pois não era senão seu amigo e só lhe desejaria melhoria. ... Se assim procedi, foi porque me disseram que a Autoridade Diocesana não admitia padres a chefiar partido político. Mas não me disseram que para essa regra, havia exceção. Eis as explicações que julgo necessárias, terminando assim o incidente. Tatuí, 11/03/1908. Laurindo Dias Minhoto.*

O atrito marcou o início do declínio político do padre Gorga, que, mesmo assim, manteve-se à frente da paróquia por quase dois anos. Foi transferido para Pereiras, onde tomou posse em 28 de novembro de 1909,

e ali se desvinculou totalmente de política. Coincidentemente, com a saída do polêmico sacerdote, católicos e protestantes passaram a conviver em paz. Na época, o capitão Francisco da Silva Cardoso aqui já não mais se encontrava e o capitão Miranda passou a comandar a política local.

3.3 Maçonaria

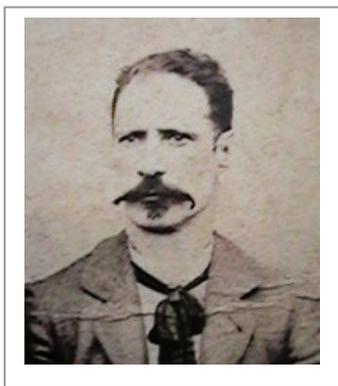
Histórico

*Sociedades poderosas, envolviam-se na estrutura do poder da maioria dos países, em função da disputa que começara no início do século XVIII, quando os reis ingleses da dinastia de Hanover, em luta contra os Stuart católicos, filiaram-se à uma organização secreta que estava sendo reorganizada. Os maçons ingleses, que praticavam o rito **azul**, acreditavam em Deus, na defesa do rei e da Constituição, no trabalho de conscientização de cada indivíduo e nas mudanças progressivas - dentro do seu país. Para os outros empregavam fórmulas bem diferentes, que logo se expandiram. Na década de 1730, maçons ingleses fundaram o primeiro agrupamento maçônico na França, que seguia outra cartilha e difundiu-se pelo mundo dos adversários dos ingleses.*

*O rito francês ou **vermelho**, que se fortaleceu após a Revolução Francesa, pregava a destruição da monarquia, o ateísmo e o republicanismo. O Brasil entrou nessa movimentação desde cedo. Os inconfidentes mineiros, muito dos quais maçons, mantiveram contato com líderes da maçonaria vermelha, pedindo auxílio para seu projeto de instaurar uma república no Brasil. A própria bandeira da Inconfidência - o triângulo mineiro, um dos símbolos mais caros aos maçons, não deixava nenhuma dúvida quanto à inspiração do movimento. Aqui, o confronto decisivo entre as facções ocorreu em 1822. Já em 1831, tanto o Grande Oriente Brasileiro (vermelho) como o Grande Oriente do Brasil (azul), reinstalados, ensaiavam passos para a união ou tentavam diminuir as divergências.⁷*

⁷ “ Sociedade secreta muito difundida em todo mundo, que adota o princípio da fraternidade e da filantropia entre seus membros, chamados maçons livres. A sociedade é inspirada nas corporações medievais dos maçons (pedreiros) e surgiu em Londres, em 1747, para incentivar a ajuda mútua e o sentido de fraternidade. Os membros das diversas “lojas” da ordem maçônica são principalmente profissionais liberais. Mulheres não são admitidas como membros. A maçonaria não é uma religião, embora os membros geralmente professem a crença em um Ser Supremo e sigam os preceitos da moralidade, caridade e obediência à lei. Em alguns países da Europa e da América, como na Itália, França e Brasil, a maçonaria tradicionalmente atraiu livre-pensadores e outros indivíduos de convicções anticlericais, encontrando por isso a oposição da Igreja de Roma, que considera o caráter da sociedade secreta e os princípios e juramentos maçônicos incompatíveis com a doutrina católica. No Brasil, durante o período que antecedeu a Independência, as lojas maçônicas funcionaram como centros de atividade política e a maçonaria passou a representar um núcleo irradiador das idéias do liberalismo”. (Nova Enciclopédia Folha - 1998)

3.3.1 A Maçonaria em Porangaba



**Francisco da Silva
Cardoso**

Para entender a história da maçonaria na região de Tatuí – a cidade mãe - é preciso destacar que: 1º. a primeira loja maçônica Caridade III, ali fundada, foi em 12/08/1833, liderada por Antonio Rodrigues da Costa; 2º a segunda loja – Regeneração, foi em 11/10/1875 e se enquadrava entre as chamadas Lojas Republicanas, tendo como destaque o republicano Antonio Moreira da Silva.

A Maçonaria não teve nenhuma influência na história política de Porangaba. Aqui não existiu loja maçônica e, se viveram pessoas rotuladas de **maçons**, foram poucas, já que conseguimos comprovar somente dois nomes:

- **Capitão Francisco da Silva Cardoso** - português, membro da Guarda Nacional, chefe político, ocupou cargos importantes na comunidade; embora tivesse sido zelador da capela, converteu-se ao protestantismo no início do século passado; era filiado à Loja Maçônica Caridade III, de Tatuí.
- **Pastor José Zacarias de Miranda e Silva** - mineiro de Baependi, foi o primeiro pastor presbiteriano de Porangaba; era filiado à Loja Maçônica Perseverança III, de Sorocaba.
- **Obs.** É possível que houvessem outros filiados, mas, olhando Livros de Loja Maçônica Caridade II de Tatuí, nada encontramos. Existem manifestações apaixonadas de membros de famílias antigas, reclamando a inclusão de parentes próximos e outros ascendentes nas lojas de Tatuí e Sorocaba, todavia isso se deve mais ao aspecto gregário da questão para valorizar familiares, porém falta a comprovação.

3.4 Lideranças Políticas

João Machado da Silva foi o **primeiro** Delegado de Polícia e Simão José de Oliveira o **primeiro** Intendente. Exerciam certa liderança política quando o povoado se formava, mas o **primeiro** chefe político, de fato, foi o capitão Francisco da Silva Cardoso, português, pessoa influente, ligado à maçonaria e ao diretório majoritário de Tatuí, chefiado pelo coronel Chico Vieira. Foi ainda o **segundo** agente de intendência e, por muito tempo, o homem de confiança dos “coronéis” de Tatuí na Bela Vista. Recebeu sempre o apoio dos membros da Família Amaral Camargo, pois sua esposa América Kuntz Cardoso, a primeira professora, professava a religião presbiteriana. Chegou em 1885, quando sua esposa assumiu a escola feminina e somente começou a perder o domínio político com a vinda do padre Gorga, que passou a receber maior atenção dos Vieira. O choque entre católicos e protestantes no ano de 1899, que resultou no processo crime conhecido como **Processo dos 37 Católicos**, mesmo após o ato sentencioso, serviu para piorar o relacionamento do capitão com o padre.

Cardosinho, como era chamado, manteve certa neutralidade, mas sendo testemunha-chave e cidadão de peso pelo prestígio que desfrutava, não poupou os católicos no episódio. Isso desagradou muito o padre, que já desconfiava de sua simpatia pelos protestantes, fato comprovado tempo depois quando se converteu à crença presbiteriana e influenciou, também, o irmão Manoel, que fora um dos líderes dos católicos no confronto político/religioso ocorrido em 1899.



Joaquim Francisco de Miranda

A partir dessa data fortalece a oposição na política local, tendo a frente os membros da tradicional Família Amaral Camargo. Então, os acontecimentos políticos futuros mostraram que houve confronto dentro do próprio grupo situacionista. Os protestantes, mesmo na oposição, tiveram alguns membros participando do governo local, mas nunca conseguiram vencer uma eleição sequer.

Padre Gorga foi o *segundo* chefe político, embora ficasse sempre na retaguarda por força de sua atividade religiosa. Desentendeu-se com o capitão Cardoso e não aceitou a interferência do Senador Minhoto, sendo esses os fatos que facilitaram a ascensão política do capitão Joaquim Francisco de Miranda. Em 1903 o capitão Miranda passou a ser o representante do Partido Republicano na Bela Vista e *foi, sem dúvida, o chefe político mais poderoso que teve Porangaba.*

Ligado, inicialmente, aos Vieira e depois ao dr. Minhoto, tornou-se imbatível; nunca perdeu eleição e fez, ainda, o seu sucessor político - o cunhado Dassás Vieira de Camargo, o último representante da oligarquia política que dominou Porangaba por muitos anos.

Contou, certamente, com o carisma e a inegável liderança para assegurar tão longo domínio, mas foi auxiliado pela sucessão de inúmeros acontecimentos, alguns até obscuros e fantasiosos. Chegou a morar em Tatuí. Dentre seus fiéis seguidores, destacaram-se: Benedito Fogaça Leite, Antônio Florentino Soares, Firmino Olindino de Mello Palmeira e João Batista Mendes.

- O assassinato do camarista tatuiano Benedito José Soares (Nhô Tico), sub-prefeito na Bela Vista, em 1910, no conflito entre “*hermistas*” e “*civilistas*”, destruiu a liderança que aqui começava a crescer e ameaçava a supremacia dos coronéis de Tatuí, sendo o caso abafado pelos políticos ligados ao dr. Minhoto.

O crime teve repercussão estadual, quebrou a perspectiva de qualquer alteração no comando político local e mereceu até a inserção no livreto publicado pela Secretaria da Justiça e Segurança Pública sobre os crimes políticos em São Paulo. A oposição política ao capitão Miranda já crescia na Bela Vista e, dentre os opositores, já eram identificados, além dos protestantes, outros porangabenses de prestígio.



Dassás Vieira de Camargo

No início dos anos 20, a liderança incipiente do moço **José Antônio São Pedro** era inquestionável, tido como

empreendedor, atuante na sociedade local (negociante, diretor do clube recreativo e da banda), ajudava a população carente, era participativo e a esperança da comunidade para a condução do progresso de Porangaba, todavia um ***lamentável acidente*** ceifou sua vida.

-
- *Foi baleado acidentalmente pelo jovem estudante Francisco Manoel Domingues (Chiquinho Cândido), pertencente a tradicional família local, quando juntos examinavam um revólver. O acidente destruiu também a vida do estudante, que inconformado ficou muito doente e abalado; abandonou os estudos e sempre carregou a culpa até sua morte, embora fosse inocentando pela vítima. Tudo levava a crer que José Antônio, pelo prestígio que desfrutava, poderia ter optado pela política e muito teria feito por Porangaba.*
-

O capitão Miranda começou a se afastar da política, aos poucos, já nos anos 30 (século passado), após a emancipação política. Tendo conseguido eleger o **primeiro** prefeito municipal, o cunhado **Dassás Vieira de Camargo**, continuou a presidir o diretório local do PRP - *Partido Republicano Paulista*, como mentor maior e conselheiro. Sua carreira política também esteve ligada à ascensão e queda do dr. Laurindo Minhoto.

Após a Revolução de 1930, quando aumentou o desprestígio dos coronéis, o seu grupo sofreu o primeiro e grande abalo político com a intervenção e nomeação de uma Junta Governativa em Porangaba, formada por elementos protestantes da oposição, da família Amaral Camargo.



João Pedroso de Oliveira
Vereador, Juiz de Paz e Delegado

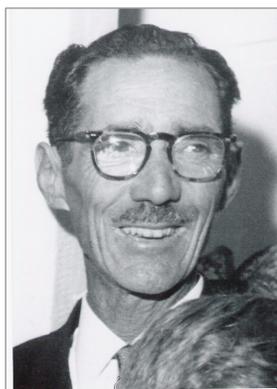
O diretório do Partido Democrático em Porangaba, no ano de 1931, era formado pelos seguintes filiados: Marcílio do Amaral Camargo, Abimael do Amaral, Antônio Pereira dos Reis Júnior, Josias do Amaral Camargo, Antônio Xavier Marques, José Bráulio de Campos Mello e Antônio Nunes Camargo. A oposição já contava com o apoio velado de nomes importantes da comunidade, como: João Pedroso de Oliveira, Bento Manoel Domingues e Honorato de Cruz Falkenbach.



Joaquim da Costa Machado

A Junta Governativa permaneceu no poder pouco mais de dois meses e, com a dissolução, foi nomeado prefeito o cidadão Joaquim da Costa Machado, comerciante, pessoa influente, ligado à Igreja Católica.

O “*mirandismo*”, como se queira chamar, ao invés de consolidar o domínio, sofreu novo revés político, a segunda derrota no curto espaço de três anos, quando a oposição, chefiada por João Pedroso de Oliveira,



Honorato da Cruz Falkenbach

nomeou o gaúcho Honorato da Cruz Falkenbach (*Guri*), comerciante de gado e fazendeiro como Interventor. Assumiu em 31/12/1934 e nomeou o sr. Francisco Jacob Hessel como sub-prefeito de Torre de Pedra. O seu mandato foi relativamente curto, pois, já em 1936, na eleição para prefeito, foi eleito Domingos Manoel de Miranda.

Domingos Manoel de Miranda - filho do capitão Miranda, nasceu na Bela Vista de Tatuí. Foi pessoa bastante importante na comunidade, homem de negócios, comerciante, dono de tropas (tropeiro), proprietário de

terras e empresário. Exerceu inúmeros cargos públicos: foi encarregado do correio, delegado de polícia, juiz de paz e prefeito municipal. Com ótimo relacionamento político e livre trânsito em Tatuí, foi por mais de três décadas membro do Corpo de Jurados da Comarca. Ingressou na política e se relacionou com lideranças importantes como o dr. Laurindo Minhoto, coronel Chico Vieira e o dr. Júlio Prestes de Albuquerque. Em São Paulo mantinha relações com o dr. Altino Arantes, chefe político e estadista emérito. Junto com **Dassás Vieira de Camargo**, gaúcho de Santana do Livramento, filho do tenente-coronel Chicuta – comandaram durante décadas a política em Porangaba. Nunca perderam eleições. Dassás ocupou também cargos importantes: foi escrivão do cartório, o primeiro prefeito municipal e vereador em diversas legislaturas. Antes da emancipação política de Porangaba, foi camarista em Tatuí e membro do Corpo de Jurados da Comarca.. Comerciante, proprietário de terras, suinocultor, agricultor.

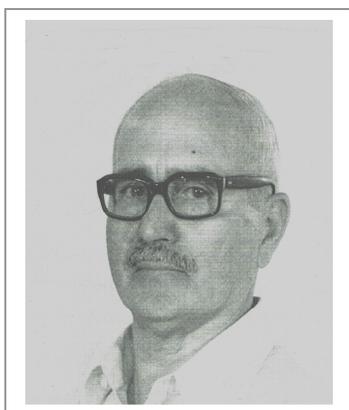
- Ambos foram sempre criticados pelos adversários e responsabilizados pelo não crescimento do município. Foram, naturalmente, os herdeiros do coronelismo, diziam. A verdade é que receberam e enfrentaram os vícios políticos da “primeira república”, como substitutos naturais dos seus patronos políticos, sempre ligados à ala conservadora, dominante. Hoje, isento de partidarismo, ao analisar as características da política da época, é possível entender as grandes dificuldades que enfrentaram para comandar um município relativamente pobre pela falta de investimentos e com baixa arrecadação, passando pelo Estado Novo e a 2ª. Guerra Mundial, períodos caracterizados pela recessão econômica e pouco desenvolvimento. O Estado não dispunha de recursos e os municípios foram os grandes prejudicados.



Luiz Manoel Domingues

A oposição cresceu no município e em 1945, após o término da Segunda Guerra Mundial, com as mudanças políticas ocorridas no país pela renúncia do presidente Getúlio Vargas, houve a nomeação de interventores nos Estados e Municípios, e em Porangaba foi nomeado interventor o sr *Luiz Manoel Domingues (Luiz Cândido)*. Pertencia a ala contrária (oposição), que ficou conhecida como o **Lado dos Cândidos**; cresceu muito e solapou, aos poucos, a base da situação, mas nunca conseguiu ganhar eleição, perdendo sempre por pequenas diferenças.

Existiam, na época, com base no imaginário popular, os mais variados comentários que condenavam à manipulação de resultados, pelo prestígio dos velhos políticos locais junto aos experientes colegas de Tatuí, mas tudo sempre ficou no campo da fantasia e nada chegou a ser comprovado. O prefeito Luiz Cândido, no tempo em que esteve à frente da prefeitura, um pouco mais de um ano e meio, conseguiu resolver três problemas crônicos do município: luz elétrica, telefone, instalação do posto de saúde, além da construção de algumas escolas rurais e do novo caminho para o cemitério municipal.



Mario Mendes

Mário Mendes - considerado o mais perspicaz e carismático político em toda história partidária de Porangaba – começou na militância partidária nos anos 40 do século passado e quase sempre pendeu para a oposição. Popular, voltado aos problemas sociais da comunidade, getulista, foi reverenciado pelos companheiros, respeitado pelos adversários, mas sofreu perseguições. Sendo funcionário público, para castigá-lo, foi removido muitas vezes para localidades bem distantes, ficando longe da família. Chegou a residir fora de Porangaba e, ao retornar, quando tinha tudo para consolidar a sua liderança e eleger-se prefeito, adoeceu gravemente e faleceu. Antes, havia participado decisivamente da primeira vitória da oposição (1983), sendo seu apoio e prestígio fundamental na eleição do prefeito Francisco Alves do Reis.

Dentre os opositores ao “dassasismo”, não podem ser omitidos os nomes de: **Carlos de Almeida Machado, Erasmo Pedroso de Oliveira e Adélio Antunes da Rosa**, como lídimas lideranças, candidatos a prefeito, que

marcaram sempre a presença nos pleitos eleitorais, embora fossem derrotados por pequenas margens de votos. Em Torre de Pedra, os opositores que mais se destacaram foram: **Pedro Dias de Camargo e Aníbal da Silveira Pedroso**. Em meados dos anos 50 do século passado o cenário político permanecia inalterado, mas dois nomes se destacavam no grupo majoritário, elementos moderados e até com certa aceitação pelos adversários, que poderiam chegar a prefeitura: **Aldo Angelini e Osvaldo Fogaça Leite**. Infelizmente, ambos tiveram morte prematura e houve mudança radical na perspectiva política local. Dassás Vieira de Camargo, o “cacique” maior, que já começava a sentir os desgastes naturais da demorada atividade político-partidária, passou, então, o comando ao sobrinho **Mário Antônio Nogueira, (neto do capitão Miranda)**. Este conseguiu manter a hegemonia política até o início dos anos 80 e aproveitou todas as oportunidades para dotar o município da estrutura necessária, reclamada há mais de meio século. Contou, então, com o apoio do governador Jânio Quadros e, principalmente, do deputado estadual Amadeu Narciso Pieroni, o representante da região tatuiana na Assembléia Legislativa Estadual, o que não ocorreu com os outros prefeitos anteriores. Ninguém poderá negar ao prefeito Nogueira o mérito de ter criado a base que o município necessitava, com a construção de inúmeros prédios públicos, a criação da santa casa de misericórdia, a instalação do ginásio estadual e da escola normal municipal, a instalação da água encanada e esgoto, etc. Foi muito criticado pelos opositores por utilizar métodos políticos ultrapassados, como a remoção de desafetos para localidades distantes, perseguições, etc. A partir daí, a oposição continuou a crescer e se tornou cada vez mais forte, além da própria postura dos eleitores que foram, aos poucos, se livrando das influências do passado.



**Obra do reservatório de água
(Pedra fundamental - 1957)**

Alguns anos depois, historicamente, em 1983, aconteceu a primeira vitória eleitoral da oposição em Porangaba.

3.5 A Emancipação Política

“**Bella Vista de Tatuhy**” passou a se chamar **Porangaba** (*topônimo brasileiro de origem tupi-guarani que significa **beleza, lugar bonito, vista bonita***), através da Lei Estadual nº 1658, de 04/11/1919, ainda como distrito de paz. A alteração do nome foi para evitar a confusão com o tradicional bairro da “Bela Vista”, na capital paulista.

A emancipação político-administrativa veio oito anos depois através da Lei Estadual nº 2244, de 26/12/1927, cujo ato, sancionado pelo presidente estadual Júlio Prestes de Albuquerque, **criou o Município de Porangaba**, com território desmembrado de Tatuí e com a sede municipal elevada à categoria de cidade. O distrito de Torre de Pedra passou a pertencer ao novo município.

O jornal “O Progresso de Tatuí”, na edição de 11/03/1928 publicou: *Edital da apuração da eleição de vereadores para o município de Porangaba. A Junta Apuradora, composta do exmo. sr. Dr. Eduardo Silveira da Mota, como Presidente e do dr. Promotor Público, como membro da Junta, comunica que tendo procedido a apuração da eleição para vereadores à Câmara Municipal do Município de Porangaba, desta Comarca, deu o seguinte resultado:*

- *Dassás Vieira de Camargo (453 votos) ; Firmino Olindino de Mello Palmeira (447 votos); José Martins (442 votos); Bento Manoel Domingues (435 votos); Josias do Amaral Camargo (428 votos); Simeão de Siqueira Cleto (303 votos); Afonso Avallone Júnior (120 votos); Antônio Nunes da Silva (49 votos); Francisco Cubas de Miranda (26 votos); Justiniano Vieira Pinto (20 votos). (Resultado publicado em 08/03/1928)*

Na ata da sessão preparatória da Câmara Municipal de Porangaba, realizada no dia 28 de abril de 1928, lê-se:

“ Assumindo a presidência, o cidadão Firmino Olindino de Mello Palmeira convidou para primeiro e segundo secretários os cidadãos Josias do Amaral Camargo e, a mim, Simeão de Siqueira Cleto, por sermos os mais moços dentre os presentes. Em seguida, foram pelos presentes encaminhados ao Sr. Presidente os diplomas de vereadores que lhe foram expedidos pela junta apuradora, depois, do que verificando o Sr. Presidente que se achavam sobre a mesa os seis diplomas referentes à eleição dos presentes, diplomas estes de que o primeiro secretário organizou uma relação nominal, anunciou que iria proceder a eleição de duas comissões...”

A instalação foi em 04/06/1928. Tornava-se realidade o grande anseio da população, pois como município, **elemento básico da organização político-administrativa do Estado**, Porangaba poderia se projetar e crescer. Desde 1824 já existiam e estavam constituídas câmaras municipais em todas as vilas e cidades e, mesmo tendo o

povoado se formado mais ou menos em 1860, o processo de emancipação política foi sempre protelado.

Conforme notícia inserida no jornal “O Progresso de Tatuhy”, de 17/06/1928, eis a ata de instalação do município de Porangaba:

“Aos quatro dias do mez de junho de 1928, nesta cidade de Porangaba, no edifício para fim destinado, às quatorze horas, presentes o exmo. sr. dr. Eduardo Silveira da Mota, Juiz de Direito da Comarca de Tatuhy, o Promotor Público da Comarca dr. Armando Ribeiro Vergueiro, dr. Laurindo Dias Minhoto, dr. Francisco de Paula Bernardes Júnior e demais autoridades Estaduaes e Municipaes, e pessoas gradadas, pelo M. Juiz foi aberta a sessão, declarando que seu fim era instalar o Município de Porangaba, creado pela pela Lei nº 2244, de 26 de dezembro de 1927; em seguida, pronunciou um discurso allusivo ao acto, findo o qual, com toda a solennidade, declarou installado este município de Porangaba e mandou a mim Josias do Amaral Camargo, que lesse o theor da lei 2244, que creou este município e as authenticas que investiam, cada Vereador, nas funções do seu cargo; logo após, os Vereadores eleitos para o primeiro triennio, cidadãos Dassás Vieira de Camargo, Firmino Olindino de Mello Palmeira, Bento Manoel Domingues, Josias do Amaral Camargo, José Martins e Simeão Siqueira Cleto tomaram posse, aos quaes deferio o M. Juiz, em seguida, o competente compromisso de bem e fielmente exercerem seus altos postos, com patriotismo e lealdade, esforçando-se pela prosperidade e engrandecimento deste município e fazendo observar as leis, resoluções e provimentos municipaes, com respeito ás Constituições e leis Federais e Estaduaes, e repetindo cada um dos srs. Vereadores as palavras proferidas pelo M. Juiz de Direito da comarca, dr. Eduardo Silveira da Mota, solennemente disseram aceitar o compromisso legal. Em seguida, proferiu uma patriótica peça oratória o sr. prof. Antônio Freire de Souza. Orou, também, o cidadão Lino de Barros e tomou a palavra o deputado dr. Francisco de Paula Bernardes Júnior, produzindo eloquente discurso. Pediu a palavra o senador dr. Laurindo Dias Minhoto que produziu um brilhante discurso, no qual historiou a vida deste município, a razão de sua emancipação, e terminou pedindo que se inserisse nesta acta, votos de saudades aos seus fundadores e o reconhecimento às autoridades constituídas pela merecida elevação desta localidade a município. Nada mais havendo a tratar, se lavrou, por ordem do M. Juiz, esta acta que vae assignada por todas as altas autoridades do Estado e pessoas presentes que eu secretário a escrevi. (a) Eduardo Silveira da Mota, Firmino Olindino de Mello Palmeira, José Martins, Dassás Vieira de Camargo, Simeão de Siqueira Cleto, Josias do Amaral Camargo, Bento Manoel Domingues, Laurindo Dias Minhoto, Francisco Bernardes Júnior, Firmo Vieira de Camargo, João de Campos Cidade,

Rodrigo de Campos, Euclides de Barros, O Vigário Pe. Angelo Lemarchand, Pedro Voss Filho - pela Imprensa, Adroaldo Alves Correa, B. Azevedo, Alfredo Tricta, Emmanuel Marques, Felipe de Camargo, Octaviano Trindade de Ávila, Antônio Dias Sancho, Eulas Avallone, Pedro Franco de Meira, Leonidas de Oliveira Dias, José Antônio Seabra, Luiz Costa Vieira, A. Freire de Souza, Benedicto de Oliveira Vaz, Armando Ribeiro Vergueiro. Nada mais se continha em dicta acta, para aqui bem fielmente transcripta, em seguida e por mim concertada. Eu, Josias do Amaral Camargo, secretário da Camara a conferi e assigno. - Josias do Amaral Camargo.



Instalação do Município

As primeiras autoridades eleitas no novo município:

- **Prefeito Municipal** - Dassás Vieira de Camargo
- **Vice-prefeito** - Josias do Amaral Camargo

Câmara Municipal

- **Vereadores** - Firmino Olindino de Mello Palmeira (presidente); José Martins (vice-presidente); Bento Manoel Domingues e Simeão Siqueira Cleto
- **Suplentes** - Antônio Nunes da Silva, Affonso Avallone Júnior, Justiniano Viera Pinto e Francisco Cubas de Miranda
- **Sub-prefeito de Torre de Pedra** - Marcolino Maria de Barros



Bento Manoel Domingues
Juiz de Paz Delegado e
Vereador

Obs. Em 30/10/1928 houve nova eleição para vereança e os primeiros nomes foram confirmados: Dassás Vieira de Camargo (444 votos); Firmino O. de Mello Palmeira (444 votos); José Martins (443 votos); Bento Manoel Domingues (431 votos); Josias do Amaral Camargo (424 votos) e Simeão de Siqueira Cleto (339 votos).

O partido majoritário era o **PRP - Partido Republicano Paulista**, cujo diretório tinha a seguinte formação: presidente: capitão Joaquim Francisco de Miranda; vice-presidente: Benedito Fogaça Leite; secretário: Benedito de Oliveira Vaz; membros: Dassás Vieira de Camargo, Domingos Manoel de Miranda e Antônio Florentino Soares.

3.6 Torre de Pedra

O distrito de Torre de Pedra, anexo ao município de Tatuí, foi criado através da Lei Estadual nº 1896, de 20/12/1922, promulgada por Washington Luiz Pereira de Souza, presidente do Estado de São Paulo. A partir de 1928 passou a pertencer ao município de Porangaba. Os “torreanos” sempre se mostraram insatisfeitos com a subordinação, pois, por laços históricos, comerciais e religiosos sempre estiveram mais ligados a Guareí. Queriam a autonomia e, depois de mais de seis décadas, através de plebiscito popular, optaram pela emancipação política do distrito. Através da Lei Estadual nº 7664, de 30/12/1991, o Governo do Estado de São Paulo criou o **Município de Torre de Pedra**.

O professor Ary Bozzolan publicou em dezembro/2001 o boletim “A Voz da Vila”, com a intenção de despertar na juventude torreana o gosto pela história local, destacando especialmente os nomes dos pioneiros, os primeiros desbravadores, totalmente esquecidos e ignorados pelas autoridades. Transcrevemos, prazerosamente, na íntegra, a publicação que resgata a

fundação da vila de Torre de Pedra, uma comunidade cristã de maioria protestante, onde a Igreja Presbiteriana floresceu a partir de 1882, aproximadamente, pelo incentivo e dedicação de João David Muzel que veio de Guaref.

- **Como surgiu a vila: a fundação de Torre de Pedra**

Após o falecimento de Quirino Ferreira de Almeida ou Quirino Trindade de Ávila, a (sua) grande fazenda estava, no século passado, toda dividida em pequenas propriedades; pequenos sítios oriundos do espólio. Com a separação da Igreja Presbiteriana em 31 de julho de 1903, formou-se a Igreja Independente em Torre de Pedra. Um galpão rústico de madeira, com bancos fixos, foi construído dentro da propriedade da senhora Maria Tereza de Jesus, viúva de Quirino. Em 11 de novembro de 1906 foi inaugurado o templo, em alvenaria, onde por muitos anos foi a sede da Igreja Presbiteriana Independente. Eloy José da Motta, Honório Trindade de Ávila, Salvador Martins de Almeida, líderes religiosos, providenciaram a construção do novo templo. Honório Trindade de Ávila, diácono da Igreja, genro de Eloy José da Motta, o grande presbítero, além de colaborar na construção do templo, também fundou a primeira casa comercial em Torre de Pedra. Um armazém de secos e molhados, quase em frente à Igreja. Além disso, Honório construiu o cemitério local, em terreno doado por sua mãe. Neste cemitério eram sepultados as crianças e natimortos. O primeiro adulto ali sepultado foi o próprio Honório. Por ter ajudado na construção do templo, instalado a primeira casa comercial, construído o cemitério, Honório Trindade de Ávila pode ser considerado o fundador do vilarejo de Torre de Pedra. A data de fundação da vila de Torre de Pedra foi fixada no templo novo: 11 de novembro de 1906.

- **Separação da Igreja Presbiteriana**

Em 1903 houve a separação da Igreja Presbiteriana. Os independentes saíram e construíram um barracão coberto de sapé, como abrigo de emergência. As principais famílias que saíram da Igreja tradicional foram: Eloy José da Motta, Salvador Martins de Almeida, Antônio Martins de Almeida, Honório Trindade de Ávila, João Ruffo, Virgílio Trindade de Ávila, Antônio Paes, Francisco Jacob Hessel, Belarmino Gomes, Eloi José Gomes, Bento Lopes, João José de Camargo, José Rodrigues Garcia (o primeiro oleiro da vila).

- *Permaneceram na Igreja Presbiteriana tradicional: Domingos Jacob Hessel e seu irmão Joaquim Jacob Hessel, com suas famílias e uma série de outras pessoas pertencentes às famílias de: Vicente Gomes Apolinário, João Leme, José David, Antônio David, Benedito Ribeiro, João Medeiros, Manoel Trindade de Ávila, Juvenal Leme, Deolindo Leme, Emídio Jacob Hessel, João Coelho de Miranda, Boaventura Jacob Hessel, Antônio Cidade, João Eduardo Dias, Clementino de Miranda.*

Pioneiros

- **Belarmino Gomes** - *Era um dos conhecidos pioneiros na colonização desta região. Descendente direto de indígenas, Belarmino Gomes era dotado de uma grande força física. Era chamado o “Sansão de Torre de Pedra”.*

Sempre bem humorado e acompanhado pelo seu cão de estimação. Ficou conhecido pelo fato de não usar botinas e sim esporas com os pés descalços. Deixou dois filhos: Joaquim e Salvador Gomes, este pai de Profeta Gomes. Suas terras ficavam próximas dos “Correa”, onde trabalhou por toda vida. Belarmino será sempre lembrado pela seguinte frase: “ – Você ainda conhece o dono? ” Palavras dirigidas ao seu cão, após passar um dia todo fora de casa.

- **José Rodrigues Garcia** - *Foi um grande colaborador na fundação de Torre de Pedra. Ajudou a construir o templo com seus famosos tijolos J.R.G., encontrados na demolição em agosto de 2001. Primeiro oleiro e também o primeiro loteador da vila. Casado com dona Maria, a primeira parteira de Torre de Pedra. Em 1916, a vila já contava com um grande casario e se compunha de duas ruas: a de cima e a de baixo. Em 1923, a antiga Igreja Presbiteriana, que se encontrava em terras de Domingos Jacob Hessel, foi transferida para a vila, trabalho este atribuído ao pastor Uriel de Moura. Torre de Pedra já contava então com armazém de secos e molhados, lojas, padarias, barbearias. Em 1935 houve uma explosão demográfica devido a chegada de (famílias inteiras) agricultores dedicados ao plantio de batatas. Alemães, vindos de Monte Mor, chegaram a plantar dez mil caixas de sementes e tornaram-se os maiores produtores da região.*

3.7 Fatos políticos relevantes



Antônio Machado da Silva

Em 1930 foi nomeada a Junta Governativa para governar Porangaba, formada pelos seguintes membros: Antônio Machado da Silva (prefeito provisório); Ezequiel Pires de Camargo, Adonias do Amaral e Anísio do Amaral - (membros); Marcílio do Amaral Camargo (secretário);

- O sr. Uriel Antunes de Moura foi indicado sub-prefeito de Torre de Pedra;

Na revolução de 1930, o movimento liderado por Getúlio Vargas, com apoio de Minas Gerais e Paraíba (Aliança Liberal), derrubou o presidente Washington Luiz Pereira de Souza. Foram nomeados Interventores nos Estados e Municípios. Porangaba teve a sua Junta Governativa. Foi um governo provisório, que durou pouco, de 07/11/1930 a 16/01/1931, mas mostrou a força da oposição, representada pelos membros da Família Amaral Camargo, ligada à Igreja Presbiteriana. Com a queda da Junta, foi nomeado prefeito Joaquim da Costa Machado, católico, pessoa importante da comunidade. Não existia, na época, o cargo de vice-prefeito.

- Em 1934 a oposição conseguiu destituir o prefeito Costa Machado, sendo então nomeado para substituí-lo o sr. Honorato da Cruz Falkenbach, gaúcho de Passo Fundo, genro de João Pedroso de Oliveira e que permaneceu até a eleição em 1936;

A eleição para prefeito e vereadores somente aconteceu em 1936 e concorreram os candidatos Domingos Manoel de Miranda, pelo PRP - Partido Republicano Paulista (situação), e Honorato da Cruz Falkenbach, pelo PC - Partido Constitucionalista (oposição). Na apuração dos votos foi constatada irregularidade na urna da 3ª. Seção, sendo a mesma anulada. Tinha votado, impondo sua "autoridade", o delegado de polícia, capitão Saturnino Lopes da Silva, que não era eleitor em Porangaba! O presidente da seção era Marcílio do Amaral Camargo e, então, por decisão da Justiça Eleitoral, (com a impugnação da urna) houve nova votação para aquela seção e, finalmente, na soma dos votos, ganhou a situação;



Domingos Manoel de Miranda

Os opositoristas afirmavam que tinha sido manobra da situação, cujos líderes percebendo que a eleição já estava perdida, usaram o delegado para tumultuar o processo eleitoral, mas nada foi provado.

Foram eleitos: prefeito municipal: Domingos Manoel de Miranda; vereadores: Dassás Vieira de Camargo, Otávio

Hermelino Soares, João Sebastião Vieira, Salvador Leme de Souza, Honorato da Cruz Falkenbach, Juvenal Nunes Pereira e João Faria de Paula; em Torre de Pedra, o sub-prefeito escolhido foi Francisco Jacob Hessel;



Eurico Fogaça

Por decreto do Interventor Federal de São Paulo, em 12/10/1945, foi nomeado prefeito de Porangaba o sr. Luiz Manoel Domingues, substituindo o sr. Domingos Manoel de Miranda. Tomou posse em 15/10/1945 e governou até 18/04/1947, quando foi substituído pelo sr. Eurico Fogaça. Este, comandou o município até 1948, quando foram realizadas as eleições municipais (em todo território nacional), sendo aqui eleito o sr. Benedito de Oliveira Vaz.

3.7.1 Prefeitos Municipais

Dassás Vieira de Camargo	1928-1930	eleito
Antônio Machado da Silva	1930-1931	nomeado
Joaquim da Costa Machado	1931-1934	nomeado
Honorato da C. Falkenbach	1934-1936	nomeado
Domingos M. de Miranda	1936-1945	eleito
Luiz Manoel Domingues	1945-1947	nomeado
Eurico Fogaça	1947-1948	nomeado

O período de 1930/1947 foi marcado por revoluções e golpes militares a nível nacional e, também, pelo segundo conflito mundial, fatos que abalaram a estrutura política do país, cuja extensão atingiu todos os níveis da administração pública. Após o término da 2ª. guerra Mundial, até o ano de 1963, apesar de enteveros e confrontos políticos, e mesmo com uma camuflada normalidade democrática, tivemos prefeitos eleitos em todos municípios brasileiros.

Prefeitos eleitos:

<i>Benedito de O. Vaz</i>	<i>1948-1951</i>	<i>eleito</i>
<i>Dassás V. de Camargo</i>	<i>1952-1955</i>	<i>eleito</i>
<i>Mário A. Nogueira</i>	<i>1956-1959</i>	<i>eleito</i>
<i>Benedito de O. Vaz</i>	<i>1960-1963</i>	<i>eleito</i>

No ano de 1964 aconteceu o movimento revolucionário chefiado por militares brasileiros que fechou o Congresso Nacional e transferiu o poder aos generais, mas as eleições municipais continuaram a ser realizadas normalmente, pelo voto popular. Tivemos então, a partir daquela data, os seguintes prefeitos eleitos em Porangaba:

<i>Mário A. Nogueira</i>	<i>1964-1969</i>	<i>eleito</i>
<i>José Domingos Fogaça</i>	<i>1969-1973</i>	<i>eleito</i>
<i>Mário A. Nogueira</i>	<i>1973-1977</i>	<i>eleito</i>
<i>Domingos Diniz Vaz</i>	<i>1977-1983</i>	<i>eleito</i>
<i>Francisco A. dos Reis</i>	<i>1983-1989</i>	<i>eleito</i>
<i>Domingos Diniz Vaz</i>	<i>1989-1992</i>	<i>eleito</i>
<i>João Batista de Barros</i>	<i>1993-1996</i>	<i>eleito</i>
<i>João Francisco S. Pedro</i>	<i>1997-2004</i>	<i>eleito</i>
<i>Benedito Machado Neto</i>	<i>2005-2008</i>	<i>eleito</i>



Governador Carlos A. Carvalho Pinto e o Prefeito Benedito de Oliveira Vaz

A eleição do candidato Francisco Alves do Reis, que foi prefeito no período de 1983/1989, marcou a vitória da oposição pela primeira vez em toda a história política de Porangaba.

O prédio da Prefeitura Municipal localiza-se à rua professor Antônio Freire de Souza, nº 215, Centro e o Paço Municipal denomina-se "**Prefeito Mário Antônio Nogueira**".



Mário Antônio Nogueira

- *Dentre todos os prefeitos que governaram Porangaba, até a presente data, o mais realizador foi, sem dúvida, o sr. Mário Antônio Nogueira, sem desmerecer os demais. O cenário lhe foi bastante favorável e contou, na época, principalmente, na 1ª gestão, com o apoio político do deputado Amadeu Narciso Pieroni e a ajuda financeira do governador Jânio da Silva Quadros para realizar obras fundamentais que o município reclamava há muitos anos. Conseguiu a instalação dos serviços de água e esgoto (água encanada), a criação e construção dos prédios do ginásio estadual e da casa da lavoura, a construção dos prédios da delegacia de polícia e do posto de saúde. As obras, pela importância, marcaram a sua administração. A sua 2ª gestão coincidiu com a construção da Rodovia Castelo Branco pelo Governo de São Paulo e que passa no município. Ganhou Porangaba.*

3.7.2 Vereadores de Porangaba 1928-2005

A Primeira Câmara Municipal:

- **Titulares:** Bento Manoel Domingues, Dassás Vieira de Camargo, Firmino Olindino de Mello Palmeira, Josias do Amaral Camargo, José Martins e Simeão Siqueira Cleto.
- **Suplentes:** Affonso Avallone Júnior, Antônio Nunes da Silva, Justiniano Vieira Pinto e Francisco Cubas de Miranda



Firmino de Mello Palmeira

1º Presidente da Câmara Municipal

Eleitos: 1936-2005



Abílio São Pedro, Abimael de Almeida, Acácio Domingues, Adélio Antunes da Rosa, Adilson Pacheco, Agostinho Angelini, Alaor Fazzio, Aldo Angelini, Ângelo José Gregório, Anibal Pedroso da Silveira, Antônio Cardoso Almeida, Antônio Carlos Machado, Antônio de Jesus Angelini, Antônio Leme da Silva, Antônio Nunes Diniz, Antônio Sebastião Vieira, Ataliba da Costa Ávila, Aylton Paula de

Oliveira, Benedito de Oliveira Vaz, Benedito da Silva Pinto, Bosco Cesar dos Reis, Braz Gica da Paz, Carlino de Campos Melo, Carlos Hessel, Carlos Roberto da Costa, Carmo Manoel de Miranda, Cloves Mendes Correia, Darci Vieira da Cruz, Dassás Vieira de Camargo, Deocacir Cláudio da Cruz, Dionísio Colombara, Domingos Antão Machado, Domingos Diniz Vaz, Elias Marques, Elias Lopes de Moura, Erasmo Pedroso de Oliveira, Ernesto Merlin, Estevam Maier Cláudio, Eugênio Grazioli, Ezequiel Florentino da Silva, Ezequiel Francisco Antunes, Fernando Machado, Francisco Antônio da Mota, Francisco de Oliveira Pinto, Gamalier Martins de Almeida, Gilberto de Almeida Carneiro, Guilherme Alegre, Guilherme Wagner, Ivo Mendes, Hélio Alves Vaz, Hermenegildo Soares Ramos, Honorato da Cruz Falkenbach, Horácio Leite Pinto, João Carlos Alves de Barros, João Carlos de Oliveira, João Batista Mendes, João Emílio de Oliveira, João Firmino Correa, João Francisco Rosa, João Faria de Paula, João Hessel de Almeida, João José Ribeiro, João Merlin, João Pedroso de Oliveira, João Sebastião Vieira, Joaquim Bueno de Souza, Jorge Asséf Amad, José Benedito de Almeida, José Barbosa Carneiro, José Carlos Juliani, José Carlos de Oliveira, José Domingos Fogaça, José Domingos da Silveira Machado, José Florentino Leite, José Giocondo Rossi, José de Jesus Felício Juliani, José Maciel de Arruda, José Maier, José Maria Geraldini, José Maria Pinto, José Matias dos Reis, José Soares da Silva, José Vieira de Campos, Juvenal Nunes Pereira, Juvenil Ribeiro da Silva, Lauro Prestes de Camargo, Lázaro Miguel de Campos,

Leila da Silva Pinto (a primeira mulher eleita vereadora no município), Luiz Manoel Domingues, Magalhães Nunes Pereira, Marcílio do Amaral Camargo, Mário Antônio Nogueira, Mário Domingues, Mário Mendes, Marli Gomes Machado de Miranda, Manoel Carlos Avallone, Melico Gonçalves da Silva, Miguel Teófilo de

Oliveira, Mizael Martins de Almeida, Murilo Alves Seraphim, Nestor de Almeida Machado, Noel Martins de Almeida, Osmar dos Reis, Orelino Antônio Martins, Orivaldo de Paula Soares, Oscar Carlos Avallone, Osmar dos Reis, Osni Gomes da Silva,

Oswaldo Fogaça Leite, Oswaldo Miranda da Silva, Otávio Hermelino Soares, Ovídio Oscar de Miranda, Paulo Diniz Vaz, Paulo Moraes da Silva, Pedro Dias de Camargo, Peres Dias de Camargo, Renato Angelini, Renato Nogueira, Renato Nogueira Filho, Rivadávia Soares Spínola, Roque Mariano de Paula, Roque Pinto, Rui Oliveira do Amaral, Salvador Leme de Souza, Sérgio Rossi, Silvério Nunes da Silva Primo, Simão Nunes de Miranda, Sônia Regina Ghizzi Martello, **Vilma dos Reis Correia (a primeira mulher a assumir a presidência da Câmara Municipal em Porangaba)**.



**3.7.3 Presidentes da Câmara Municipal
Período de 1928/2005**



Acácio Domingues

Firmino Olindino de Mello Palmeira, Dassás Vieira de Camargo, Oscar Carlos Avallone, Aldo Angelini, Jorge Asséf Amad, Oswaldo Fogaça Leite, Benedito de Oliveira Vaz, **Acácio Domingues**, Agostinho Angelini, Mário Antônio Nogueira, Renato Angelini, Antônio de Jesus Angelini, João José Ribeiro, Renato Nogueira Filho, Domingos Diniz Vaz, Manoel Carlos Avallone, José Florentino Leite, José Maria Geraldini, Oswaldo Miranda da Silva, Antônio Sebastião Vieira, Sérgio Rossi, Mário Mendes, Adilson Pacheco, Rui Oliveira do Amaral, João Emílio de Oliveira, José Benedito de Almeida, Vilma dos Reis Correia, Elias Marques, Marli Gomes Machado de Miranda.

Ocupa a presidência, para o biênio 2006/7, a vereadora Marli Gomes Machado de Miranda.

O prédio da Câmara Municipal localiza-se à avenida Amadeu Narciso Pieroni, nº 1003 e a Sala de Sessões denomina-se “Vereador Mário Mendes”.

3.7.4 Vice-Prefeitos Municipais



Horácio Manoel Domingues

Período de 1928-2005

<i>Josias do Amaral Camargo</i>	<i>1928-1930</i>
<i>João Sebastião Vieira</i>	<i>1948-1951</i>
<i>Mário Antônio Nogueira</i>	<i>1952-1955</i>
<i>Horácio Manoel Domingues</i>	<i>1956-1963</i>
<i>Dassás Vieira de Camargo</i>	<i>1964-1973</i>
<i>Francisco Antônio Fogaça</i>	<i>1973-1977</i>
<i>Licério Luiz Machado</i>	<i>1977-1983</i>
<i>Peres Dias de Camargo</i>	<i>1983-1989</i>
<i>João Batista de Barros</i>	<i>1989-1992</i>
<i>Antônio Afonso Miranda</i>	<i>1993-1996</i>
<i>Wilton Balangio</i>	<i>1997-2000</i>
<i>Benedito Leme da Silva</i>	<i>2001-2004</i>
<i>José Giocondo Rossi</i>	<i>2005-2008</i>

3.7.5 Eleitores

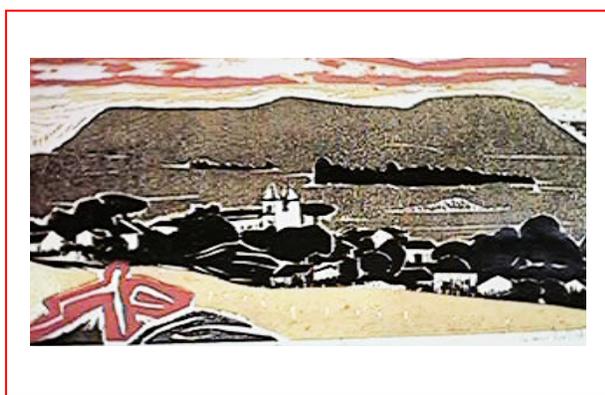
Porangaba faz parte da 140.^a Zona Eleitoral do Estado de São Paulo – Comarca de Tatuí e em julho de 2001 tinha 4.285 mil eleitores inscritos. Em julho de 2002, após a qualificação à eleição presidencial, o município já contava com 4.443 eleitores, ou seja 158 qualificados a mais. Na última eleição municipal, em outubro de 2004, estavam qualificados 5.285 eleitores.

Curiosidades da política local

- a) Vereadores da Câmara Municipal de Tatuí que residiram ou trabalharam em Porangaba: Carlos Frederico dos Santos (farmacêutico), Benedito José Soares (Nhô Tico) (comerciante); Dassás Vieira de Camargo (comerciante); João Cassimiro (comerciante); dr. Aniz Boneder (médico); Alcyr Menezes da Silva (professor); Carlos Alberto de Campos (advogado).
- b) Porangabenses que exerceram a vereança em Tatuí: José César, filho de Joaquim César (construtor – ocupou a Presidência da Câmara Municipal de Tatuí); Lúcio Amaral Paes (funcionário público), filho de João Paes da Silva; Ledo Antônio Rossi (professor), filho de Giocondo Rossi; José Domingos Fogaça (fazendeiro), filho de Osvaldo Fogaça Leite; e Vera Lúcia Martins (professora), filha de Ângelo Martins.

4. ASPECTOS GERAIS DO MUNICÍPIO

Localizado na zona fisiográfica de Piracicaba, entre as bacias hidrográficas dos rios Tietê e Paranapanema, tem uma altitude média de 550m acima do nível do mar. Não possui solo uniforme, apresentando áreas com terra arenosa branca, outras com faixas de terra avermelhada, porções ricas em pedregulho, pedras diversas e lajes. A profundidade varia muito, ora com lugares em que o sub-solo aflora com a erosão presente. O sub-solo apresenta formações calcárias, indicando que, em passado remoto, na sua história geológica, o local esteve submerso ou sofreu a ação do rebaixamento e elevação do solo.⁸



Porangaba e o Morro de Bofete

Fósseis de “*mesosáurio brasiliensis*” e de vegetais (fragmentos de madeira petrificada) já foram encontrados em camadas de calcário, em diversos pontos do município. ***Sua formação geológica admite a existência***

⁸ Notícia no jornal “Cruzeiro do Sul” de Sorocaba, edição de 25.08.98, página 15, ratificou a tese de submersão anterior do solo porangabense: ***Fósseis de 250 milhões de anos foram encontrados no município. A equipe do professor Marcelo Guimarães Simões, do Instituto de Biociências da Unesp, em Botucatu, acaba de descobrir mais de cem fósseis de moluscos marinhos com cerca de 250 milhões de anos. As peças, medindo de 5 a 10 cm, foram encontradas em escavações feitas entre os quilômetros 160 e 165 da Rodovia Castelo Branco, no município de Porangaba. Esse é o ponto mais distante do litoral onde peças semelhantes foram localizadas. Antes, outras foram achadas em Rio Claro e Conchas. O aspecto mais importante do achado é que as mesmas espécies de moluscos também foram encontradas na África do Sul e na Namíbia, reforçando a teoria de que a América do Sul e África já foram uma massa continental única. Também reforça a tese de que São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul eram cobertos pelo mar há 250 milhões de anos. As peças encontradas deverão fornecer subsídios ao trabalho de reconstrução do ecossistema daquela época com informações sobre a profundidade do mar, cadeia alimentar, índice de salinidade, relações entre as espécies e o processo de evolução e extinção dos animais***”.

de possíveis bolsões de petróleo, absorvidos pelas camadas de calcário, o que pode ser comprovado através das amostras coletadas, cujo cheiro e teor são característicos. Justificam a presença de “água salobra” na região. Pequenas serras, colinas, morros, espigões, etc., tornam, até certo ponto, o seu solo acidentado.

O relatório do naturalista belga ***Auguste Collon***, que em 1897, pessoalmente, pesquisou a composição geológica do solo de Porangaba, descreve a existência de formações distintas na estratigrafia identificadas como andares.

- *Achou pedras argilosas amarelas e escuras, camadas de “silex” com ossos de peixes e fragmentos de madeiras silicificadas, argilas xistosas azuladas, brancas e roxas, que se alternavam na distribuição. Destacou os bancos de calcário, restos de fósseis vegetais e animais (peixes), camadas de silex, saibros, areia amarela (ocre) e retalhos de terra roxa.*
- *Analisou a água do rio Feio, citada como de gosto desagradável (salobra), as águas minerais da fazenda São Martinho, no bairro da Serrinha e, também, o xisto betuminoso do vale do Rio Feio e da antiga fazenda do Almeida (hoje identificada e localizada no bairro dos Fogaça).*
- *Na margem direita do rio Feio descobriu vários afloramentos de folhelhos (rochas argilosas folheadas) - Estrada Nova e Irati, do Permiano (schistes et calcaires bitumineux). Analisou o xisto de Irati do vale do rio Feio e, antecipando os exames que seriam feitos pelos órgãos científicos nacionais, muitos anos depois, deduziu que o Irati daria 6,4% de petróleo bruto, além de apreciável proporção de enxofre, conclusão que não difere da que hoje é admitida.*
- *Ao estudar o solo da fazenda São Martinho, supôs ali ter encontrado restos de “Lepidodendro” - (árvores fósseis) e traços de “Lamelibrânquio” - (peixes com brânquias em forma de lâminas circulares).*
- *O solo do município está situado no compartimento geomorfológico denominado Depressão Periférica Paulista com rochas formadas em épocas distintas – calcários, folhelhos e arenitos.*

Os cursos d’água não são volumosos. O principal é o rio Feio, que corta o município no sentido sudeste/noroeste e desemboca no rio do Peixe, afluente do rio Tietê. Como sua água é salobra, imprópria para beber, o abastecimento à população é feito diretamente do rio Bonito, que dista 6 (seis) quilômetros da sede, e tem água potável de excelente qualidade.

As reservas minerais existentes no município, além do calcário, são representadas pelo xisto betuminoso encontrado em grande escala no bairro dos Fogaça e as águas minerais no bairro da Serrinha.

4.1 Físicos

Área geográfica do município : 267 km²;

Área rural: 264 km²

Área urbana: 3 km²

Altitude: 550m (Sede)

Coordenadas geográficas da Sede:

23 graus e 11' de latitude sul

48 graus e 07' de longitude W.Gr.

Região de Governo: Botucatu

Região Administrativa: Sorocaba

4.2 Geográficos

Bairros da zona rural

Aleluia, Arruda, Boa Vista, Bueno, Carrascal, Capuava, Carioca, Cleto, Fogaça, Florentino, Generoso, Ferreira, Lopes, Luzia, Matão, Mariano, Miranda, Moquém, Nunes, Partes, Pedroso, Pinto, Poli, Ribeiro, Ribeirão da Vargem, Rio Bonito, Rio das Pedras, Rio de Peixe, Rio da Serra, Saltinho, Santana, Serra do Amaral, Serrinha, Soares, Varzeão.

Obs. Os bairros antigos ainda são lembrados pelos nomes primitivos por muitas pessoas, embora sejam totalmente desconhecidos para os mais jovens:

- Almeida (Fogaça), Campos (Capuava), Oliveira, Amaro, Celestino, Correa, Carro, Cândido, Alves, Boa Vista de Baixo, Boa Vista de Cima, Cabeceira do Rio Bonito, Rio Bonito Abaixo, Boqueirão, Ferino, Mina, do Vininho, Marica Quadra (Mariano), Liberto, Barreto, Palmeira, Cassimiro, Três Passos, Capuava de Araçatuba, do Adélio (Ferreira,) dos Luiz, Rosa, Ribeirão das Conchas, Ribeirão do Campo, Grama, Ponte do Rio Feio, Saldanha, Barro Preto, Cardoso, Fabiano, Piragibu, Serrinha de Baixo, Serrinha de Cima, Matadouro, Leme, Martins, Ribeirão do Rio Feio, Pavoeiro, etc.
- Hoje, alguns nomes antigos chegam a ser revividos por saudosistas que chamam diversos bairros pelas denominações de origem (que não vingaram), todavia trata-se especulação passageira, apaixonada e o que vale é a nomenclatura oficial. Por exemplo: Alves (antigo) é parte do bairro dos Cariocas (atual); Ferino (antigo) é parte do bairro do Rio Bonito

(atual); Adélio (ponto referencial) é parte do bairro dos Ferreira.

Municípios Limítrofes

Norte	Conchas
Sul	Torre de Pedra, Guarei e Quadra
Leste	Pereiras
Oeste	Bofete

Municípios Limítrofes de Porangaba

Fonte: IBGE



4.3 Divisas

Com o município de Conchas:

- começa no rio do Peixe, na foz do rio Feio, segue pelo contraforte fronteiro e pelo divisor entre as águas do rio das Pedras, à direita, e as do córrego São João, à esquerda, até entroncar com o divisor entre o córrego São João e o ribeirão do Moquém; segue por este divisor até entroncar com o contraforte que leva à foz do córrego São Rafael, no ribeirão do Moquém, e segue por este contraforte até a referida foz; sobe pelo ribeirão do Moquém até a foz do córrego Salvador Vieira, pelo que sobe até sua cabeceira; segue pelo divisor Moquém/Bom Retiro até entroncar com o espigão Peixe/Conchas.

Com o município de Pereiras:

- começa no espigão Peixe/Conchas, no ponto de entroncamento com o divisor Moquém/Bom Retiro; segue pelo espigão Peixe/Conchas até encontrar com o contraforte da margem esquerda do córrego da Serrinha; segue por este contraforte com demanda da foz deste córrego, no rio de Conchas; segue pelo contraforte fronteiro e pelo divisor que deixa, à

direita, o rio de Conchas e, à esquerda, o ribeirão da Vargem, até entroncar com o divisor entre o rio de Conchas e o ribeirão Aleluia.

Com o município de Quadra :

- começa no divisor entre as águas do rio de Conchas e do ribeirão Aleluia, no ponto de entroncamento com o divisor entre o rio de Conchas e o ribeirão da Vargem; segue por aquele divisor entre o ribeirão Aleluia e o Rio Feio, até encontrar o espigão da Areia Branca.

Com o município de Guareí:

- começa no espigão da Areia Branca, no ponto de entroncamento com o divisor rio Feio/ribeirão Aleluia; segue pelo espigão entre as águas do rio do Peixe, à direita, e as do rio Guareí, à esquerda, até a cabeceira mais meridional do ribeirão do Saltinho.

Com o município de Torre de Pedra:

- começa no espigão Guareí/Peixe, na cabeceira mais meridional do ribeirão do Saltinho; desce por este até cruzar com o eixo da Rodovia Castelo Branco (SP 280); deflete à esquerda, seguindo pelo eixo desta rodovia até a ponte sobre o rio Bonito ou da Mina.

Com o município de Bofete:

- começa no rio Bonito ou da Mina, na ponte da Rodovia Castelo Branco (SP 280), e desce pelo rio Bonito ou da Mina até sua foz no rio do Peixe, pelo qual desce até a foz do rio Feio, onde foram iniciadas as divisas.

4.4 Clima

O clima é quente, com inverno seco. A temperatura média é de 21,5 graus centígrados. O índice pluviométrico é de 1100 a 1300mm. A região sofreu desmatamento indiscriminado no passado e, mais recentemente, o uso excessivo de defensivos agrícolas, cujas ações interferiram no equilíbrio ecológico e chegaram a alterar o clima - o que explica as variações da temperatura, do regime das chuvas e das estações do ano, não mais regulares. O clima de Porangaba é **subtropical úmido**.

- *Vários fatores interferem no clima de uma região: a latitude, a altitude, a vegetação, a proximidade ou a distância em relação ao mar, as correntes marítimas e as massas de ar. As massas de ar são um dos fatores mais importantes na determinação do clima. A massa de ar polar atlântica é responsável pela queda da temperatura no inverno, principalmente na região centro-sul do país. O clima subtropical úmido é controlado pelas massas de ar tropicais e polares.*

Nos meses de junho e julho sempre ocorrerem geadas nas áreas baixas. Os ventos de sudeste são predominantes.

4.5 Relevo

O relevo do município é de **planalto**, de acordo com as diversas classificações do relevo brasileiro, dentre as quais destacamos:

- 1) Aroldo de Azevedo - que leva em conta o nível altímetro como fator de determinação;
- 2) Nacib Ab'Saber - que despreza o nível altímetro e dá ênfase aos processos de erosão e sedimentação; para ele o planalto é um superfície na qual predomina o processo de desgaste e a planície é uma área de sedimentação.

O planalto é definido como sendo de superfície irregular, com altitude acima de 300 metros e produto de erosão.

4.6 Formações Vegetais

As formações vegetais do município são da **Mata Atlântica - Tropical do Interior**.

As formações florestais no nosso país são classificadas em latifoliadas e aciculifoliadas. As primeiras, adaptadas aos ambientes quentes e úmidos, abrangem as florestas: Amazônica, Tropical do Interior, Tropical de Encosta (Mata Atlântica), além da Mata dos Cocais. Alguns autores consideram a Tropical do Interior e Tropical de Encosta como sendo a Mata Atlântica. Essas regiões, antes da devastação, chegaram a abrigar 50% das espécies animais e vegetais do mundo, formando um rico banco de genes, cujo potencial em fornecer novas variedades, tanto agrícolas como medicinais, era muito grande. Para se ter uma idéia da destruição, na época do descobrimento do Brasil, a Mata Atlântica era uma faixa de 3.500 quilômetros, que se estendia por 17 estados; tinha mais de 1 milhão de quilômetros quadrados, o equivalente a 12% da área do país. A exploração madeireira durante séculos, o avanço agrícola e o crescimento urbano destruíram mais de 90% da mata original e o que restou permanece em serras inacessíveis. Com relação ao Estado de São Paulo, no ano de 1500 era uma mancha contínua de Mata Atlântica (mais de 80% do território era floresta); em 1920, mais da metade dessa mata já havia sido destruída e restavam somente 45% das florestas nativas. No ano de 1973, a Mata Atlântica tinha ficado isolada na região sul paulista e em alguns trechos da Serra do Mar; o total da mata já equivalia a 8% da área do Estado. A previsão dos estudiosos para depois do ano 2000 é preocupante e sombria, pois a Mata Atlântica estará quase extinta, reduzida a 3% do território. Relatórios ecológicos apontam a “pré-desertificação” do solo.

4.7 Questões Ambientais

A poluição, tida como o maior problema à preservação ecológica, é bastante preocupante por aqui. O Poder Municipal, com a orientação de órgãos estaduais como a Sabesp e Cetesb, procura cumprir as normas e os programas estabelecidos, voltados à saúde, agricultura,

educação e saúde, meio ambiente, etc., para melhorar a qualidade de vida da população. As escolas públicas têm participação nessas campanhas.

- *Ongs, efeito estufa, camada de ozônio, ilhas de calor são temas totalmente ignorados pela maioria dos porangabenses. Medidas primárias, como a seleção, coleta e correta embalagem do lixo, as recomendações para se evitar a criação de depósitos de lixo nas margens das estradas, a despoluição dos rios, a eliminação de águas paradas, são providências que aos poucos vão sendo postas em prática e minimizam os problemas existentes. A população aguarda a implantação da coleta seletiva e a reciclagem do lixo urbano. Com a desativação do aterro sanitário em junho de 2005, o lixo que é recolhido pela Prefeitura Municipal, passou a ser encaminhado para reciclagem na cidade de Paulínea, de acordo com contrato firmado com empresa daquela localidade.*

O Fundo Social do Município criou em 2007 o Projeto Recicle e Viva para o lixo coletado no município, acolhendo pessoas carentes e desempregadas que passaram a ter um rendimento alternativo. O lixo coletado alcança cerca 4 toneladas por semana, mas as possibilidades de crescimento são enormes, desde que haja o envolvimento de mais pessoas, podendo chegar de 8 a 10 toneladas. Hoje, somente 50% do material recolhido é tratado. Existe equipamento próprio, adquirido através de convênio com o Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, fornecido pela Prefeitura Municipal para a prensagem. Quase tudo é aproveitado, principalmente metais, plásticos, embalagens, papéis, papelão, vidros, jornais, revistas, etc. Algumas famílias já vivem dessa fonte de renda, trabalhando em sistema de cooperativa, o que quer dizer: do total arrecadado no mês, 20% são destinados ao Fundo Social para manutenção de suas atividades e o restante, 80% são divididos, em partes iguais, entre os cooperados.

O Sistema de Esgoto Sanitário da cidade está sob a responsabilidade da SABESP, que faz o tratamento e a manutenção da rede. Atualmente, 90% da população é atendida.

- *Em 19/02/1998 foi inaugurado o novo sistema de esgoto sanitário de Porangaba, cujo custo atingiu a soma de R\$ 620.000,00 (seiscentos e vinte mil reais), assumido integralmente pelo Governo do Estado. É composto de uma estação de tratamento, duas estações elevatórias, 1400 metros de linha de recalque, 266 metros de emissário e 1000 metros de rede coletora; o benefício atinge 5700 pessoas. Com o novo sistema os índices de atendimento da cidade sobem para 98% de esgoto coletados, superando a meta de coleta e tratamento do programa de governo. (Fonte-SABESP)*

Leitura

A partir da Revolução Industrial no século XVIII, a poluição tornou-se, aos poucos, o grande flagelo da população mundial. Os movimentos ecológicos, por seu lado, desenvolveram-se a

partir dos movimentos pacifistas no final dos anos 60, nos países do hemisfério norte. Em meados da década de 70, surgiram os partidos verdes que encamparam as reivindicações dos grupos preocupados com as questões ambientais e contribuíram para o avanço da legislação que ajuda a controlar a emissão de poluentes.

- ***Efeito estufa** - O dióxido de carbono e outros gases retém calor na atmosfera, pois permitem a entrada de raios solares e impedem boa parte da remissão no espaço. O acúmulo de gases na atmosfera pode ocasionar o aquecimento da superfície terrestre, provocando o derretimento parcial das calotas polares e a elevação do nível dos oceanos. As fontes de emissão variam desde a poluição industrial, passando pela destruição e queimadas das matas, até a expansão dos arrozais, que são os grandes produtores de metano.*
- ***Camada de Ozônio** - O gás ozônio tem a função de filtrar os raios ultra violetas do sol. Sem essa camada, os raios solares atingiriam a Terra com efeitos danosos aos seres vivos. Em 1985, o British Antarctic Survey detectou o aumento da radiação ultra violeta em consequência da redução da camada de ozônio. O gás CFC (clorofluorcarbono) é o principal responsável pela destruição da camada de ozônio.*
- ***Ilhas de Calor** - As grandes cidades funcionam como ilhas térmicas, apresentando temperaturas superiores às áreas vizinhas. As diferenças de temperatura provocam uma intensa circulação de ar. O ar quente que se forma nas áreas centrais, carregadas de materiais poluentes, tende subir até resfriar. Resfriado, ele retorna à superfície, provocando nevoeiro na periferia urbana. Daí retorna para as áreas centrais onde reinicia o ciclo. Outro fenômeno que ocorre durante o inverno é a inversão térmica. O ar próximo da superfície, que em geral é mais quente do que o das camadas superiores, se resfria e impede a formação das correntes de ar ascendentes na atmosfera que dispersariam os resíduos poluentes.*

4.8 Parque Ecológico Visão do Futuro



Parque Ecológico

Está presente no município a Associação Neo-Humanista PCAP, voltada ao equilíbrio ecológico, com um projeto de desenvolvimento rural, conduzido por orientadores de alto nível que desenvolvem programas para criar uma nova consciência ambiental na sociedade. A organização está próxima da rodovia Presidente Castelo Branco, sendo o acesso pelo km 162, bairro Capuava. Ocupa uma área de 750 mil m² com bosques, lagos, hortas, açudes, salas de ioga, meditação e estudos, creche e equipamentos de tecnologia limpa que captam, tratam e distribuem a água. Adquiriu, recentemente, uma outra área de

24 alqueires de floresta nativa, com o objetivo de preservar a vida selvagem, restaurar o ecossistema e integrá-lo a projetos de educação ambiental. Tem como lema: “**A aventura de criar um mundo novo, redescobrimo a Natureza**”. É um empreendimento da Associação Neo Humanista, organismo assistencial não governamental de profissionais dedicados - educadores, artistas e técnicos, trabalhando para estabelecer comunidades rurais auto-suficientes em harmonia com a natureza e desenvolver novas formas de educação holística, utilizando jogos criativos, teatro e artes. Desenvolvem o Projeto Crescer, baseado no movimento internacionalmente conhecido como “Child-to-Child”, onde as próprias crianças ensinam outras crianças sobre nutrição, agricultura orgânica, plantas medicinais, reciclagem do lixo, adubo orgânico e não poluição da água. Passam esses conhecimentos ecológicos de forma lúdica, através de teatro, música, fantoches, brincadeiras. Oferece também o programa “Um dia no Parque”, para as escolas e grupos, com inúmeras atividades. Desenvolvem seminários para professores, um trabalho de conscientização, com novas técnicas criativas de ensino: atividades ecológicas, educação holística, teatro, visualização e expressão corporal, etc. Ensinam às crianças soluções práticas para a crise do meio ambiental de hoje e as inspiram com experiências profundas de unidade com a natureza. Dedicam-se a cursos de biopsicologia e possuem um laboratório fitoterápico. A biopsicologia tem como objetivo ensinar técnicas físico-mentais para corrigir desequilíbrios nos chacras e glândulas endócrinas. Durante os finais de semana recebem turmas para cursos corporativos. O **Parque Ecológico Visão do Futuro** é dirigido pela psicóloga e antropóloga norteamericana **dra. Susan Andrews**.

- **Agosto/2007:** Desde que mudou para o Brasil há 15 anos, a psicóloga e antropóloga americana Susan Andrews dedica-se a mostrar aos brasileiros que carreira e qualidade de vida não são excludentes. Escritora e palestrante de sucesso, essa especialista em estresse corporifica os próprios argumentos: monja iogue, vive num parque ecológico que fundou em Porangaba, no interior paulista. É a nova columnist de Época NEGÓCIOS.
- Notícia recente publicada no Jornal Integração de Tatuí, edição nº 1476, 19/08/07, pág. 2: “A Prefeitura Municipal de Porangaba, em parceria com o Parque Ecológico Visão do Futuro, desenvolve com os alunos da rede municipal de ensino a Projeto “Líderes Mirins como Guardiões da Água”. O objetivo é incentivar as crianças a promover a melhoria da saúde e bem estar para todos os cidadãos, através de uma consciência ecológica sobre a utilização dos recursos naturais. As aulas são realizadas no Parque Ecológico com alunos de 1ª. e 4ª. séries do Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda”, que recebem transporte e alimentação.

Telefones : 0 () 15-32576305 e 15-32571540.

www.visaofuturo.org.br

Porangaba já recebeu o selo de potencial turístico, concedido pela Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo e Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), devido os recursos naturais do município.

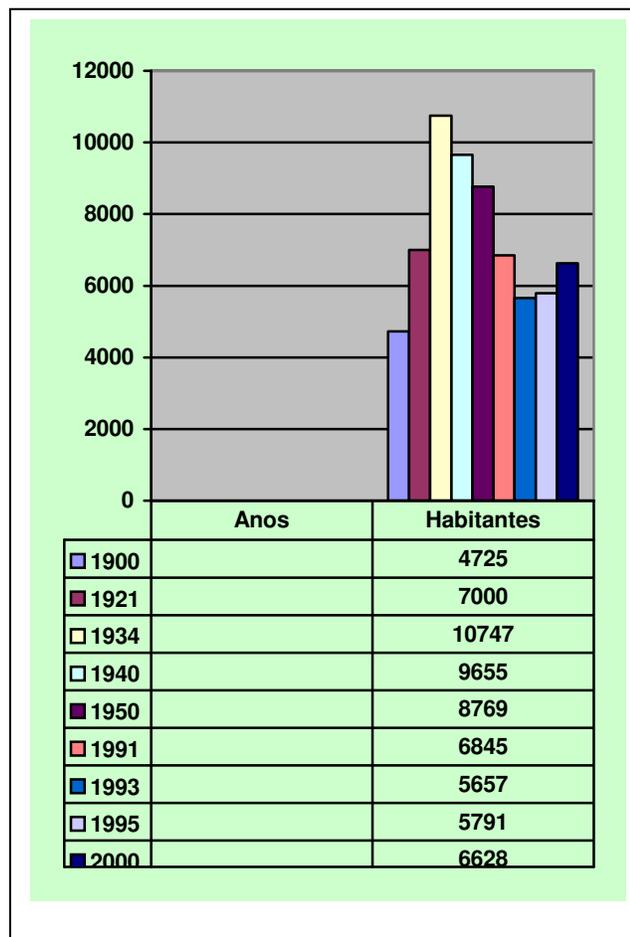
4.9 População

A maioria da população é branca, formada por descendentes de caboclos (grupo que se formou pela vertiginosa miscigenação ocorrida nos primeiros três séculos da formação antropológica brasileira) e que envolveu brancos (povoadores), nativos (índios) e negros (escravos) e, depois, no final do século 19 e início do século 20, por imigrantes europeus – notadamente os portugueses e italianos e, em menor escala, os espanhóis. Imigrantes de outras raças, como alemães e árabes, foram pouquíssimos os que aqui se fixaram. Concluindo, podemos afirmar também, com certeza, que os judeus e os “orientais” não foram identificados na evolução demográfica de Porangaba. Quanto ao negro, é sabido que o contingente inicial foi o menor dentre todas as raças, representado por poucos escravos e descendentes que aqui permaneceram após a abolição da escravatura. Vestígios de mestiçagem indígena, mesmo decorrido tanto tempo, ainda podem ser detectados por aqui. É possível observar, principalmente na zona rural, pessoas com traços bem marcantes, prováveis descendentes de mamelucos e cafuzos. A propósito, pode-se comprovar a presença do índio na região com o achado de objetos líticos, como pontas de flechas e outros fragmentos nos mais variados pontos do município. É provável que tenham vivido na região ou, simplesmente, usaram-na como sítio para caçadas e pequenas culturas agrícolas de subsistência. Possivelmente, não foram os primeiros habitantes daqui. Por muito tempo, antes deles, houve atividade humana em toda região, daí a descoberta, às vezes, de artefatos de pedra, classificados como autênticas ferramentas da idade da “pedra polida” (neolítica) e, mesmo do primeiro período (paleolítico), ou seja da idade da “pedra lascada”.

Tomando como parâmetro o ano de 1934⁹, notamos que a população do município diminuiu de forma gradativa até o ano de 1993, e isso se deve à grande emigração ocorrida no campo, a partir do término da 2ª Guerra Mundial. Houve um verdadeiro êxodo rural, com o deslocamento inicial de sítiantes para maiores centros como Tatuí, Sorocaba e São Paulo e, depois, de famílias inteiras para as terras férteis do norte do Paraná. Houve o esvaziamento da zona rural. Os dados são irrefutáveis: em 1950, para uma população total de 8769 habitantes, na zona rural viviam 7323 pessoas e, no ano de 1993, 40 anos depois, o total de moradores do município não ultrapassava 5657 pessoas. Com a emancipação política de Torre de Pedra

⁹ Em 1934 previa-se um futuro promissor para o município, com crescimento econômico, demográfico, etc., comparável, com as perspectivas de Londrina, no Paraná, de acordo com o estudo de expansão comercial feito pelo setor atacadista de São Paulo. Infelizmente, a 2ª Guerra Mundial e a ditadura de Vargas alteraram as previsões de crescimento dos pequenos municípios e, em decorrência da recessão econômica, diminuição de investimentos, etc, Porangaba foi grandemente prejudicada.

ocorreu novo impacto na composição demográfica e a população diminuiu ainda mais.



A divulgação do resultado do censo de 1991 pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, deu margem a uma preocupante projeção noticiada no jornal "Integração", de Tatuí, na edição de 05/01/92:

- "Porangaba é a grande preocupação. Cresceu apenas 7,08%, quando a estimativa do IBGE era de um crescimento de 30,17%. O município conta hoje com 6845 habitantes, apenas 453 a mais que no último censo. Pela lógica da matemática, Porangaba, no ano 2000, não contará nem com 4000 habitantes".

Atualmente, quanto ao aspecto quantitativo, a população chega a ser variável tanto na sede como na zona rural, notadamente nos feriados, finais de semanas e nos períodos de férias escolares. Isso ocorre devido o afluxo de paulistanos que aqui possuem chácaras e casas de campo.

A situação geográfica do município (próximo da Capital); a abertura da rodovia Castelo Branco, que passa a 7 km da sede; a melhoria das estradas vicinais e, principalmente, os investimentos em moradias na zona rural, contando

hoje com quase uma centena de condomínios, são os fatores determinantes dessa movimentação.

A densidade demográfica em 1985, segundo dados do *SEAD - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados*, era de 19,85% habitantes por quilômetro quadrado. Hoje, já atinge 20,98%. Como parâmetro, a taxa de crescimento anual, referente ao período de 1992/96, foi de 0,26%.

No processo de crescimento populacional, foram identificados nos últimos anos:

- a) um fluxo migratório até certo ponto atípico, pela falta de oportunidade de trabalho, de famílias procedentes dos estados do Nordeste (Rio Grande do Norte e Maranhão) e Minas Gerais (Vale do Jequitinhonha) que, aqui, passaram a usufruir, na maior parte, de benesses dos programas sociais do governo;
- b) a fixação de aposentados e idosos, vindos de grandes centros, principalmente da cidade de São Paulo. No ano de 1995, para uma população de 5791 habitantes no município, tínhamos o seguinte percentual: 43,77% na zona rural e 56,23% na zona urbana.

Bancos de dados de órgãos governamentais, referente ao quadro demográfico de Porangaba, mostram que tínhamos 5764 habitantes em 1996 e em 1998 já éramos 5846 habitantes. Projeções geométricas, contudo, estimavam 5799 habitantes para 1999 e 5904 para o ano de 2000, mas, contrariando a estimativa do próprio IBGE no recenseamento de 1991, a divulgação do resultado do **Censo 2000** registrou uma população de **6.628 habitantes** com os moradores assim distribuídos: 3.188 na zona rural e 3.440 na zona urbana.

- Segundo o jornal "Folha da Cidade", edição nº 02, de 22/04/05, persistem dúvidas quanto à eficácia do Censo 2000, referente ao número de habitantes de Porangaba, pois a municipalidade local dispõe de critérios extra-oficiais que fazem crer que a população aqui já ultrapassa 10.000 pessoas. Trata-se de um alerta importante, feito junto ao IBGE, pois a revisão influirá, certamente, no repasse do FPM e outros recursos federais para o município.
- O Jornal Integração – Edição nº 1467, de 17/07/07 – noticiou, com base nos indicadores demográficos da região, que 13,26% da população porangabense é formada de idosos e que, na maioria das cidades, o número de idosos representa 10% do total de habitantes. Esses números mostram que hoje existe um processo contínuo de desaceleração do crescimento populacional.
- Jornal Integração – 07/10/2007 – Concluído o Censo 2007 pelo IBGE, com a "contagem da população" e o "censo

agropecuário”, *Porangaba* apresentou 7.951 habitantes e 527 estabelecimentos agropecuários.

- *A evolução populacional de Porangaba em 20 anos foi:*

Censo	1987	1997	2007
População	6.693 hab.	6.291 hab.	7.951 hab.

4.10 Linguagem

- *Até, há pouco tempo, o jeito de falar do porangabense não era muito diferente dos demais grupos raciais da ampla região sob a influência de Sorocaba e, notadamente, de Tatuí, com o “erre” carregado e expressões antigas, ficando caracterizado o “linguajar caipira”, com sotaques curiosos, palavras e expressões estranhas. Aliás, isso nos diferenciava e trazia (e ainda nos traz) muito orgulho.*

O escritor e jornalista Cecílio Elias Netto, autor do “Dicionário do Dialeto Piracicabano”, ao pesquisar a linguagem encontrada em Piracicaba, concluiu que o modo de falar ali observado era característico dos habitantes de povoações do Tietê-Piracicaba, sendo o dialeto caipira muito dinâmico. Essa dedução justifica a existência de uma série de palavras e expressões, hoje tidas como “caipiricabanas”, que aqui eram comuns; eram faladas e ouvidas na zona rural, não faz muito tempo e, mesmo hoje, ainda são usadas por pessoas mais idosas. Por exemplo: a maioria dos porangabenses mais velhos, certamente ouviu dizer:

- deixar de **bobice** (bobagem); a **morde** (de modo) preparar um café; dar **trela** (atenção) prá prosa; **torná vorta otra vez de novo** (retornar); **intortá o pote** (embriagar-se); **desdá** (retomar); **cuvitera** (fofoqueira); **amigá** (concubinato); **apitô** (morreu); **já que tá que fique** (expressão que equivale a uma interjeição de conformação); **apeá** (descer); **morfioso** (serve para ofender ou agradar); **nem num vô** (certo que irei); **cabrero** (desconfiado); **matar o bicho** (tomar uma bebida alcoólica); **sabeime lá** (expressão de dúvida); **doquequeade** (impossível); **doquequeavede** (impossível); **inté ta bão** (até que está bom); **um mé de muié** (mulher bonita); etc.
- **catinga** (mau cheiro); **cucuia** (tombo); **jururú** (triste, bravo); **nhenheném** (falante); **pacova** (banana); **peteca** (bater de mão aberta); **pixaim** (cabelo crespo, ruim), etc – palavras adaptadas da língua tupi-guarani.

A influência gaúcha na forma de falar dos porangabenses também ficou nítida em decorrência da passagem de tropeiros sulistas que vinham comercializar muares no oeste paulista. O bairro do Rio Feio era um ponto de pouso quase que obrigatório. Era comum ouvir palavras e expressões típicas do Rio Grande, até há pouco tempo, como: **entanguido**, **guri**, **barbaridade**, **bulha**, **trelento**, **bicharedo**, **cancha**, **bruaca**, **que esperança**, **ché**, **pingo**, **tá loco**, etc.

Depois tivemos a influência das línguas faladas pelos imigrantes (predominantemente o português e o italiano), com palavras e expressões que foram facilmente assimiladas. Como conseqüência, a linguagem oral dos porangabenses tornou-se bastante diferenciada em relação aos nossos vizinhos, mais ou menos cantada, com o “erre” menos carregado. Muitos porangabenses ainda, hoje, chegam a ser confundidos com os gaúchos pelo linguajar invulgar.

Estudos recentes defendem que a linguagem tende a se uniformizar, tanto na cidade como no campo, e isso se deve ao advento do rádio e da televisão como fatores decisivos na mudança dos usos, costumes, alteração no falar, etc., na rota inevitável da massificação, globalização ou pasteurização da língua.

Existiram também as células rurais mais fechadas e segregadas, como as do bairro da Serrinha, onde grupos de familiares descendentes de caboclos, negros e mamelucos viveram muitos anos em total isolamento. Ainda podem ser observados alguns vestígios dessa linguagem diferenciada, ali falada e de difícil entendimento, com entonações próprias pelas características que dão ao “j”, “ch”, “tcha”, “tchu”, etc., embora já estejam sumindo pela integração e, principalmente, pela morte dos mais idosos.

A propósito, além de interessante é muito importante a investigação linguística feita por Heitor Megale, professor de filologia e língua portuguesa da USP, conforme publicação do jornalista Reinaldo José Lopes no jornal Folha de São Paulo – Caderno Mais, de 10/03/02:

“A língua dos bandeirantes” - Ao contrário do que mostram as pesquisas mais recentes, a língua dos “paulistas”, como era chamada nos documentos da época, não era só a forma adaptada do tupi-guarani, conhecida como “língua geral”, mas uma versão arcaica do português, redescoberta entre os seus descendentes por um grupo de pesquisadores que percorreu seu antigo território durante quatro anos. Traços arcaicos ficaram no idioma dos bandeirantes e de seus descendentes. É difícil afirmar algo sobre o português do século 17 (trazido pelas expedições paulista), mesmo porque nunca foi feita uma descrição exaustiva dele, diz Megale. “Mas dá para perceber que ele é extremamente conservador, muitas vezes medieval, próximo do galego-português (do século 13 ao 15)”. Esse conservadorismo do português bandeirante se reflete em palavra como “mensonha” (mentira), usada por Gil Vicente (teatrologo do século 15), ou “mentireiro” em vez de mentiroso.

*“Mamparra” para alguns entrevistados pelo projeto quer dizer “fingimento”, enquanto as variantes fonéticas arcaicas de palavras comuns, como **pessuir** (possuir), **fruito** (fruto) e “**frol**” enchem fitas gravadas. ... Perto de Cuiabá, uma pronúncia sabidamente ligada ao português do século 17 permaneceu: “**tchapéu**”, “**tchuva**”. (Lembramos que era assim que falavam os antigos moradores do bairro da Serrinha!). ... E o “r” caipira arrastado pode ser a única marca deixada na fonética do português do Brasil por influência indígena”.*

4.11 Área Urbana

As características da cidade são de urbe antiga, com crescimento pequeno, até certo ponto desordenado e não previsto, sem planejamento urbano. O traçado é irregular; as ruas e quarteirões não são uniformes e apresentam tamanhos diferentes. Hoje, a maioria das ruas já está asfaltada. A rede de água e esgoto e a iluminação pública cobrem, praticamente, toda a cidade.



Praça Joaquim da Costa Machado - 2001

O crescimento da Vila São Luiz e do Jardim São Luiz foram desordenados, mas os Conjuntos Residenciais São Judas Tadeu e São Francisco, com infra-estrutura básica, já têm unidades padronizadas e até um certo planejamento.

- *O Conjunto Habitacional São Francisco de Assis de Porangaba, com 104 unidades, no trevo de acesso às rodovias SP.162/280 e SP.141, financiado pela CDHU - SP - Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, foi inaugurado em 30/01/1992.*

O loteamento Colina Verde, por outro lado, com lotes de 1000m², próximo aos conjuntos acima citados, não recebeu, ainda, a infra-estrutura necessária.

A cidade possui: 58 ruas, 04 avenidas, 08 praças e quase duas centenas de estabelecimentos comerciais. Segundo números da **Fundação SEAD**, a taxa de urbanização, no ano de 1995, foi de 52,57%. Nos últimos anos, a

administração municipal mostrou-se preocupada com o aspecto urbano da cidade, daí a construção de algumas obras modernas, (*audaciosas ou futuristas, até certo ponto polêmicas e criticadas*), para embelezamento, com destaque para o portal na rodovia de acesso, o centro cultural e a praça principal.

O investimento habitacional no caminho do bairro dos Nunes, quase na cidade, é um loteamento com infra-estrutura deficiente, embora cresça de forma desordenada. Como está ligado à expansão da área urbana, tem merecido atenção especial do poder público que procura implantar as melhorias reclamadas.

Na atual administração, o município foi contemplado pelo Governo do Estado com mais 88 casas populares que formarão o Conjunto Habitacional Porangaba II, e que serão construídas em regime de mutirão, também nas imediações daquele caminho, sob a supervisão de técnicos do CDHU. Curiosamente, ao procurar solucionar o problema habitacional para a população de baixa renda, a área urbana está sendo expandida.

4.12 Área Rural

Os bairros rurais são formados, quase que na totalidade, por pequenas e médias propriedades. Não existem grandes latifúndios e terras devolutas. São poucas as grandes fazendas. A maioria dos proprietários agrícolas dedica-se ao cultivo básico variado do solo, ao lado de outras atividades agropecuárias ligadas à própria subsistência. As reservas florestais também são pequenas, dispersas e não representam grandes superfícies.

- *Atualmente, existem numerosos empreendimentos imobiliários, loteamentos, tipo condomínio fechado, tanto no eixo da rodovia Castelo Branco como em trechos de outras vias de acesso, não muito distante da sede, destacando-se o loteamento Ninho Verde, no km 157 da SP-280, que se estende, também, pelas terras do município de Quadra. Ali, estima-se a comercialização de mais de 1000 unidades e já possui portaria, restaurante, salão de festa e jogos, quadras esportivas, piscinas e outras áreas de lazer. Dotado de estrutura básica, já existe um número razoável de casas e a expectativa de crescimento futuro.*

O mesmo pode-se dizer dos condomínios e loteamentos implantados recentemente, que também tendem a crescer: no bairro dos Lopes (Neto Fogaça), na estrada de acesso à rodovia Castelo Branco; no bairro dos Fogaça, com acesso pelo Condomínio Ninho Verde; no bairro Carrascal, na estrada para Conchas e no bairro dos Arruda.¹⁰

¹⁰ *Para entender o fenômeno aqui ocorrido, considerando a relação crescimento populacional urbano e diminuição da ocupação do espaço rural, sabe-se que a urbanização brasileira nos últimos cinquenta anos*

- *Loteamentos existentes: Ipê 1, Ipê 2 e da Mata (bairro dos Arruda); Primavera, Caldas de Porangaba, Colinas dos Alpes, Vida Nova, Alvorada, Lago Azul, Vale Verde (bairro Carrascal/Nunes, caminho de Conchas); São João, Recantos das Garças, Paineiras, Galeria, Recanto da Castelo, Condomínio Vitória (bairro dos Lopes, Fogaça, rodovia Castelo Branco); Recanto do Bosque (estrada de Bofete); etc.*

caracterizou-se pelo aumento contínuo e acelerado da população urbana em comparação à diminuição da população rural. Em 1950 a população rural, a nível de Brasil, era de 64% e a urbana de 36%; nos anos 90, a rural era de 25% e a urbana de 75%.. Houve a urbanização acelerada no período de industrialização pós guerra, mas existem outras causas: a) as alterações das relações de trabalho no campo, a partir de 1964 com a criação do Estatuto do Trabalhador Rural, que estendeu os mesmos direitos garantidos aos trabalhadores urbanos, o que provocou desemprego e o êxodo desses trabalhadores para as periferias das cidades, transformando-os em bóias frias; b) a mecanização da agricultura, principalmente no Centro Sul, que economiza mão de obra; c) a concentração fundiária decorrente da absorção das pequenas e médias propriedades pelos grandes proprietários; d) a estrutura fundiária atual, com minifúndios que não conseguem produzir o suficiente, estimulando a migração para os centros urbanos. A intensa urbanização do país foi acompanhada pelo processo de metropolização, decorrente da grande concentração populacional em um número reduzido de cidades. A expansão das cidades, que vão se fundindo, é chamada de conurbação. As cidades conurbadas enfrentam problemas com transportes, enchentes e excesso de lixo, daí a criação das regiões metropolitanas para enfrentar as dificuldades decorrentes dessas conurbações.

5. RELIGIOSOS

Os primeiros moradores aguardavam com certa ansiedade as festas religiosas, os dias santificados (consagrados ao culto e proibidos ao trabalho) e, ainda, os mutirões, porque marcavam a sociabilidade dos homens do mundo rural, quando quebravam o isolamento em que viviam. As práticas religiosas e os dias santificados assumiam, então, características peculiares sob a forma do catolicismo rústico ou popular, com um forte significado dentro da sociedade dos sertanejos, caipiras e caboclos.

Aqui, pela falta de padre para a assistência espiritual, as liturgias do catolicismo também se dissolveram em práticas leigas singulares e que chegavam a ser até auto-suficientes, como as rezas, as novenas, as promessas, as recomendadas, a capela (mais tarde), as procissões, as cruzeiras nas estradas, etc., que mostravam uma intensa religiosidade. Na ausência do sacerdote, que vinha de tempo em tempo, os rituais do catolicismo popular eram conduzidos por homens do próprio bairro – os chefes de quarteirão, capelães, líderes, festeiros, rezadores e penitentes. A religiosidade se firmava também em torno dos santos de devoção, num relacionamento íntimo, próximo, respeitoso.

Hoje, além das religiões pioneiras, tradicionais (católica e presbiteriana), proliferaram no município as chamadas crenças evangélicas – com templos dispersos em todo município e um crescente número de fiéis. O aumento é incontestável. Temos: as *Testemunhas de Jeová*, a *Congregação Cristã do Brasil*, a *Igreja Pentecostal Deus e Amor*, a *Igreja do Evangelho Quadrangular*, a *Igreja Universal do Reino de Deus*, a *Assembléia de Deus*, a *Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo”*, a *Igreja Renascer*, etc.

Neste trabalho serão destacadas as primeiras Igrejas que aqui chegaram, já centenárias em Porangaba, sem nenhum demérito e menosprezo às demais.

5.1 Igreja Católica, Apostólica e Romana

A pousada conhecida como Rio Feio passou a ser chamada de *bairro de Santo Antônio do Rio Feio* quando foi erguida a capela em louvor ao santo introduzido e que virou padroeiro. Antes, as atividades religiosas no povoado eram conduzidas pelos padres de Tatuí, mas os moradores reclamavam maior assistência espiritual e pediam um sacerdote fixo, embora eles viessem periodicamente para celebrar missas e administrar os sacramentos do batismo e do matrimônio. Na procura de amparo espiritual, várias etapas foram cumpridas pelos católicos, pois, na falta do mentor efetivo, os próprios

membros da comunidade exerciam o papel de formadores religiosos, não esquecendo que, antes, o ensinamento inicial já começava em casa. Era uma das funções da mulher, da mãe católica, e tal situação perdurou por muitos anos. A primeira capela, por ser muito pequena e rústica, foi reconstruída no ano de 1880, ou seja, reformada e ampliada, sendo os trabalhos em madeira feito pelo mestre-de-obras João Zanin.

Não sabemos a data exata da construção da primeira capela (dizem que foi em 1860 e também o ano de fundação do povoado), mas trata-se de um assunto polêmico, nebuloso e que exige esclarecimentos. A verdade é que, a partir de 1882, a comunidade católica local, da qual ainda faziam parte membros da Família Amaral Camargo (que depois se converteram ao protestantismo), já estava empenhada na construção do prédio para a capela.

Títulos de doações para patrimônio da Capela de Santo Antônio do Rio Feio

-
- *Francisco de Arruda Ribeiro e sua mulher Joaquina Maria, senhores e possuidores de vários bens móveis e de raiz, livre e desembaraçado, bem assim uma parte de terras lavradas no lugar denominado Rio Feio, distrito da cidade de Tatuhy, cuja parte de terras contem quatro alqueires, mais ou menos, em sítio que foi do finado Antônio Philipe e sua mulher Ana Maria, cuja parte houvermos por falecimento do nosso sogro e pai, e sogra e mãe, cuja parte assim bem declarada e livre e desembaraçada de qualquer ônus ou hipoteca, em presença de testemunhas, de nossa livre e espontânea vontade, fazemos doação da dita parte a Santo Antônio do Rio Feio para servir de patrimônio, sendo no valor de quarenta mil réis 40\$000 cada um alqueire que perfaz a quantia de cento e sessenta mil réis 160\$000, e seu produto será aplicado na construção da Igreja do mesmo Santo Antônio. Rio Feio, 01/05/1882. Assinam: Francisco de Arruda Ribeiro; a rogo de Joaquina Maria: João Batista de Camargo Barros; testemunhas: José Antônio de Oliveira André, Francisco do Amaral Camargo, Firmino Ribeiro Correa.*
-
- *Doação de uma casa na rua de Cima, feita por Francisco do Amaral Camargo e sua mulher Francisca do Amaral Camargo, através de duas escrituras públicas; uma em 30/05/1887; outra de ratificação em 27/01/1895, ambas lavradas no Tabelionato Paula Gomes de Tatuí.*
-

O primeiro padre católico nomeado para a “Freguesia da Bella Vista de Tatuhy” – o italiano José Gorga - somente chegou em janeiro de 1897. Antes, em meados de 1896, já tinham sido realizadas as primeiras missões com padres missionários.

Com a fixação do padre, o entusiasmo envolveu os católicos e em 1899 foi realizada a segunda missão, que o

jornal Cidade de Tatuí, na edição de 30/06/1899, assim noticiou:

- “Estiveram em Bela Vista, por 12 dias em peregrinações, os missionários José Domingos e Rafael Fernandes, sendo efetuados 7 casamentos, 1304 comunhões e 1325 crismas”.

As santas missões foram comuns até os anos 40 do século passado e procuravam preparar o povo pela penitência, ensinando o catecismo e fazendo batizados. Serviam ainda para avivar a fé dos que viviam isolados. Duas missões eclesásticas se destacaram e foram realizadas:

- em 1921 pelos padres capuchinhos, ficando as pregações a cargo dos freis Vigílio Breguzzo e Timóteo de Helvécia;
- em 1933, quando aqui estiveram os missionários redentoristas padre Victor Coelho de Almeida e Otto Maria Bohm.

5.2 Padre José Gorga

O primeiro padre da Capela de Santo Antônio do Rio Feio foi o italiano José Gorga, coadjutor da Paróquia de Tatuí. Como padre residente, aqui chegou em 1897, nomeado por D. Joaquim Arcoverde Albuquerque Cavalcanti, bispo de São Paulo. Natural de Roccadaspide, Província de Salerno, filho de Francisco Gorga e Rosa Guarino Gorga, nasceu no dia 14/04/1870. Ordenou-se em 08/07/1895 pelo Seminário de Capaccio Viallo, da mesma província, e veio para o Brasil no ano de 1896. Primeiro, como sacerdote avulso na Paróquia do Braz, em São Paulo. Depois, como padre residente atendeu a capela de 06/01/1897 a 18/02/1898 e, com a criação da paróquia, como vigário efetivo a partir de 19/02/1898. Atendeu também, cumulativamente, as paróquias do Rio Bonito (Bofete) e Guareí. Foi político na Bela Vista, reconhecidamente um dos primeiros chefes de notoriedade, ligado aos Vieira de Tatuí, e um ferrenho inimigo dos protestantes. Permaneceu até 1909, sendo transferido para a Paróquia de Pereiras; em 1912 chegou a retornar a Bela Vista por poucos meses. Permaneceu em Pereiras até 1914 e chegou, também, a responder pela Paróquia de Santa Cruz de Cesário Lange, então criada, e ali celebrou a primeira missa. No mesmo ano, viajou para a Itália para visitar seus familiares, quando começou a segunda guerra mundial. Com o término do conflito, em 1920 retornou ao Brasil para a cidade de Agudos, onde permaneceu por pouco tempo. Dali, transferiu-se para Conchas, como vigário da paróquia. Faleceu em 06/07/1926, com 56 anos de idade e está sepultado na Igreja Matriz daquela cidade.

5.3 Criação da Paróquia de Santo Antônio do Rio Feio

Por portaria firmada pelo cônego tesoureiro-mor Esechias Galvão da Fontoura, vigário capitular do Bispado de São Paulo, registrada e divulgada pelo cônego Júlio Marcondes de Araújo e Silva, escrivão da Câmara Eclesiástica e secretário do Bispado de São Paulo, foi criada a **Paróquia de Santo Antônio do Rio Feio, na Freguesia da Bella Vista de Tatuhy, a partir de 19/02/1898**. Publicada e lida a portaria na Paróquia de Tatuí, no dia 27/02/1898, pelo cônego João Clímaco de Camargo. O mesmo ocorreu na Bela Vista, no dia 06/03/1898, através do padre José Gorga.

Livro do Tombo e divisas da nova Paróquia

- O livro nº 1 da Paróquia de Santo Antônio do Rio Feio, no distrito da Bela Vista de Tatuí, foi aberto em 15 de julho de 1898, sendo numerado e rubricado pelo Vigário Padre José Gorga. Erigida e canonicamente instituída por portaria, a nova paróquia de Santo Antônio do Rio Feio tinha a seguinte linha divisória: “Com a Freguesia dos Pereiras pelas atuais que são da Capela de São Roque pelos espigões de Claudino Xavier de Souza e de Vicente Cassimiro, Joaquim Cassimiro, Francisco do Prado e Bento Luiz, Domingos Furtado, até cair na estrada, que serve atualmente, aberta por José Antônio de Siqueira e por ela acima até o rio da Vargem no lugar denominado Catharina e por este acima até suas cabeceiras e destas pelo espigão da Serrinha, cabeceira do rio Feio, seguindo pelo mesmo até a cabeceira do rio Bonito e por este abaixo e suas caídas até a barra do rio do Peixe, por ele abaixo até a Capela de São Roque d’onde principiou”.

Comissão de Obras da Igreja

Criada a paróquia, houve a necessidade de ampliar o pequeno templo existente e, então, por sugestão e convocação do vigário, em 17/08/1901 foi constituída a Comissão de Obras, assim formada:

- presidente: padre José Gorga; tesoureiro: capitão Joaquim Francisco de Miranda (sub-delegado); secretário: capitão Carlos Frederico dos Santos (farmacêutico); membros: tenente Antônio Paulino Telles (escrevente do cartório), Paulo Cassetari (comerciante) e Sebastião Pérsio (comerciante).
- Colaboradores : Antônio Antunes Correa, Arcanjo Gorga, Francisca de Oliveira Dias, Francisco Lourenço Ribeiro, Hercília Pescatori, João Gorga, Joaquim Amaro de Lima, Jorge Apolinário da Costa Neves, Maria Francisca da Conceição e Silvéria Angélica da Fonseca Bueno.
- Promotores de Leilão : Antônio Francisco Perdiz, Francisco São Pedro Martins, Leôncio Manoel de Oliveira, João Leite de Paula e João Pescatori

Consta nos Anais da Câmara Municipal de Tatuí, na ata da sessão de 01.02.1902, a entrada do requerimento da Comissão de Obras, assinado pelo padre José Gorga, Joaquim Francisco de Miranda e Carlos Frederico dos Santos, pedindo a concessão de 7 palmos de terreno, ao lado da Capela, para o levantamento do prédio. O pedido foi aprovado de imediato, já no dia 03/01/1902.

Para a construção do templo foi iniciada a campanha para angariar recursos e em 10/10/1901 foi comprado o primeiro lote de tijolos - 60 milheiros - da olaria do capitão João Affonso Pereira. No ano seguinte, foi contratado o artista italiano **Luiz Camerlingo**, mestre de obras, para a execução dos serviços. **Mestre Luiz**, como era chamado, acabara de restaurar as torres da igreja de Pereiras e veio para levantar a fachada e as torres do novo templo. As obras foram iniciadas no dia 01/06/1902, festivamente, com a grande presença de fiéis e da banda de música, sendo, então, colocada a primeira pedra debaixo da torre do lado direito, no sentido de quem olha de frente para o templo. Não encontramos referência quanto à data de conclusão, que, supomos, ocorreu, mais ou menos, após 1905, pois no Livro do Tombo consta que em 1907: *“a Igreja Matriz estava sendo reconstruída, estando já completa a fachada com duas torres”*.

5.4 Capela de São Roque



A origem e a data de construção da Capela de São Roque são desconhecidas, pois nada encontramos nos livros da Paróquia de Santo Antônio de Porangaba. A respeito da capela, no Livro do Tombo, em 15/02/1905 o padre Gorga registrou o seguinte:

- *“É situada no lugar denominado cemitério velho, que é o mais elevado da povoação e não se acha, ainda, acabada. Mede 10 metros de comprimento por 6 metros de largura e 8 ½ metros de altura, tendo na frente uma porta larga e duas outras no corpo da*

igreja. Na frente tem 3 janelas, em uma das quais será colocado o sino. Antônio Antunes Correa, homem de toda confiança e católico a toda prova, na qualidade de zelador, vem trabalhando desinteressadamente pelo adiantamento das obras da capela. A construção é toda de tijolos”.

Mesmo inacabada, foi utilizada por muitos anos e chegou, até, a centralizar todos os trabalhos religiosos da paróquia no período em que o templo principal passou por reformas. Teve dias memoráveis e festivos nas tradicionais comemorações em louvor ao santo padroeiro, as inesquecíveis “festas” de São Roque. A partir de 1950, mais ou menos, foi sendo desprezada e esquecida pelos católicos. Chegou a ser demolida, parcialmente, no final dos anos 50, quando o vigário utilizou parte do material retirado para a construção do Salão Paroquial *“Padre Antônio Dragone”*. No início de 1960 foi definitivamente derrubada, pois o que sobrava estava deteriorado e condenado.

O saudoso tropeiro **Lazinho do Valêncio**, já nonagenário, mas lúcido, um pouco antes de falecer, nos contou que se lembrava muito bem da capela e não sabia dizer quando foi construída.

Comentou :

- *“Tenho lembrança, sim, pois, quando eu era menino passava por lá com meus amigos quando ia brincar naquele lado onde foi o cemitério velho. Eram poucas as casas ao redor. Eu também não faltava nas festas no Largo de São Roque, que eram alegres, cheia de povo, com barracas de comes e bebes, mascates, jogos, fogos e banda de música. A casa atrás da capela, bem antes de ser da Família Leme, era do Joaquim Colaço e da dona Francelina. Essa senhora atendia os sitiantes que para cá vinham em grande número nos dias festivos, oferecendo-lhes água e as instalações para outras necessidades. Isso ficou gravado na minha memória. Existiam outras casinhas de sapé, no lado direito, onde está hoje a Santa Casa, e uma delas pertencia ao cidadão conhecido por Pedro Gato, cuja filha era por nós chamada de Maria Gatinha. (Qualquer relação com o significado atual de Gatinha, é mera coincidência!)”*

O poeta porangabense Onozor Pinto da Silva lamentou em verso o fim da capela e recitou:

*“Toda beleza perdeste,
já bem velha e abandonada,
sob o tempo deletério,
mas será que tu morreste
só porque foste plantada
sobre o chão de um cemitério ?”*.

Em 1957, a “igrejinha”, como era chamada a capela, já estava parcialmente desmantelada. Antes da construção, naquele terreno existiu o primeiro cemitério, *o cemitério velho*, fundado por provisão de 24 de março de 1874 e que funcionou até 1883; durou menos de uma década. Com a desativação, há mais de cento e vinte anos, foi então que se construiu a capela em louvor a São Roque. Por que a escolha desse padroeiro? Não temos ainda a resposta, mas com certeza pela importância na hierarquia hagiográfica dos santos da Igreja Católica, pela devoção dos pioneiros, pelo significado do orago - “*o protetor da peste*”¹¹ e pelo fato de ali ter existido um campo santo. O saudoso poeta, emocionado, declamava:

*“das festas com banda, quermesse e leilão,
comemorações com muito amor e afeição,
quando o povo participava ativamente para pagar suas
promessas feitas por força da crença”.*

Lembrava dos cuidados de dona *Rosa Cassetari Angelini*, zeladora da Capela, que a mantinha limpa e florida; disse, ainda, que chegou a executar serviços de manutenção e pintura do prédio a pedido daquela respeitável senhora.

A “Igrejinha de São Roque” desmoronava; o abandono a envelheceu... Percebendo o fim que se aproximava, proclamou:

*“Não há mais as belas cenas,
com o tempo tudo passa.
Não há nem missa, nem novena,
não há nem festa, nem graça,
pois do São Roque, apenas ficou
o nome de praça...”*

Funcionou, mais ou menos, até a metade do século passado, época em que a festa anual do padroeiro (16 de agosto) era o destaque maior, com uma semana de rezas e leilões, encerrando sempre com missa e procissão. Ali eram celebradas missas mensais e feitas, também, reuniões de congregações, etc. Foi tão importante no passado, que o folclorista Alceu Maynard de Araújo, na obra “*Cultura Popular Brasileira*”, página 39, ao se referir às festas religiosas fixas do interior paulista, escreveu: “*a*

¹¹ “*São Roque, Confessor, descendente de uma família nobre, rica, nasceu no ano de 1284, em Montpellier (Languedoc) e, ao vinte anos de idade, com a morte dos pais, tornou-se um jovem muito rico; o senhor absoluto de um opulentíssimo patrimônio. Mostrando o maior despreendimento e humildade, distribuiu para os pobres grande parte de suas rendas e se dirigiu a Roma, onde passou a viver como pobre, praticando o bem e a cura. Tornou-se por sua santidade e por sua poderosa proteção contra o açoitado da “peste”, um dos homens mais célebres da Europa Cristã. Morreu no dia 16 de agosto de 1327” (Pe. Croiset, S.J.)*

Orago – santo padroeiro, a quem é dedicado o templo, a capela.

Festa de São Roque, em Porangaba, a 16 de agosto, com tourada, cateretê e fandango...”

- *A festa modificou-se com o tempo e os moradores mais antigos contavam que antes era muito mais animada. Tinha quermesse, com barracas de jogos, comes e bebes, instaladas na frente da capela e na própria rua de cima. Havia dança e muita música. Muito povo. Muitos ouviram dizer que no começo do século passado, mais ou menos, no dia da festa, era costume acender a grande fogueira à noite (chegavam a amontoar e queimar dois carros de lenha) - noutro lado do pátio – a fogueira do samba, onde o povo (caboclos, negros, cafuzos e principalmente as mulatas) dançava o “samba autêntico”, herdado dos escravos, até o dia amanhecer. Em decorrência de bebedeiras e confusões, o costume foi proibido pelo padre da paróquia depois de algum tempo.*

Hoje, o “Largo de São Roque” já faz parte do passado, da história do cemitério velho, onde alguns poucos pioneiros foram sepultados, quando o povoado se formava. Tudo se encaixa na evolução histórica e na dinâmica de uma cidade, envolvendo pessoas, edificações, logradouros, crescimento, decadência, etc., sendo a demolição da capela perda irreparável para o patrimônio histórico e cultural do município. Não existe sequer vestígio e nenhum marco, e, derrubada há mais ou menos cinquenta anos, no lugar destaca-se hoje a bela praça **Francisco Pássaro** – uma justa homenagem a um filho ilustre, embora para os moradores mais velhos ainda seja o “**Pátio de São Roque**”.

5.5 Párocos

Período de 1897/2004

1. José Gorga; 2. Francisco José Seródio; 3. Antônio Augusto; 4. Antônio Torres; 5. Antônio Henrique Pereira; 6. João Batista de Palma; 7. João Quirino de Almeida; 8. Ângelo Lemarchand; 9. José Paschoal; 10. Horácio Lembo; 11. Ângelo Tersi; 12. Antônio Joaquim Pereira; 13. Pio Redim; 14. José Antônio Pabon; 15. Herman José K. Von Wolff; 16. Ambrósio Marcks; 17. Antônio Dragone; 18. Luiz Bazzo; 19. Eugênio J. de Camargo Barros; 20. José Pássaro; 21. Fernando Mietto; 22. Paulo Cesar Ferreira; 23. Hilário Henn; 24. Luiz Antônio Machado de Oliveira; 25. Marcos de Moraes; 26. Hilário Henn; 27. Altair Alves de Lima; 28. João Lorenzetti Donatti; 29. Pedro Luiz de Oliveira Lima.

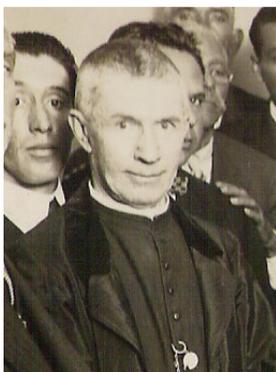
O vigário atual é o padre Pedro Luiz de Oliveira Lima.

A Paróquia de Santo Antônio de Porangaba pertence atualmente à Diocese de Itapetininga, cujo bispo titular é dom Gorgônio Alves da Encarnação Neto.

5.5.1 Padre Ângelo Lemarchand

O padre francês Ângelo Lemarchand veio para o Brasil em 1908. Trabalhou em diversas cidades e somente assumiu a Paróquia de Porangaba em 1923, vindo de Cerqueira César. Já tinha mais de 60 anos de idade. Os moradores mais antigos sempre elogiaram a sua inteligência e **foi com certeza a pessoa de maior cabedal cultural que passou por aqui**. Basta comparar a sua biografia, a formação intelectual, acadêmica e as atividades exercidas.

- *Desenvolveu profícuo trabalho religioso na paróquia, sendo muito estimado na comunidade. Chegou a cumular as paróquias de Porangaba, Bofete e Pardinho (antigo Espírito Santo), cobrindo longas distâncias a cavalo para atender os fiéis, exercendo o ministério com grandeza. Pelos caminhos, tinha sempre uma palavra de conforto às pessoas que encontrava e o costumeiro convite à missa dominical. Prestigiu sempre todos os eventos sócio-culturais da comunidade e não dispensava as reuniões periódicas com um grupo seletivo de amigos, imigrantes europeus, para longas conversas e jantares.*



Homem de espírito franco e destemido, com o passar dos anos tornou-se uma pessoa frágil, impaciente no trato, possivelmente por problemas de saúde, mas jamais comprometeu a sua função sacerdotal. É o que diziam aqueles que com ele conviveram, pois sempre foi muito respeitado. Enfatizou muitas vezes o desejo de permanecer em Porangaba até os seus últimos dias, todavia, por ordem do bispado de Sorocaba foi transferido para a Paróquia de Pereiras. Surpreso, cumpriu todas as determinações e no final de 1934, depois de permanecer quase 11 anos em Porangaba, mudou-se para Pereiras. Dizem que partiu magoado e, depois de 17 meses, com quase 74 anos de idade, faleceu naquela cidade, onde está sepultado. Morreu distante da sua querida França, da família e dos amigos e essa talvez fosse sua grande tristeza.

- Na 2ª.via da certidão de óbito, expedida pelo Cartório e Registro Civil de Pereiras (em 22/11/1996), consta que o registro foi feito em 06/06/1936, no Livro C.01, fls. 282 v, sob nº 698, sendo declarante Armando Pérsio e o óbito firmado

pelo farmacêutico Júlio Salvetti e seu ajudante Raphael Paschoal. A "causa morte": morte natural, sem assistência médica. A idade citada é de 64 anos, que não corresponde à idade cronológica que consta nos assentamentos da Cúria de Sorocaba.

Ângelo Lemarchand nasceu em La Motte, Bretagne, na região oeste da França, no dia 24 de junho de 1862, filho de Pierre Lemarchand e Marie Julianne Barchet. Fez seus estudos eclesiásticos em Plouguenast e em Saint-Brieuc. Foi ordenado sacerdote em 29 de fevereiro de 1896 por Mons. Pierre-Marie-Frédéric Fallières, bispo da Diocese de Saint-Brieuc. Foi professor do Seminário Menor de Plouguenast de 1896 a 1907. Foi vigário de 1907 a 1908 em Hennebont. Bacharelou-se em letras na Faculdade de Rennes. Veio ao Brasil em 1908. No livro "Cultura Popular Brasileira", de Alceu Maynard Araújo, é registrada a presença do padre bretão em São Vicente, já no mesmo ano, e consta que "criado entre rendeiras e marinheiros em sua terra natal, a 15 de agosto de 1908, lançou nas águas do Mar Pequeno, a primeira procissão de barcos, iniciando assim a festa na cidade fundada por Martim Afonso de Souza". Foi coadjutor do Comissário do Carmo em São Paulo de 1908 a 1912. Pároco de Cerqueira César em 1923. Assumiu a Paróquia de Porangaba em 20 de dezembro de 1923 e permaneceu até 07 de novembro de 1934 (chegou a cumular as Paróquias de Bofete e Pardinho (Espírito Santo do Pardinho por algum tempo), quando foi transferido para a cidade de Pereiras. Em 08 de novembro de 1934 tornou-se pároco de Pereiras, onde faleceu no dia 06 de junho de 1936, às 6h30, assistido pelo Pe. Bernardo Reckes, de quem recebeu os últimos sacramentos. Dom Aguirre assim expressa a seu respeito: "sacerdote dedicado dotado de vasta cultura, era, no entanto, muito humilde". Sepultado na Igreja Matriz de Pereiras.

Fonte: "Anuário da Diocese de Sorocaba, 1934"

5.6 Religiosos nascidos em Porangaba

- Frei Timóteo Maria de Porangaba; 2. Frei José de Oliveira (Acácio de Porangaba); 3. Padre Ernani Angelini; 4. Padre Antônio Valêncio de Oliveira; 5. Padre Joaquim Leme da Silva, 6. Frei Lázaro M. Antunes do Prado.

5.7 Irmão Leigo nascido em Porangaba

- Irmão Silvério Cubas de Miranda

5.8 Freiras nascidas em Porangaba

- Madre Angelina Maria da Sagrada Face (Pescatori); 2 Irmã Josefina (Carmelita); 3. Irmã Maria José (Salesiana); 4. Irmã Maria Olívia (Franciscana); 5. Irmã Teresa Ribeiro; 6. Irmã Victoria (Mariano); 7. Irmã Terezinha de Oliveira e Silva;

5.9 Freiras que moraram em Porangaba

- Irmã Alice e Irmã Jandira (Carmelitas); Irmã Teresa Cassetari; Irmã Claudina São Pedro; Irmã Ana Coimbra (Anita) – Madre Superiora, professora, lecionou no Grupo Escolar de Porangaba.

5.10 Congregação Mariana de Porangaba

A Congregação Mariana de Porangaba foi fundada em 08/05/1935 e os primeiros membros foram: Ignácio Bassoi, Acácio Domingues, Aldo Angelini, Ernesto Pedroso de Oliveira, Mário Antônio Nogueira, Ovídio Machado, Mário Machado e Henrique Rossi.

Outros participantes: Humberto Machado, Paulo Machado, José Antônio Cardoso, Hermógenes Ares, João Marinoni Machado, Erasmo Pedroso de Oliveira, Alípio de Oliveira Pinto, Francisco Nunes Diniz, João de Oliveira, Ildefonso Palmeira e Mário Cardoso.

- “Os congregados eram uma das mais fortes associações masculinas dentro da Igreja Católica. Todo homem de bem devia ser congregado e meu pai era um. Nunca soube realmente o que faziam a não ser cantar grosso nas procissões e em determinadas cerimônias. Parecia-me que todos os marianos tinham voz de baixo, era impressionante. Uma das canções sacras dizia: *eia sus!* Era um brado que reboava. Até hoje me pergunto o que seria *eia sus*. Mistérios que permanecem”.

Ignácio de Loyola Brandão (Caderno 2 – Estado – 03.01.2003)

5.11 Igreja Presbiteriana de Porangaba

O protestantismo surgiu no bairro do Rio Feio em 1886, um pouco mais de duas décadas após o primeiro serviço religioso realizado em São Paulo pelo americano rev. A.L.Blackford. Pode-se afirmar que chegou rapidamente, considerando as dificuldades de comunicação da época, a distância e o isolamento do povoado. De fato, com a cisão ocorrida entre os católicos, a ala dissidente, formada por membros da Família Amaral Camargo iniciou a organização da Igreja Presbiteriana em 1888. O primeiro pastor que aqui pregou o evangelho foi o rev. João Ribeiro de Carvalho Braga, de Botucatu, mas o primeiro mentor espiritual foi o pastor Zacarias de Miranda, de Sorocaba.

- A separação não foi pacífica e surgiram retaliações de ambos os lados, que se estenderam por quase duas décadas e, inclusive, envolveram as lideranças políticas. O impasse agravou-se mais ainda com a instauração de processo judicial, envolvendo elementos das duas religiões, já em 1899 e que tramitou pelo Fórum da Comarca de Tatuí. O ato sentencioso, no mesmo ano, permitiu que os grupos antagônicos passassem a se tolerar. Mas, mesmo assim, por mais de uma década, continuaram as perseguições políticas, desgastes e cerceamentos absurdos, que iam desde o rompimento de velhas

mizades, o corte de relações comerciais, a separação de famílias, etc.

História que o povo conta; fato verídico:

- Giovanni (João), jovem italiano, belo e forte, sacristão da igreja, maestro da banda de música e irmão do padre, apaixonou-se por Dalila, filha da professora e do capitão, tida como a moça mais bonita do lugar. Após encontros furtivos e namoro escondido, tomou coragem e pediu a donzela em casamento, sendo aceito. Marcada a data, correram os proclamas, mas o enlace não se realizou, pois os pais da noiva, que se converteram ao protestantismo, não concordaram. Uma verdadeira “bomba” explodiu na comunidade e incendiou ainda mais o conflito religioso na Bela Vista de Tatuí.



Igreja Presbiteriana Independente de Porangaba

Algumas notícias do jornal “Cidade de Tatuí”, da época, comprovam o desentendimento entre as facções:

Edição de 11/02/1900

- Os ânimos em Bela Vista – “Sabemos reservadamente que, em virtude de artigo violento escrito pelo ministro protestante de Bela Vista no “Estado de São Paulo”, o sr. Lotufo, há poucos dias, contra o vigário daquela freguesia, os ânimos ali vão se inflamando novamente e, queira Deus, não haja carnificina. E depois acusam-se os católicos de provocadores. Aconselhamos toda população à prudência e paz”.

Edição de 21/09/1901

- Noticiava o deslocamento de uma força policial do destacamento de Tatuí, comandada pelo alferes Antônio Fogaça de Oliveira, para “conter o conflito religioso entre católicos e membros exaltados de outra seita; os conflitantes provocaram desordens na villa e chegaram ao ponto de atacar, armados de carabinas de repetição, a polícia local, que diante da atitude agressiva, teve que recuar”.

Em 1905, a situação agravou-se ainda mais quando houve a segregação pela opção religiosa e os filhos de católicos e protestantes passaram a estudar em escolas separadas.

A primeira Igreja Presbiteriana de Porangaba foi instalada pelo rev. José Zacarias de Miranda no dia 27/06/1890, no bairro da Serra do Amaral e, até a construção do templo em 1903, na cidade, os serviços religiosos continuaram a ser feitos nas casas dos fiéis. Os cultos aconteciam também no bairro do Saltinho.

Em 1903, o núcleo presbiteriano da “Freguesia da Bella Vista de Tatuhy” aliou-se ao movimento independente que se separou da Igreja Mãe e formou a **Igreja Presbiteriana Independente da Bela Vista de Tatuí**, uma das primeiras a organizar no Brasil. O templo foi reconstruído no ano de 1924, no pastorado do rev. Alfredo Ferreira e, dez anos depois, passou por grande reforma feita pelo empreiteiro Biaggio Montecelli, já no pastorado do reverendo Adolfo Machado Correa.

Membros fundadores

Os fundadores da Igreja Presbiteriana de Porangaba, de acordo com o livro de atas e o assentamento feito em fevereiro/1888, foram:

- *Feliciano do Amaral Camargo, João do Amaral Camargo, Geraldo do Amaral Camargo, Salvador do Amaral Camargo Primo, Sizenando de Almeida Moraes, Maria Machado de Almeida Moraes, Antônio Benedito Marins, Amélia Coelho de Oliveira, Maria do Amaral Camargo Prima, Francisco Novaes e Juvenal Chrischener David Muzel.*

5.12 Pastores Presbiterianos em Porangaba

Período de 1890/1990

1. José Zacarias de Miranda; 2. Francisco Lotufo; 3. Franklin Nascimento; 4. Benedito Ferraz de Campos; 5. Belarmino Ferraz; 6. Isaac Gonçalves do Valle; 7. Francisco Pereira Júnior; 8. Alfredo Ferreira; 9. Lauresto Rufino; 10. Roldão Trindade de Ávila; 11. Adolfo Machado Correa; 12. Turiano de Moraes; 13. Carlos Pacheco; 14. Ruy Gutierrez; 15. A.Pereira de Mattos; 16. Isaar Carlos de Camargo; 17. Silas Dias; 18. Urbano de Oliveira Pinto; 19. Ely do Amaral Camargo; 20. Ciro Machado; 21. Darcy do Amaral Camargo; 22. Alyrio Camilo; 23. Levy Silva; 24. Ozéas Greibeler; 25. Aggeu Mariano da Silva; 26. Lauri de Almeida; 27. Epaminondas Correa de Oliveira; 28. José Alexandre Fogaça; 29. Elizeu Rodrigues Cremm; 30. Sérgio Paulo de Almeida; 31. Uriel Silveira; 32. Jonas Gonçalves; 33. Doracy Natalino de Souza; 34. Misael Ricardo de Freitas; 35. Valdir Mendes; 36. Daniel Raimundo de Souza; 37. Florisval Carmona Costa; 38. Paulo Roberto

dos Santos; 39. Kleuber Leal dos Silva; 40. Saulo Vieira; 41. Marcelo Adriano Bugni; 42. José Antônio Aparecido Calaça; 43. Evânio de Oliveira Prado

O atual pastor é o rev. Evânio de Oliveira Prado

5.13 Pastores nascidos em Porangaba

1. Epaminondas Mello do Amaral; 2. Ely do Amaral Camargo; 3. Abel do Amaral Camargo.

5.14 Rev. José Zacarias de Miranda



José Zacarias de Miranda e Silva, filho de João Baptista Miranda e Silva e Sílveria Maria Duarte, nasceu no dia 05/11/1851, em Baependi, Minas Gerais. Casou-se com Henriqueta Isaura do Paraíso e Silva, com quem teve numerosa prole. Foi alfaiate, músico, maestro, professor de francês, latim, álgebra e aritmética. Licenciado pastor em 1880. De origem humilde, venceu através do seu esforço; foi iniciado maçom na Loja Perseverança III, de Sorocaba. Faleceu em 31/10/1926, em Sorocaba, com quase 75 anos de idade.

- *Pioneiro na pregação do evangelho na região, sempre aparecia “no lombo do seu inseparável cavalo, nas suas idas e vindas por estas bandas”. Seu quartel general era Sorocaba; dali partia para pregar e organizar a religião presbiteriana, visitando com frequência: Bacaetava, Faxina (Itapeva), Itapetininga, Guareí, Torre de Pedra, Saltinho, Rio Feio (Porangaba), Guarapó, Tatuí.*

No ano de 1885, o jornalista Antônio Moreira da Silva, do jornal “O Progresso de Tatuhy”, denunciou que o pastor Zacarias foi proibido de entrar na Freguesia de Guareí para sua prédica protestante, por ordem do juiz de paz Eliseu Ayres do Amaral, atendendo pedido do padre Antônio Malattesta,

vigário da Paróquia. A notícia teve grande impacto. O impasse foi decidido pelo juiz de direito Miguel Bernardo Vieira de Amorim, de Tatuí, que garantiu a liberdade de locomoção e de pregação ao pastor.

6. ECONÔMICOS

A economia do município se sustenta, até hoje, exclusivamente, em atividades agropecuárias. Os investimentos industriais são pequenos e, infelizmente, não existe perspectiva favorável de crescimento, nem de investimentos, pela falta de incentivos e planejamento. Apesar da situação desfavorável, a atual administração municipal chega a oferecer estímulos para a vinda de empresas com a doação de terreno, isenção de tributos municipais, terraplanagem, instalação de energia elétrica, telefone, água e esgoto, etc., que, por faltar a estrutura básica essencial, são descartados.

O comércio local, por outro lado, como na maioria dos pequenos municípios, é formado também por estabelecimentos com pouco poder financeiro e os investimentos são tímidos.

Em síntese, o número de empresas que operam na indústria, no comércio e na prestação de serviços, é limitado, menos de 200 unidades cadastradas com CGC. Envolve pequenas indústrias extrativas (04), de transformação (22), empresas de agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal (05), construção civil (02), comércio varejista (121) e de prestação de serviços, estabelecimentos bancários (01), postos bancários (02) escritórios de contabilidade (04), comunicação e publicidade (02), medicina, odontologia e veterinária (06), turismo e hotelaria (04), profissionais liberais (09), atividades imobiliárias (04) e outros serviços coletivos (12).

Quanto à relação trabalho/emprego, dados recentes mostram que as oportunidades de trabalho são pequenas.

- *Informações do SEAD, referente ao ano de 1998, mostram que dos 5846 habitantes do município, 155 estavam ocupados na indústria, 46 no comércio e 180 em serviços gerais. O nível médio de renda era de 1 a 2 salários mínimos.*
- *Dados recentes do Secretário de Emprego e Relações do Trabalho mostram que, no período de janeiro a outubro/2002, Porangaba teve um crescimento de 11,1% na quantidade de empregados com carteira registrada. O relatório do Governo Estadual mostra que em janeiro/2002 o número de empregados registrados era de 566 e no final de dezembro/2002 já alcançava 629 trabalhadores.*

Um fato curioso, que praticamente mantém e estimula o comércio no município, é a economia local depender dos proventos e benefícios de aposentados. Estudos recentes sobre o impacto dos recursos previdenciários nos municípios brasileiros destacam o papel dos inativos. Em Porangaba não é diferente. Os aposentados rurais representam 1/3 da população inativa e são pessoas, que,

na grande maioria, nunca contribuíram para o INSS. O município é relativamente pobre e, como na maioria das pequenas comunidades brasileiras, vive do repasse de verbas do governo – federal e estadual, numa auto-suficiência enganosa e com diminuta possibilidade de crescimento.

6.1 Agricultura

Hoje, a produção agrícola de grãos (milho, feijão e arroz), é pequena, praticamente de subsistência, com pouca comercialização; outras culturas são desprezíveis. Apesar de tudo isso, acompanhando a grande evolução dos métodos de plantio agrícola no nosso país, a mecanização vem sendo implantada gradativamente e, através da orientação de engenheiros e técnicos da Secretaria da Agricultura, são aplicadas técnicas modernas para melhorar a produção, tais como: adubação, correção do solo, diversificação de plantio, utilização adequada de agrotóxicos, etc. O combate às pragas merece também uma atenção permanente.

6.2 Pecuária

É representada pela criação do gado bovino para corte e a produção de leite - tipo C, com o abate e a industrialização fora do município.

- *Em abril de 2005, foi dado um grande passo para facilitar a comercialização e industrialização do leite, aqui produzido, com a instalação de um equipamento de resfriamento com capacidade para 3.000 litros, pela Associação dos Produtores do Bairro dos Mariano. Trata-se de medida pioneira e poderá servir de modelo para a criação de outras associações congêneres, visando melhorar o plantel leiteiro e as pastagens.*

Folha da Cidade – Edição nº 3 – maio/2005

- *Recentemente, com a criação da ASSERA – Associação dos Produtores Rurais dos Bairros: Serrinha, Rio da Serra, Miranda e Ribeirão das Conchas, presidida pelo empresário Carlos Alberto da Silva, foi firmado convênio com a Diretoria do Lacticínio GeGê e da CATI, que cedeu em comodato um tanque resfriador de leite.*

Foha da Cidade – Edição nº 76 – maio/2008

Além do rebanho bovino, que é o maior, existem o ovino e o caprino, mas com pouco peso. Uma das poucas atividades em crescimento é a criação e reprodução de cavalos de raça, com algumas haras na zona rural.¹² Hoje,

¹² *A Haras Bom Retiro, em Porangaba, SP, de João Cariello de Moraes é destaque com as matrizes Fineza do Novo México e Jamaica A.J.J., com sangue Herdade que, como base do plantel, geraram vários*

podemos afirmar que as **atividades pecuárias** representam a principal fonte de recursos do município, principalmente a agropecuária de leite e corte.

O agronegócio, como principal locomotiva da economia brasileira e associação de negócios relacionados, já se faz presente no município, com empresários e produtores usando o avanço da zootecnia à produção de equinos e bovinos, melhora da raça e matrizes, e, principalmente, à produção de leite. Merecem destaque as haras com seus criatórios e a avicultura com mais de duas centenas de produtores. Na onda do crescimento do comércio exterior brasileiro, com o bom desempenho das exportações dos produtos agropecuários, o sucesso já reflete por aqui e surgem novos investimentos. O Jornal Folha da Cidade na edição nº 15, de 07/11/05 publicou: “O Rio Vale Agronegócios é a mais nova marca do mercado de Gir Leiteiro do país. Localiza-se no município de Porangaba e com um plantel formado por matrizes do mais alto nível, filhas das melhores mães da raça do Brasil, chegou para somar ainda mais no mercado leiteiro brasileiro. Com todo esse pedigree, o proprietário Carlos Alberto da Silva, porangabense, presidente da Publique, abriu com chave de ouro a seleção da Rio Vale”.

“Em 10/07/2007, no site da Publique constou que “Porangaba está no topo do Zebu”, destacando o trabalho do criador de Nelore Mocho, João Cariello de Moraes Filho, da Fazenda e Hara Bomfim. Na última ExpoZebu, realizada em Uberaba-MG, em maio, p.p., tida como a mais importante “mostra” de Zebuínos do mundo, o criatório de Cariello sagrou-se o Melhor Expositor da Raça Nelore Mocho. Ratificando essa condição, no final de junho passado, o criatório saiu consagrado da FEICORTE, uma das mais importantes exposições do Brasil, realizada em São Paulo. Novamente foi considerado o Melhor Expositor, com uma série de animais consagrados em pista. Os prêmios representam o reconhecimento do trabalho desenvolvido durante muitos anos em prol do melhoramento genético do Nelore Mocho e que estamos trilhando o caminho correto em nossa seleção, afirma o criador.”

6.3 Avicultura

O sistema integrado de criar frangos para engorda e abate é a atividade produtiva que mais cresceu, ultimamente, no município. Isso ocorreu através de convênios e de subvenções de cooperativas e frigoríficos com mais de

animais consagrados em exposições como: Muleka, campeã e mãe dos campeões Kacifê, Karisma e Kamélia. Jamaica gerou Kadija, Kanela, Kenia, Kartel, Katedral. Foi 14 vezes campeã Progênie de Mãe, e Livro de Elite MM-7, pela Associação Brasileira. São destaques também o potro Quixote Dias, que tem inúmeros campeonatos da raça e de marcha. Para aperfeiçoar os cruzamentos, o Haras reservou de sua criação o potro Kilate J.C.M., “para refrescar o sangue da tropa sem perder a beleza racial, marcha cômoda e estrutura corporal”. Atualmente, o Haras tem um plantel de 50 animais, sendo 3 garanhões, 25 éguas e 22 potras e potros. (Jornal “O Estado de São Paulo” – 27.09.00)

duas centenas de criadores. Trata-se alternativa muito bem recebida pelos agricultores e produtores rurais de Porangaba, já que o custo/benefício é positivo.

6.4 Indústria

As atividades industriais são limitadas em função da inexistência de um “plano diretor”, fato que inibe a vinda de empresas. As condições atuais à implantação do **pólo industrial** são frágeis, pois, não existem políticas de incentivo, planejamento e zoneamento. Falta, portanto, a infra-estrutura necessária. Temos um número pequeno de micro e mini-empresas que operam nas áreas de confecções, serrarias, serralherias, olarias, produtos químicos, etc.. O crescimento é pequeno e a perspectiva presente à geração de empregos é reduzida.

Produção Agro-Pecuária Anual - Exercício de 2004 –

Fonte: Casa da Agricultura

Produção Agro Pecuária Anual - 2004		
Atividades	Quantidade	Produção
Pecuária de leite	148 produtores	3.841.920 kg
Pecuária de corte	450 criadores	510.000kg 2.200 bezerras
Milho	500 ha	242 toneladas
Avicultura - corte	200 granjas	24.000 ton.
Ovinocultura - corte	03 criadores	21 ton.
Criação de avestruz	01 criador	Fase inicial
Agroindústria	01 unidade	Fase inicial

6.5 Comércio

Com expansão limitada e pouco crescimento, as atividades comerciais se apresentam estáveis, próprias dos pequenos municípios. Estão restritas às pequenas casas comerciais varejistas, micro-empresas de telefonia, comunicação, equipamentos de segurança, empórios do ramo de secos e molhados, pequenas lojas de tecidos, sapataria, materiais elétricos e de construção, peças e acessórios de veículos, oficinas mecânicas, auto-elétricos, mini-mercados, bares, restaurantes, lanchonetes, farmácias, açougues, padarias, pensões, locadora de vídeo, informática (lan-house), casa lotérica, escritórios de contabilidade, barbearias e cabeleireiros, etc.

O **artesanato**, infelizmente, não tem peso na economia local, embora esteja presente com atividades manuais

como: bordado, crochê, tricô, selaria, peças de bambu, pinturas em tecidos, peças e móveis de madeira, etc.

- *Em 2003, o SEBRAE, através do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo, fez o diagnóstico do município - DLIS (Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável), cujo PMDLIS – Programa de Municipal de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável optou de imediato pela instalação da feira de variedades de produtos artesanais locais. Ocorre periodicamente, tem aceitação e a manutenção, incentivo e apoio talvez possa consolidar um ponto forte e atraente da nossa economia.*

6.6 Estrutura Financeira

As atividades financeiras estão centralizadas, em sua maior parte, num único banco comercial que atua no município - o **Santander Banespa** - antigo Banco do Estado de São Paulo S.A., do Grupo Santander, que operacionaliza todos os negócios do comércio, da indústria e da agropecuária. Funciona ainda como pagadora e recebedora da municipalidade e dos órgãos estaduais e federais. Hoje, é possível também utilizar outros serviços oferecidos pela **Caixa Econômica Federal** através da Casa Lotérica que existe na cidade. Em fase experimental, funciona, também, o Posto de Atendimento da **Nossa Caixa Nosso Banco** junto ao Fórum Distrital.

Dentro do programa de expansão bancária do Governo Federal, em novembro de 2003 foi instalada na Agência dos Correios de Porangaba a Unidade do **Bradesco – Banco Social, Banco Postal**, um posto de serviços que permite a abertura de contas (corrente e poupança), depósitos, saques, pagamentos de faturas e duplicatas e outros serviços.

Com apoio do Governo Estadual e da Prefeitura Municipal, foi implantado recentemente o **Banco do Povo Paulista**, instituição financeira voltada aos pequenos e médios trabalhadores autônomos. Oferece financiamentos para empreendedores de micros e pequenos negócios para capital de giro e investimentos fixos como forma de viabilizar as iniciativas de ocupação e geração de renda.

- *A implantação do programa é feita por meio de parcerias com os municípios, em que o Estado participa com 90% dos recursos financeiros para a constituição do Fundo de Investimento de cada município, forma os Agentes de Crédito, gerencia e supervisiona as atividades operacionais. Aos municípios cabem, além da participação financeira de 10% do Fundo Municipal, suprir os recursos humanos e a infra-estrutura, tais como, instalações prediais, móveis e equipamentos.*
- *É a mais bem-sucedida experiência de micro crédito lançada pelo governo paulista para pequenos empreendedores.*
- *É um programa da Secretaria do Emprego e Relações de Trabalho.*

6.7 Turismo

Porangaba já recebeu, há algum tempo, o selo de potencial turístico concedido pela Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo e pela Embratur, devido os recursos naturais e às tradições culturais do município. Certamente, foram considerados o clima, a beleza natural da região, a topografia, as reservas minerais, a localização geográfica, a água medicinal da Fazenda São Martinho, além das tradições e das festas populares, principalmente o carnaval, o artesanato local, a culinária, etc, como fontes importantes para o desenvolvimento do turismo. Na prática, porém, nenhum investimento foi feito até hoje visando explorar esses recursos e não temos a infraestrutura suficiente. Não existe sequer um plano diretor para o turismo local, definindo políticas, diretrizes e incentivos para atrair empresas e investimentos.

Com situação geográfica privilegiada, próxima das rodovias Castelo Branco, Marechal Rondon e Raposo Tavares, e com as estradas vicinais pavimentadas, o município vem atraindo paulistanos, principalmente, e, mesmo com estrutura precária, hoje já são dados os primeiros passos para desenvolver o turismo local.

Faltam hotéis, mas existem chácaras adaptadas ou pousadas simples que recebem turistas durante as festas carnavalescas e em outros eventos, férias escolares e festas familiares. Também, está instalado no município o **Parque Ecológico Visão do Futuro**, organização voltada ao equilíbrio ecológico, com um projeto de desenvolvimento rural, conduzido por orientadores de alto nível que desenvolvem programas para criar uma nova consciência ambiental na sociedade. Está situada no bairro do Matão, próxima da rodovia Presidente Castelo Branco, sendo o acesso pelo km 162. Durante os finais de semana recebem turmas para cursos corporativos.

Periodicamente, já são feitas caminhadas e cavalgadas por trilhas tropeiras ligadas à história local, sinalizando a possível implantação do ecoturismo e do turismo rural, o que seria de importância inestimável à comunidade. Teríamos, além da integração e valorização do meio ambiente, das tradições da região e das atividades agropecuárias, um aumento da qualidade de vida e, consequentemente, um reflexo positivo na economia local.

Hoje, já é realizada a feira artesanal que mostra a habilidade dos nossos artistas para os trabalhos manuais, com diversidade de produtos, sendo ponto de atração e de comercialização através da **Casa do Artesão**. Conclui-se que o potencial turístico do município é enorme e somente faltam investimentos. No início, o ideal seria dispor de uma estrutura mínima para desenvolver o **turismo rural**, já que temos os componentes primários, necessários, para o crescimento da atividade.

7. EDUCAÇÃO E CULTURA

O grau de escolaridade máximo oferecido à população escolar chega até ao segundo grau. Temos duas escolas: a escola estadual e a municipal, além de outra unidade (também municipal) com três estágios: maternal, jardim e pré-escola. As creches municipais atendem gratuitamente quase duas centenas de crianças, fornecendo alimentação, assistência médico-odontológica, pedagógica e psicológica. Atualmente, através de convênios, a municipalidade e associações mantém ainda cursos básicos de informática e outros semi-profissionalizantes para estudantes e trabalhadores em geral, importantes à iniciação, reciclagem e complementação.

O nível cultural dos porangabenses vem melhorando de forma gradativa, contando com o suporte das programações culturais e artísticas do Centro Cultural Municipal e também pela atuação dos clubes sociais e das escolas. É certo que temos que crescer muito nessa área, embora tenha sido bastante positiva a volta de grupos teatrais, o renascimento da banda de música (o porangabense é um privilegiado música) e o resgate de tradições folclóricas (esquecidas por muito tempo), cujos projetos estão em pleno desenvolvimento. Não poderemos somente festejar o carnaval.

- *Recentemente, aderindo ao Programa de Ação de Parceria Educacional Estado Município, a Prefeitura Municipal de Porangaba – no primeiro ano da gestão do prefeito Machado Neto, procedeu a municipalização do ensino em Porangaba. Trata-se da autogestão da educação que conta com a articulação administrativa e financeira da União e do Estado.*

A atual Secretária de Educação do município é a professora **Ignes Pedroso Rihbani**.

Centro Cultural Municipal

“Vereador Abílio São Pedro”

Em 16/08/2003 foi inaugurado o Centro Cultural Municipal na gestão do prefeito João Francisco São Pedro. Construído, em sua maior parte, com recursos próprios do município, o imóvel situa-se no ponto de encontro das ruas professor Antônio Freire de Souza e Dassás Vieira de Camargo, no espaço que antes era totalmente inaproveitado pelo declive do terreno. O prédio levantado, além de ser antiga reivindicação da comunidade, prima pela beleza da construção e pelo embelezamento urbanístico que propiciou ao local. Além de duas praças-mirante (em dois níveis), possui anfiteatro e ainda funciona no local a biblioteca municipal. Serve para eventos culturais, treinamentos, cursos, palestras, teatro, etc., e outras atividades artísticas lítero-musicais. À procura de novos talentos, o Governo Municipal, junto

com a Secretaria Estadual da Cultura, oferece oficinas de iniciação teatral, promovendo a extensão do ensino através da arte cênica à jovens e adultos com aulas orientadas por profissionais de renome. Passou a ser um ponto referencial da cidade.



7.2 Escolas

E.E.P.S.G. “Aldo Angelini”

Avenida deputado Narciso Pieroni, nº 1094

Foi criada pela Lei Estadual nº 3.808, de 07/02/57, tendo sido instalada através do Ato nº 01/58 – DOE de 18/01/58. O primeiro diretor foi o professor João Prado Margarido. A 1ª Escola Normal Municipal foi criada no ano de 1963, sendo, posteriormente, absorvida pelo Estado. O primeiro diretor foi o padre Luiz Bazzo.

Hoje, pertence à Delegacia de Ensino de Botucatu e ali são ministrados:

Ensino fundamental – 5ª a 8ª séries, Ciclo II :

Ensino Médio – 1ª a 3ª séries, Ciclo I:

A escola funciona em 3 períodos – manhã, tarde e noite, possuindo hoje (abril/2008) 792 alunos. A diretora atual é a professora Roseli Aparecida Soares Paulino.

- *Não mais existe o curso de formação de professor primário (antigo curso normal), desativado por força de reforma do ensino estadual, e a última turma de formandos (professores) foi no ano de 1998.¹³*

¹³ **Última turma de professores da E.E.P.S.G. “Aldo Angelini”(1998):** Adriana Cardoso, Adriana Soares Pereira, Adriano de Oliveira, Ana Maria de Oliveira, Andréa Maria Gomes de Moraes, Aparecida da Silva Oliveira, Cristiane Mendes da Silva, Cristiane Rodrigues Vieira, Daniela Renata Cardoso, Daviana Paula de Oliveira, Elaine Wagner Tomé, Evalil de Arruda, Fabiana Moraes de Oliveira André, Fábio Gonçalves da Silva, Flaviana Alves Teles, Graziella da Silva Santos, João Augusto de Moraes, Josiane Aparecida da Silva, Leila Jesus Proença, Lessandra Pereira da Luz, Lúcia de Fátima Correa, Luciano Alves Santos, Mara do Prado Bueno, Maria Aparecida Mariano, Maria

E.M.E.F. “Joaquim Francisco de Miranda”**Escola Municipal de Ensino Fundamental****Rua João Rosa de Oliveira, nº 233**

Criado em 1932, o primeiro diretor foi o professor Acácio Vieira de Camargo. Pertence hoje à Delegacia de Ensino de Botucatu. Ali é ministrado o Ensino Fundamental – Ciclo I (básico) – 1ª a 4ª séries. A escola foi municipalizada em agosto/2005. Possui, atualmente, (em abril/2008), 518 alunos, sendo 281 da zona rural e 237 da zona urbana. A diretora atual é a professora Estela Regina de Miranda.

E.M.E.I. “Judite Colombara” – pré escola municipal

A escola municipal de educação infantil funciona na rua, em dois períodos e atende crianças de 4 e 5 anos (jardim) e pré (6 anos). Atualmente (abril/2008) possui 169 alunos. A diretora é a professora Sandra Aparecida Amaral.

Hoje, não existem mais as escolas rurais, sendo toda a população escolar, tanto da área urbana como rural do município, atendida pelas duas escolas urbanas, inclusive com o transporte escolar gratuito subvencionado pelo governo.

- **Obs.** Funcionou de 1984 até 1999, durante 15 anos, a **Escola da Tia Zezé**, estabelecimento particular, sob a direção da professora Maria José Diniz Paes, com os cursos: maternal, jardim 1, jardim 2 e pré-escola.

Na gestão do prefeito municipal João Batista de Barros foi criada a padaria municipal que, junto com a cozinha piloto, dava o suporte necessário ao atendimento da merenda escolar. Homenageando pessoas beneméritas e importantes da comunidade, as unidades municipais receberam as seguintes nomes:

Padaria Municipal Jaurez Soares Ramos,**Cozinha Piloto Silvéria Alves de Camargo Vaz,****Creche Municipal Assunta De Bonis Tomé,****Creche Municipal Amanda Carneiro da Silva**

Obs. Na administração do prefeito São Pedro foi desativada a padaria municipal e, expandindo o

Aparecida Vieira dos Santos, Maria Fernanda Pereira da Silva, Maria Olívia Leite, Marileu de Oliveira Moura, Nilton Fernandes, Ofélia de Ávila Stahl, Pedrinho de Oliveira Cubas, Robson de Oliveira, Rodrigo Augusto da Silva Almeida, Ronaldo Domingues da Silva, Rosa Maria de Oliveira, Sabrina Correa Pacheco, Sérgio Roberto Domingues, Sinval Lucas Soares Ribeiro, Sônia Maria de Fátima Soares, Valdira Vaz, Vilmar da Silva Leite.

programa social do município, construído o prédio da nova creche que recebeu o nome de **Creche Municipal Amanda Carneiro de Almeida**. Localizada na esquina das ruas João Rosa de Oliveira e professor Antônio Freire de Souza, nº 100, a moderna instalação conta com sala para diretoria, cozinha, dispensa, refeitório, berçários, sala de TV, lavanderia, fraldários, instalações sanitárias, administrativas e de lazer. Atende crianças da faixa etária de 6 meses até 7 anos de idade, em horário integral, das 7,00 às 18,00 horas.



América Kuntz Cardoso
A primeira professora

O número de analfabetos no município, hoje, com os programas de alfabetização e incentivos existentes vem diminuindo, mas a maior incidência é ainda na zona rural, alcançando principalmente os adultos, os mais idosos.

- Existe, atualmente, por força de Lei Municipal nº 04, de 06/03/97, o Fundo de Auxílio de Transporte ao Estudante Universitário com a finalidade de subvencionar o transporte de estudantes às faculdades das cidades vizinhas.

7.3 Projetos Educacionais

O município, através do departamento de educação, vem trabalhando em projetos direcionados às crianças de diferentes faixas etárias em função do grau de dificuldade no aprendizado, da sociabilidade e da situação sócio-econômica.

- Dentre os programas implementados no passado, foi de grande importância a criação da Guarda Mirim, formada por jovens de 09 a 16 anos de idade, para propiciar um melhor desenvolvimento sócio-cultural e que, lamentavelmente, por força de legislação específica foi desativada.
- Outro programa que repercutiu bastante foi a criação do NAE - Núcleo de Atendimento ao Excepcional, com o apoio inicial da Igreja Presbiteriana Independente local, que cedeu as instalações, e possibilitou criar a

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais¹⁴, em 1995.

7.4 Formação profissional

O governo municipal procura atender, na medida do possível, os trabalhadores em geral com a oferta de cursos profissionalizantes complementares, semi-intensivos e intensivos, através de convênios com o SENAI e SENAC. Proporciona, ainda, outros programas para a população adulta, como o Tele-Curso, Supletivo e Alfabetização. Por iniciativa particular, ainda são ministrados na cidade alguns cursos elementares de computação eletrônica e de inglês.

7.5 Museus e Bibliotecas

Não temos ainda o museu do município e a Biblioteca Pública Municipal com todas as suas deficiências funciona hoje no Centro Cultural Municipal “Vereador Abílio São Pedro”. Na cidade, além da biblioteca pública, existem mais duas pequenas unidades nas escolas locais e uma outra no Fórum Distrital. Todas englobam poucas coleções de livros e funcionam (inclusive a municipal) em locais inadequados, sem bibliotecários e pessoal habilitado. A frequência de leitores é mínima. Os acervos são reduzidos, desatualizados, apesar dos inúmeros projetos e incentivos de órgãos culturais estaduais e federais que chegam a fornecer livros, jornais e revistas, com o objetivo de desenvolver o hábito da leitura. Não são informatizadas.

- *Através de jornais antigos, constatamos que já em 1885 existia o Clube Literário Riofeense, tendo a frente o professor Rodolfo Cassimiro da Rocha e o cidadão Francisco do Amaral Camargo, com acervo razoável à época. Portanto, há mais de cento e vinte anos, já existia biblioteca por aqui.*
- *Recentemente, com a aprovação da Edilidade local, a Biblioteca Municipal passou a se chamar “Biblioteca Municipal Frei Timóteo Maria de Porangaba”, homenageando o ilustre porangabense pelos seus elevados conhecimentos e dotes culturais, como sacerdote e escritor*

¹⁴ A Primeira Diretoria da APAE

Presidente: Maria Rita do Carmo Correa Bonomo; Vice-presidente: Marcelo de Arruda; 1.º Secretário: Vilma dos Reis Correa; 2.º Secretário: Nilce de Oliveira; 1.º Tesoureiro: Lizete Vieira de Oliveira; 2.º Tesoureiro: Rui Amaral Oliveira; Diretor Jurídico: João Carlos Oliveira; Diretor de Patrimônio: Eugênio José de Camargo Barros; Relações Públicas: Renata Marques de Almeida Miranda; Conselho Deliberativo: Leila da Silva Pinto, Maria Silva Diniz, Cecília Maria da Mota Delvecchio, Regina Maria Pereira Vieites, Paulo Roberto Santos; Conselho Fiscal: Elias Rihbani, Antônio Afonso Miranda e Estela Vaz

7.6 Jornais

No ano de 1997 circularam em Porangaba os seguintes jornais:

1. *“O Emissário”*, com distribuição nacional e internacional, edição trimestral, de tiragem reduzida, publicação especializada em filatelia; o editor responsável era o saudoso jornalista Gilberto M. de Proft;
2. *“Porangaba e Região”*, com distribuição local, edição bimestral e tiragem de 2000 exemplares; o jornalista responsável era Jair Galhard;
3. *“O Porangabense”*, com distribuição local, edição mensal; o jornalista responsável era Rodrigo Godoy.

Depois, por longo período não tivemos a edição de jornais, mas somente tentativas frustradas com publicações periódicas ligadas à política local e que não vingaram.

- Em novembro de 2002, foi lançado o *“Jornal Cidade de Porangaba”*, editado mensalmente, sob a direção de Edivaldo Rogério de Oliveira, sendo jornalista responsável Miguel Arcaño Correa, mas, infelizmente, teve vida relativamente curta e encerrou suas atividades no final de 2004;
- A partir de abril de 2005, passou a circular o jornal *Folha da Cidade* sob a direção de Antônio Carlos Marcelino, tendo como jornalista responsável Regina de Fátima Miranda. A edição é quinzenal.

- *Mesmo com as deficiências identificadas e detectadas na fluência das notícias locais, no transcorrer do tempo, as ocorrências mais importantes do cotidiano, da vida da comunidade, sempre foram e continuam sendo veiculadas também em outros jornais da região, com destaque para: “O Progresso de Tatuí”, “Integração” (Tatuí), “O Cruzeiro do Sul” (Sorocaba), “Diário de Sorocaba” e “O Informativo” (Conchas). Às vezes, em caráter excepcional, as notícias do município aparecem nos grandes jornais da Capital. Hoje, além do jornal local, a Prefeitura Municipal de Porangaba mantém na Internet o site próprio a fim de manter os munícipes bem informados.*

Curiosidade – O primeiro jornal editado em Porangaba foi por iniciativa de Francisco Pássaro (Chichilo), ilustre professor porangabense. Era *“O Porta Voz”*, no ano de 1926.

7.7 Festas Populares

Hoje, dentre as festas populares, o *carnaval* se destaca, não somente pelo espetáculo, mas pela afluência popular. Os desfiles das escolas de samba são concorridos, com grande público, marcados pelo colorido e riqueza das fantasias, dos carros alegóricos, das baterias, alas, etc. Antigamente, as animadas escolas carnavalescas *Unidos da Vila* e *Escola Verde e Branco* recebiam pequenas ajudas financeiras da Prefeitura Municipal, mas eram, em grande parte, mantidas pelos associados e simpatizantes, que promoviam campanhas, festas e outros eventos para obter recursos. Hoje, com a desativação da *Verde e Branco*, contamos com a *Unidos da Vila* e a *Escola de Samba Mocidade Porangabense*, mas a sobrevivência continua dependendo dos associados e principalmente do erário municipal.

As *festas escolares*, com os mais variados objetivos, são conduzidas pelas associações de pais e mestres, pelas direções das escolas públicas e são bem aceitas pela população. Destacam-se as tradicionais festas juninas.

Na zona rural, até 1950, mais ou menos, ainda eram observadas comemorações folclóricas, eventos ligados às crendices e festas populares mais antigas, bailes como o *fandango*, *forrós*, *cateretê*, *cururu*, *dança de São Gonçalo*, *do Divino*, etc., com muita *moda de viola*. Infelizmente, foram diminuindo no transcorrer do tempo e hoje praticamente desapareceram.

O *Pouso do Divino* é o único costume que restou e acontece sempre no mês que antecede a festa do padroeiro. Conta a participação de Irmandades e o destaque é a hospitalidade dos festeiros que recebem os devotos dos grupos folclórico/religiosos de outras cidades que aqui se apresentam. É oferecido pouso e alimentação para os participantes. Atualmente, a *Irmandade do Divino Espírito Santo*, do bairro do São João, de Conchas, é que vem se apresentando tanto na cidade como nos bairros rurais.

Outra festa popular em crescimento é a *Festa do Peão de Boiadeiro*, que conta com infra-estrutura empresarial, atrai grande público e participantes das mais variadas cidades; além dos shows musicais sertanejos, oferece prêmios tentadores.

Aderindo ao crescente processo de aculturação por que passa a sociedade brasileira que copia tudo, já existe por aqui até o *Halloween – O Dia das Bruxas*, (a festa dos norte-americanos). É comemorada no dia 31 de outubro nas escolas, enquanto as festas tradicionais do folclore regional e, principalmente, as juninas vão desaparecendo e sequer são conhecidas (e nem lembradas) por muitos jovens da comunidade.

7.8 Festas Religiosas

As festas católicas tradicionais sempre tiveram a participação efetiva dos fiéis, com destaque às cerimônias religiosas (missa e procissão) e, também na parte profana (querresse e leilão). Bastante concorridas, ainda são fielmente comemoradas e as mais destacadas são: *Santo Antônio* (padroeiro), *São Roque*, *Sant'Ana*¹⁵ (no bairro dos Generoso), *São João Batista* (Vila São Luiz) e *Nossa Senhora Aparecida* (Bairro dos Alves). Antigamente, a Festa do Divino era muito comemorada na zona rural.

7.9 Festas Cívicas

As comemorações cívicas tradicionais ficam a cargo das escolas públicas (municipal e estadual), que promovem os desfiles, os eventos esportivos, os seminários, as palestras, etc. Merece destaque especial a data de emancipação política, a *Festa de 4 de Junho*, cujo desfile conta com a participação de escolas, órgãos municipais, clubes sociais, esportivos e empresas, etc. O apoio logístico é da Prefeitura Municipal.

7.10 Folclore

Aqui, como na maioria dos municípios brasileiros não existe a mínima preocupação histórica ou pedagógica em *pesquisar e manter* os costumes folclóricos locais. Faltam incentivos, entidades culturais próprias e, principalmente, interesse e recursos financeiros. O que se vê de *folclore*, e isso vem de muito tempo, fica restrito aos comentários e ensinamentos superficiais nos cursos básicos e, também, nas “festinhas” promovidas pelas escolas públicas.

- *A única festa popular que ressurgiu por aqui, com nova roupagem, no último quarto do século passado, foi o “carnaval”. Após muitos anos sem nenhum tipo de comemoração, os festejos foram retomados com o nascimento das escolas de samba, até certo ponto pela influência da televisão e do modismo tão decisivo no comportamento da sociedade brasileira. Ao invés de cavallhada, cavaleiros, banda maluca, etc., hoje temos*

¹⁵ *Não podemos esquecer que no passado, a concepção da grande maioria dos povoadores e pioneiros sobre a prática religiosa, longe de indicar à busca do conforto para a alma, estava associada à festa. Fazia parte do catolicismo popular e era quando podiam encontrar os seus vizinhos e ter um mínimo de convívio social, quebrando a monotonia que existia no dia a dia das fazendas. Nos dias de festa, o silêncio dos pequenos povoados era quebrado por um pouco de vida e animação. As pessoas da roça apareciam para participar da festa e também para fazer negócios. Mais tarde, mesmo com o aumento da população na área rural, as festas continuaram cada vez mais atrativas e, além da parte religiosa, eram destacadas pela procissão dos carros de lenha, leilões, cururus, foguetórios, banda de música, barracas, pau de sebo, leitão ensebado, quebra potes, etc. (História da Vida Privada no Brasil – Volume 2)*

a passarela do samba, os carros alegóricos, baterias e luxuosas fantasias. Somente falta o sambódromo! Procura-se grandiosidade e a sociedade se organizou em grupos que, com pesquisas, inovações e com muita rivalidade, disputam a supremacia do festejo. Voltou a ser a maior festa da cidade.

É curioso observar que, mesmo assim, alguns costumes tradicionais persistiram por muito tempo pela força grupal, retratando as raízes através da música e da dança. O povo participava mais, antigamente, principalmente os sitiante e as tradições folclóricas afro-ibéricas, trazidas e herdadas dos pioneiros, estavam sempre presentes nas festas tradicionais. Algumas danças, cantigas e competições já não mais existem; poucas sobreviveram e outras, ainda, restritas, mostram-se agonizantes. Sendo arte espontânea, livre do modismo, os costumes folclóricos ficaram circunscritos a pequenos grupos familiares, ilhados, limitados, e com poucos participantes, com tendência à extinção na medida em que iam desaparecendo os “mestres” e componentes. (Com a morte do nhô Nito, acabou a Dança de São Gonçalo...!, e o mesmo pode se dizer com relação à Recomenda, depois do afastamento e falecimento do sr. Antônio de Arruda). É preciso destacar, como fator decisivo, o desinteresse da população em aprender e cultivar tais tradições. Por isso, alguns costumes comuns até meados do século passado, hoje não são sequer lembrados e conhecidos. Tentando resgatar, é importante citar duas festas que eram comemoradas com grande júbilo e participação popular, consideradas como eventos marcantes pelos mais antigos: a **Cavallhada** e a **Dança de São Gonçalo**.

Antes de descrever as festas que aqui aconteciam, é bom saber o significado de alguns costumes folclóricos tão comuns até, mais ou menos, a metade do século passado.

- **Festa do Divino:** Herdamos dos portugueses, mas o folclore europeu adaptou-se à realidade brasileira e deslocou-se principalmente no calendário, tornando-a polarizadora de várias festas populares, principalmente entre os paulistas. Ao contrário da festa de São João, que é a da produção, da esperança de colheita e promessa de casamento, é a festa da alegria, do agradecimento, do pagamento de promessas. A crença é de que as pessoas componentes da folia do Divino são portadoras de poderes e que, por onde passam, levam a bênção e afugentam doenças de homens e pragas de plantações.
- **Pouso do Divino:** “A irmandade do Divino visitava as casas durante o mês que antecedia a festa do Padroeiro. Eram pousos e almoços (ainda acontecem, mas parece que antes essas festas eram mais concorridas e mais alegres). À frente, vinha o alferes com a bandeira e o Divino, representado simbolicamente por uma pombinha. Depois, vinha a diretoria e mais atrás os outros membros. O folião tocava viola e cantava com os meninos. Um dos componentes carregava o trabuco, que era disparado para avisar a chegada da irmandade. Aí, o povo, que esperava, saía em procissão com uma imagem, (geralmente Nossa Senhora Aparecida) e ia encontrar – era o chamado “Encontro do Divino” (Naérson Miranda – Bofete, Nossa Terra, Nossa Gente).

- **Cavallhada:** costume originário da Península Ibérica em festas religiosas, políticas e guerreiras; no Brasil passou a ser realizada anualmente por ocasião da festa do Divino Espírito Santo, mas, com o tempo, tornou-se o ponto alto do carnaval de rua das cidades brasileiras. É o caso de Porangaba, cujo evento sempre foi falado e enaltecido como a maior festa popular que aqui existiu até o início dos anos 40 do século passado. A forma básica de apresentação aqui sempre foi a situação jogo ao invés do rito, uma competição equestre, com destaque à corrida de argolinhas e escaramuças. Os cavaleiros usavam blusão azul ou vermelho, calça branca, casquetes, botas pretas, faca e esporas de prata, espada, lenço branco amarrado no blusão. A banda de música acompanhava a representação. Os cavalos eram os melhores, devidamente adestrados, preparados e enfeitados.
- **Recomenda das Almas:** O rito é um processo ou cerimônia capaz de estabelecer e desenvolver costumes. Na religião, o rito representa um processo específico de comunicar-se com forças sobrenaturais. Na quaresma, grupos de penitentes saíam em silêncio, à noite, passando pelas casas de outros devotos, executando benditos (orações cantadas) e jaculatórias (orações curtas e fervorosas), interrompidas pelos pedidos de orações pelas almas e pelos sons soturnos das matracas. Era um ato espiritual que dava grande conforto aos moradores da roça. Os recomendadores formavam um bando de homens que saíam, por ocasião da quaresma até a Semana Santa, todas as quartas e sextas-feiras, à noite, para a “Recomenda das Almas”. Em muitos lugares escolhiam as casas e, quando se aproximavam, o grupo cantava antes, sem acompanhamento de instrumentos musicais, o “pé da chegada”. Eis o cântico: *Quando nesta casa eu chego, toda imagem se alegra, Deus te salve casa santa e toda gente que está nela*. Rezavam um Pai-Nosso e uma Ave-Maria. Percorriam várias casas, fazendo questão que o número de visitas fosse sempre ímpar. O fogo dentro das casas deveria estar sempre apagado. Em muitas janelas eram colocadas café e comida para os “recomendadores”. Araujo, Alceu Maynard ; *Cultura popular brasileira*, 1973)
- **Fandango:** dança muito comum entre os descendentes dos tropeiros paulistas; apresentava forte sapateado, figurações descritivas e acrobáticas.
- **Samba:** também conhecido como samba campineiro, samba de Pirapora, samba de roda, samba lenço. Dança de roda, no início igual ao batuque, como o fandango reunia diversas formas de dança. Os escravos africanos fugitivos, no século 18, levaram a dança aos índios e o ritmo forte seduziu as malocas. Até os anos 20 do século passado, aqui, o samba era cantado e dançado pelo povão nas festas em louvor a São Roque. Reunia os mais pobres e os descendentes de escravos e, com fogueira acesa, a festança varava a madrugada. Para coibir os excessos e, principalmente, a bebedeira exagerada, o Vigário proibiu o “samba”.
- **São Gonçalo:** dança religiosa oferecida ao santo português, comemorada no dia 10 de janeiro. Era tão importante que nenhum “senhor” de escravos recusava licença ao grupo que devesse promessa ao santo. Promessas eram feitas por moças casadouras e por doentes do estômago e ventre. O devoto promovia o bailado e prometia comer uma parte do animal que seria abatido para a festa. Dançavam 12 pessoas, em 2 filas de 6 de cada lado, e o violeiro era o guia. Chamava-se jornada a série de versos cantados sem interrupção. Uma mulher retirava o santo do altar e dançava com ele, envolto num pano branco. O instrumental básico era a viola e o tambor (ou pandeiro): os versos eram quadras decoradas e algumas improvisadas.

- **Cururu:** Dança de cunho religioso, geralmente realizada à noite, era um divertimento dos moradores da roça, no qual eram cantados desafios dentro de um certo “cânone”, chamados de **carreira** ou **linha**. Alceu Maynard Araújo, um dos maiores estudiosos do folclore nacional, classifica-o, sob o ponto de vista sociológico, em **cururu rural** e **cururu urbano**, concluindo ser de origem paulista a mais antiga e brasileira de todas as danças populares. Com o correr do tempo, o cururu passou a ser somente cantado, foi se descaracterizando, tornando-se somente um desafio em versos improvisados. Cantado principalmente no “Pouso do Divino”, a primeira carreira é sempre dedicada ao Divino; noutras ocasiões a primeira carreira é sempre de São João Batista, o querido santo dos cururueiros. Não existe cururu sem viola; a música é sempre em tom maior, porque, segundo dizem os violeiros, na viola “não se toca em tom menor”. Praticado no passado em inúmeras comunidades paulistas, em cidades como Araçoiaba da Serra, Bofete, Boituva, Conchas, Guareí, Pereiras, Porangaba, (ligadas à região tatuiense), e, principalmente, Piracicaba, onde esse canto folclórico é cultivado e apoiado até hoje. Alguns dos mais afamados cururueiros, cantadores, foram: João Davi, Sebastião Roque, Zico Moreira, Pedro Chiquito, Arlindo Marques, Luizinho Rosa, Juvenal Pais, Joaquim Saúva, Antônio Vilanova, Horácio Neto, Jônatas Neto, Narciso Correa, Parafuso, Nhô Serra, etc.
- **Cateretê:** Dança muito conhecida no meio rural paulista, era usada pelos catequistas. Os dançadores usavam grande esporas em determinadas regiões, noutras se apresentavam descalços, sempre procurando pisar nas cordas da viola, isto é bater os pés de forma ritmada ao som da viola. Conhecida como catira ou xiba, aqui em Porangaba era chamada de cateretê, segundo o folclorista Alceu Maynard Araújo. Dança semi-profana, permite somente a participação de elementos do sexo masculino; tomam parte dois violeiros e cinco ou mais pares de dançantes. Os violeiros cantam e batem os pés, não batem palmas; os dançantes não cantam, mas batem palmas e os pés.

7.11 Recomenda das Almas

- A **cerimônia** - um costume de origem européia medieval, era comum nos núcleos do Brasil desde meados do século XIX. Antigamente, logo após o “carnaval”, havia um período de resguardo, nenhuma festa durante a “quaresma”, que começava na “quarta-feira de cinzas e terminava no “domingo de páscoa”. Um período de 47 dias sem nenhuma festividade de caráter religioso popular. Somente nos sítios e fazendas é que eram feitas práticas propiciatórias da “quaresma” com grupos de homens, mulheres e crianças que faziam orações e cânticos para as almas sofredoras. Eram os recomendadores que saíam à noite, indo de casa em casa, onde ao som da viola, com o acompanhamento de matracas, cantavam e rezavam para os santos e as almas do purgatório. Ainda hoje, com menor intensidade, é praticada em muitas comunidades rurais do interior deste país.

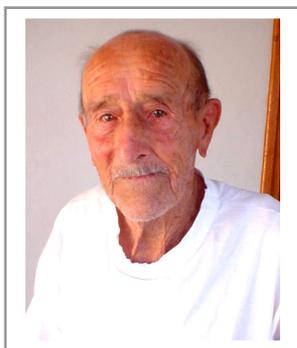
7.11.1 A Recomenda em Porangaba

O ritual de penitência em sufrágio das almas do purgatório existiu por aqui. Resistiu até o último quarto do século XX. Era cultuado em quase todos os bairros. É certo que já faz muito tempo e, hoje, os poucos participantes que sobraram falam da recomenda com emoção e saudades.

- A respeito da cerimônia, ouvimos o sr. **Antônio de Arruda**, respeitável conterrâneo, um pouco antes de seu falecimento. Disse que “nasceu na Serrinha, mas, com pouco mais de um ano, mudou-se com os seus pais para o bairro dos Arruda, onde cresceu, formou a família e viveu, praticamente, até os últimos dias. Ali aprendeu a ler e escrever e foi iniciado no trabalho da lavoura pelo pai. Recebeu educação rígida, baseada em princípios cristãos, com muito respeito à família, honestidade e justiça. Praticou sempre a caridade, a solidariedade e tornou-se líder do bairro. Além de “inspetor municipal de estradas” foi também “inspetor de quarteirão” por diversas vezes. Participou, ainda, de política, apoiou os Candido e não quis ser vereador, pois achava que não tinha “leitura” suficiente. Casou-se com Olívia, moça do bairro, da Família Firmino Correa. Cantou “cururu”, jogou muita “bola”, dançou bastante fandango e perdeu o número de “guardamentos” que participou. Católico praticante, ajudou muitas pessoas. Lembrou, emocionado, das recomendações que fez por mais de trinta anos. Hoje, bastante idoso, com quase noventa anos de idade, viúvo, vive com os seus familiares na cidade”.

- Contou que “a recomenda pelas almas do purgatório, das crianças inocentes e dos peregrinos” já havia no bairro muito antes dele ali ir viver. Ouviu na sua infância muitos comentários sobre outras penitências feitas, antigamente, com cantorias acompanhadas de viola e reza. Quanto à recomenda, era celebrada durante a quaresma, às quartas e sextas-feiras à noite e terminava na semana santa. O costume era seguido em muitos bairros. Eram formados os grupos de penitentes, geralmente de 5 pessoas com funções definidas, para os cânticos e orações. Escolhidas as casas a ser visitadas, saíam lá pelas 10 horas da noite. Havia sempre muitos acompanhantes e o regulamento era rígido. Disciplina e ordem, muito silêncio e respeito marcavam a passagem dos participantes. Não

podiam mexer nas coisas das casas visitadas, não avançar no pomar, principalmente; não fazer algazarra; caso contrário eram eliminados do grupo. Ao chegar, se faziam anunciar pelo barulho da matraca e do “vum-vum” (conhecido também como berra-boi, um cordão com pedaço de madeira na ponta e que girado, rapidamente, provocava forte zumbido), quando eram recebidos na porta pelo dono da casa e membros da família”.



Antônio de Arruda

“As luzes eram então apagadas e começavam as cantorias e rezas. O ato durava, mais ou menos, meia hora. A abertura era com o cântico: **“Acordai Irmãos das Almas, acordai se estais dormindo, prá reza um Padre Nosso, prá as almas dos peregrinos”**. Encerrado o trabalho religioso, eram convidados para tomar café, servido com pão, bolos (de fubá ou de amendoim) e às vezes com pipoca. Dali, seguiam para outras casas e assim por diante até completar o número estabelecido de visitas. Chegavam a visitar até 9 casas por noite e, no último dia da quaresma, na sexta-feira santa, eram obrigados a visitar 25 moradias. Lembrou que, como convidado, chegou a fazer recomendações com seu grupo no bairro dos Florentino. Outros bairros visitados: Ferreira, Mariano, Bueno e Carrascal”.

- Outros participantes: Mantino da Serrinha, Orestes Teles, Zezinho Paes, Olívio Mariano, Cassiano Ruivo, Valter Barbeiro, João Guarda, Orlando Soares, João Emílio, etc.
- Ouvidos, citaram os bairros e locais das cerimônias, os participantes, as curiosidades e as pequenas confusões que às vezes aconteciam durante o ato, mas, mesmo com os imprevistos, sempre houve respeito e companheirismo. A comemoração solene dava bastante conforto espiritual aos moradores dos sítios e fazendas.

Outros nomes:

Bairro dos Ferreira:

Isaias de Arruda, Antônio de Oliveira, Zé Alegre Velho, Zé Alegre Moço, João Ferreira (violeiro) (os mais antigos).

Bairro dos Fogaca

Neroso Pai, Lazinho Neroso, Zé Neroso, Chico Neroso, Elias Neroso, João Bentinho, Chico Vaz, Zezinho Paes.

Bairro da Serrinha

Luiz Napolitano (filho de Carmo Napolitano), Amantino Domingues(Mantino), Manoel Martins de Almeida e a mãe Maria Vicente, Pedro Sebastião de Jesus, Lazinho José Gregório, Felisbino da Silva.

Bairro dos Arruda

Antônio de Arruda, José Antônio de Arruda, Claudino Ferreira, Antônio dos Reis, João Correa (violeiro), Benedito Vieira, Minguinho Firmino, Durvalino de Arruda.

Bairro dos Mariano

Manoel Silva, Antônio Roque, Zé Roque.

Bairro do Varjeão e do Rio Bonito

Zé Mestre (violeiro), Napoleão, Zé Ruivo, Orestes Teles e a mulher Doralina, Carlino Fidelis, França Teles, Olívio Mariano, João Candido, João Guarda, Cassiano Ruivo, Luiz Sartirio, Oraci Ruivo, Antônio Ramos, Paulo Teófilo, Ido Teófilo, Toninho Buava (violeiro), Orlando Soares.

Quim Feliciano, Lazinho Feliciano, Benedito Feliciano, Indalécio Feliciano, Laurindo Feliciano, Augusto Mariano e sua mulher Dolária, João (Nera) Dias da Silva, Delfino (Nera) Dias da Silva, Raimundo da Cecília (violeiro).

Bairro da Serra do Amaral

Marcílio do Deolindinho, Dório Leme, Emílio da Bernarda, Raul Pinto, Batista (violeiro) e a mulher Ondina, Amauri Arruda, José Conceição, Anísio de Oliveira, João Emílio e a irmã Maria Madalena, Acácio Bernardo, Salir Pinto, Servino Cunha, Lazinho Cunha, Francisco Cunha, Antônio Cunha, Quinzinho Feliciano.

Bairro dos Polis

Tó Cláudio, Noel Cláudio, Zeca Cláudio, Lindolfo Quintiliano, Orestes Teles e a mulher Doralina, Mingo Ruivo e a mulher Enequina, João Albino.

Bairro dos Miranda

Antônio Honorato, Salvador Maria de Arruda, João Sebastião, Paulina (mulher de Elias Maria de Arruda).

Bairro dos Cleto/Nunes/Serrinha

Ditinho Campina, Pedrinho Campina, Nicanor Carro.

Bairro do Saltinho

Membros das Famílias Arruda, Correa, Cláudio e Holtz.

Bairro das Partes

João Rosca (do Durvalino de Arruda), um dos últimos.

Outros participantes da cidade:

Lazinho Diniz. Valter Barbeiro, Dito de Arruda, Chico de Arruda, Tonho de Arruda, Vitorino de Arruda, Toninho Bueno, Cassiano Ruivo, etc.

Obs.— O levantamento completo dos primeiros participantes, na cidade e nos bairros, é praticamente impossível pelo tempo decorrido e a falta de registros. Com certeza, muitos nomes de peso foram esquecidos, mas fica clara a intenção de resgatar o que for possível.

- O sr. Orestes Teles, com mais de 80 anos de idade, comentou que fez recomenda no bairro do Varjeão durante muito tempo e, depois, no bairro dos Polis. Cantou a recomenda junto com a esposa Doralina e, também, com a Enedina, mulher do Mingo Ruivo, elogiando a atuação feminina. Eram vozes fortes, bonitas e afinadas. Noutros bairros, como: Rio Bonito, Serra do Amaral, Miranda e Serrinha, também houve a participação de mulheres. Conversando com moradores do bairro dos Miranda, contaram que, até há pouco tempo, Paulina, mulher de Elias Maria, ainda fazia recomenda junto com Antônio Honorato, ambos, já bastante idosos, um fato curioso pelo entusiasmo dos participantes.

7.12 A Cavalhada em Porangaba

A maior atração do carnaval antigo era a “cavalhada”, o festejo popular que alcançou quase a metade do século passado, com desfiles, competições com espadas nas argolas e “cabeças”, além de escaramuças e palhaçadas. A grande atração era o “jogo dos anéis”, que consistia em retirar a argola com a ponta da espada, com o animal em movimento. O cavaleiro que conseguisse tal proeza oferecia o anel a uma dama de sua amizade que, ao recebê-lo, agradecia e retribuía com uma flor, sob os aplausos entusiasmados dos assistentes. Era a grande festa na cidade, apresentada na rua principal com a presença de muito povo e marcada pelo entusiasmo. Havia muita música tocada pela “banda tradicional” e muito barulho com a “banda maluca” (ou infernal), além dos palhaços. Os cavaleiros vestidos apropriadamente para o torneio, apresentavam-se montados nos seus ágeis e adestrados cavalos enfeitados e equipados com ricas montarias. O diretor era a figura decisiva, o líder dos cavaleiros e o organizador do evento. Lazinho do Valêncio, de saudosa memória, contava que o diretor mais destacado, por muitos anos, foi o **Nhô Bento Cândido** (Bento Manoel Domingues) e que tinha como auxiliar o sr. **Benedito Tuvica**, o imediato.



A Cavalhada – Desenho de Nego Mendes

Aluísio de Almeida, em “Vida e Morte de Tropeiro”, fls. “97”, cita: “corriam cavalhadas as pessoas importantes do lugar e não ficavam em pouco dinheiro as vestes de seda, os mantos e arreios, a prataria, desde a cabeçada até o rabicho”.

- Destacamos a participação de outros cavaleiros: Zé Ruivo (comandando a Banda Infernal), Luiz Boqueirão, Isaias Vaz, Bino Mariano, Nhô Chico Alves, Francisco Serafim, Lourenço Alves (como palhaço), João Telles (como palhaço), Nhô Gé, Silvério Mariano, Donato Antônio Martins (Poli), Silvério de Oliveira, Ventura Alves, João Lemes, Chico Trindade, Leandro Sebastião Vieira, Adolfo Rosa, Nicanor de Paula, Donato Nunes, Mário da Tirda, João Tonhã, Tertuliano Demétrio, Sílvio Mariozi, Nestor do Chico Costa, João Miranda, José Fogaça, Eurico Fogaça e outros.

Após o desfile e as contendadas, a festa se estendia até tarde da noite na rua principal iluminada por lampiões, com as barracas de comes e bebes e as bancas de jogos. No folguedo noturno a animação era feita por violeiros e palhaços, com brincadeiras e cantorias. Sempre aparecia o boi-de-armação, recoberto com pano, conduzido por um folião, que investia contra a multidão, dançando, criando situações pândegas e engraçadas.

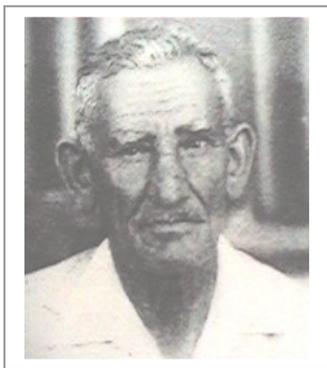
Aqui, a “cavalhada” foi herança portuguesa, introduzida no Brasil no século XVII, e ficava restrita à parte de jogos, semelhante aos torneios e justas. Por aqui não se fala mais em “cavalhada”. Tudo acabou, ficaram somente as saudades, nada mais...

7.13 A Dança de São Gonçalo

Foi outro costume folclórico que resistiu, mais ou menos, até os anos 50 do século passado e era dançado na zona rural, nos bairros: Florentino, Pinto e Matão. Daí, irradiava e contagiava os moradores vizinhos (Lopes, Capuava, Poli, Marica Quadra) e, também, de núcleos mais distantes e até de sítios de municípios limítrofes, como: Aleluia, Cruz de Cedro (Quadra), Areia Branca (Guaref), etc. Dizem os mais antigos que “se dançava” o

São Gonçalo, também, em outros sítios, como os Mariano, Serrinha, Partes, Ferreira, Miranda, etc. Um pouco antes de seu falecimento, ouvimos do saudoso Antônio de Arruda que, quando era menino, teve a oportunidade de ver a dança no bairro dos Mariano, na companhia de seu pai.

No bairro do Matão, onde ainda podem ser encontrados os últimos e poucos participantes, fica bem nítida a origem do folguedo pelo fato de apoiar-se nos costumes do maior grupo étnico que ali viveu, formado pela concentração de escravos e descendentes. Foi o local onde se reuniu o grande número de negros libertos, alforriados e, após a abolição da escravatura, de ex-escravos das fazendas de café de Tatuí. Talvez, o “*quilombo*” do Matão. O motivo de tal segregação merece um estudo à parte, mas a verdade é que mantiveram as tradições e os costumes dos antepassados, as cantigas e danças que conservaram até há pouco tempo.



Manoel Vaz

O testemunho de Valter Vieira, o “*Valter Barbeiro*”, enriquece a matéria ao contar que seu pai Benedito Vieira de Goes, “*Nhô Nito*”, foi um dos líderes do grupo, embora morasse no bairro dos Florentino. Veio de São Roque, do bairro Saraçará. Descendente de escravos, provavelmente o último “mestre” do clã, sempre esteve à frente nas apresentações do grupo, acompanhado de Lotério e Castiá. Era carismático, alegre e atencioso; guia e mestre da Dança de São Gonçalo, além de violeiro e cantor. Participava, também, do “samba” e do “fandango”.

O grupo era formado por negros, mulatos e brancos (portugueses, caboclos e descendentes de mamelucos) e, quando convidados, apresentava-se nos bairros vizinhos e até em outros municípios. A dança varava a noite. Começava ao anoitecer, logo após a “*janta*” que era servida pelo anfitrião, com alguns pequenos intervalos para o café e terminava ao amanhecer. Outro destacado

participante foi o português Manoel Vaz, que sempre trazia toda família.

- **Participantes:** *Nhô Nito, a mulher Otília, os filhos Dirceu, Simeão e Valter; Roque Faustino; Pedro Abílio; o português Manoel Vaz e os filhos Anísio Vaz, Benedita, Ermelina, Maria, Luíza e a neta Terezinha; Benedito Camargo (Areia Branca); Salomão e os filhos Nande, Dito, Mingo, Tidinho, Titica, Titora e Jorja; Elias Lopes e os filhos Anísio, Benedito, Darci, Celso, Cacilda e Fiona; Francisco Lemes (Chico Cuta); Daio; Floriano; João Pedro; Lotério; Castiá; Véio Pinto; Izael; o tropeiro Tibúrcio e a mulher Augustinha e os filhos Carmo e Antônio; Armando Celestino e as filhas Nívea, Nelinda e Dita; Nhô Elídio e Dorva; Dote, Bilu e Nésia; Gumercindo (filho de Nhô Elídio) e Zoraide; Roque Sapó e Maria Lázara (do Matão); membros da família Poli, filhos do Tó Cláudio e outros¹⁶.*

7.14 O Cururu em Porangaba

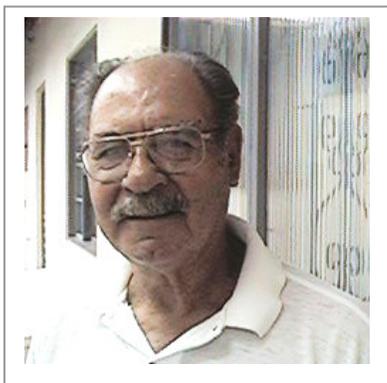
Tivemos aqui, até mais ou menos os anos 60 do século passado e com frequência, o cururu nas duas formas - rural e urbano - mas depois a cantoria quase que desapareceu por completo. No início funcionou como “dança” e depois como “canto” nas porfias de desafios. Na zona rural, nos sítios e fazendas, era cantado nos pousos do Divino e em reuniões festivas; na cidade, nas comemorações políticas e festas religiosas. Muitos ainda comentam as noitadas de cururu no antigo pavilhão (onde funcionou o cinema) e no coreto da praça da matriz, com grande participação popular. Havia sempre muita gente, sitiantes, principalmente; eram festas concorridas e bonitas, sempre com “comes e bebes”.

- Grandes nomes do cururu aqui se apresentaram, como: Zico Moreira, João Davi, Sebastião Roque e Pedro Chiquito. Chegamos a ter até um “*cantador nosso*”, como diziam os simpatizantes; era o Arlindo Marques, que veio de Conchas, cunhado do Antônio Bertin. A sua “torcida” era enorme quando enfrentava os imbatíveis cururueiros do primeiro grupo.

José Paes Filho - o *Zezinho Paes*, de saudosa memória, que viveu sua infância no bairro dos Fogaça, contava que existiam os “*cantadores dos sítios*”. Eles se enfrentavam,

¹⁶ O sociólogo Antônio Cândido, na obra “*Os Parceiros do Rio Bonito*”, às fls. 184, refere-se aos costumes da região: “Antes, havia muita dança de São Gonçalo, fandango e samba; a primeira é hoje (1948) pouco frequente, embora se realize em cumprimento de promessas propiciatórias de boa colheita; as segundas quase desapareceram, cedendo lugar ao baile, isto é, às danças de par enlaçado”

freqüentemente, nos bairros (Partes, Fogaça, Serrinha, Miranda, Coqueiral, Ferreira, Quadra, Florentino, etc.), em noitadas festivas, marcadas por grande rivalidade, mas com grande camaradagem. Dentre os nomes citados, destacava: *João Bentinho (Ferreira); Chico Paulo, Dito Boqueirão (Coqueiral), Lazinho Alegre, Pedro Sebastião, Luizinho Rosa (Serrinha), João de Campos; Gentil de Campos (Ferreira), Dito Ribeiro (Varzeão), Luiz Vaz, Alírio Augusto e Chico Vaz (barbeiro)*.



- *Dentre todos, o que mais se destacou foi **Luiz Antunes da Rosa, o Luizinho Rosa**, que nasceu no bairro da Serrinha, no sítio de Nhana Serafim, sua tia-avó. Desde cedo, menino ainda, ele descobriu que sabia cantar desafios e fazer versos e rimas.*

Começava, então, a brilhante carreira que alcançaria quase 2000 apresentações, iniciada nos sítios e fazendas, onde enfrentou os maiores nomes da região, cantando em praças e teatros, culminando no rádio e na televisão. Divulgou o “cururu” em grande parte do território paulista e alguns estados brasileiros. Ainda jovem passou a fazer parte do seletto grupo dos grandes cantadores piracicabanos, pois, em 1946, na cidade de Cesário Lange, com apenas 19 anos de idade, enfrentou João Davi de igual para igual. Apresentou-se com esmero, sendo elogiado e aprovado pelo mestre. Mais tarde tornou-se profissional, regularizou a sua profissão e filiou-se à Ordem dos Músicos. Compositor e empresário, gravou discos e CDs e embora tenha se aposentado em 1988, ainda continua trabalhando e se apresentando em eventos da Igreja Evangélica, da qual faz parte. Esteve na Terra Santa, realizando o sonho que parecia inatingível; visitou os lugares sagrados e rememorou as passagens bíblicas, tão comuns nas suas cantorias e na sua fé religiosa. Ao passar pelo Egito, apresentou-se publicamente na cidade do Cairo, onde teve a alegria de cantar temas de cururu relacionados às figuras bíblicas de José e Moisés, uma honra para o nosso conterrâneo, certamente o único brasileiro a conseguir tal proeza.

7.15 Outras Manifestações Folclóricas

Existem outras *manifestações folclóricas*, ligadas aos usos e costumes, que conseguiram vencer o tempo e ainda podem ser observadas no meio do povo, em menor escala; atividades cheias de expressões, máximas, ditados e crendices, etc. Certamente, desaparecerão. Temos as benzedeadas e benzedeiros que acodem mazelas de muita gente com “simpatias” e, também, são encontrados os curandeiros por seus trabalhos e curas. São costumes que tinham até uma linguagem própria, conhecida no meio rural, com nomes diferentes e que chegavam a complicar o trabalho dos médicos recém-formados. Por exemplo: *maligônias (manchas arroxeadas), nascida (tumor), passageira (dor de barriga), sete-couro (inflamação do calcanhar), ar de sol (congestão), dor na passarinha (baço) e dismantelo*, que é “coisa de mulher”.

As pessoas se serviam também das famosas “garrafadas”, infusões e chás, buscando na medicina natural a cura para os seus males. Ervas do mato ou cultivadas em casa e, então, tínhamos os tradicionais chás: *de marcelinha para dor de barriga, de losna para cólicas de fígado, de sabugueiro para sarampo, de quebra pedra para cólicas de rim, de erva de Santa Maria para lombriga, de folha de abacateiro para pressão alta, etc.*

7.16 Crendices Populares

As *crendices populares* ainda são observadas no âmbito rural. Temos a “*mãe de ouro*”, que à noite assusta ou sugere aos moradores que existe dinheiro enterrado em algum lugar; a “*pedra de raio*”, observada nos sítios do município, que alerta os incrédulos sobre a força do raio para cortar árvores ao meio e lembra que o “*corisco*” arrebenará mais tarde no mesmo lugar e voltará para buscar a pedra ali deixada.

O imaginário popular é rico e os comentários variados ainda surgem de tempo em tempo, em oportunidades e épocas diferentes, e se fala de tudo. Desde o chupa-cabra, os seres extraterrestres, discos voadores, etc. deixando muitas pessoas assustadas. Agora, ouvimos comentários sobre o *carambé ou jacarandé* (que poucos conhecem) – um bichinho misterioso que é visto por aí e que surpreende a todos; aparece em ocasiões inesperadas e provoca estragos, atacando, principalmente, as aves e as pequenas criações. Para muitos é algo sobrenatural, assustador, mas para os nossos caboclos trata-se de um tipo de raposa de pequeno porte, arisca e ágil, que, em grupo, ataca as suas vítimas. Contam que chegam a ser vistas por aí e vivem escondidas no meio do mato; já são raras.

Quebrantos são curados, objetos perdidos são achados, berrugas desaparecem com *simpatias*, *orações* e *amuletos*.

- *Muitas pessoas contam que viram a Mãe de Ouro - uma grande bola de fogo - atravessar o céu de um canto a outro. Outros comentam que em noites escuras e sem estrelas, observaram aquela bola incandescente fazer a curva no céu caindo sobre o morro, indicando que ali há tesouro enterrado. Existem causos e mais causos, falando em túneis, galerias subterrâneas, etc., onde estão empilhadas canastras e bruacas cheias de ouro e pedras preciosas. Riqueza tirada das entranhas da terra, das lavras e que se destinava ao reino, mas que aqui passando foi desviada. Ali o tesouro ficou escondido. Mas quem há de entrar nesses locais, moradias de cobras e de outros bichos peçonhentos, encostar-se naquelas paredes de umidade pegajosa e desmoronada pelo tempo? Já tentaram, mas não tiveram coragem de chegar até o salão onde a riqueza está guardada. E ela ainda lá continua, pois de vez em quando há quem veja a Mãe de Ouro riscando o céu e caindo onde o tesouro está enterrado.*

(Fonte: Página Oficial dos Violeiros do Brasil – Internet)

7.17 Banda Musical

A primeira atividade artística desenvolvida na antiga Bela Vista, como arte popular, foi a música instrumental e se deve à iniciativa dos imigrantes italianos que aqui chegaram no final do século 19. Faltam documentos que comprovem de forma objetiva quando começou a prática da música aqui; o que existe é vago, mas, a verdade é que as bandas aqui formadas, em diversas épocas, sempre elevaram o nome de Porangaba, que passou a ser conhecida como *Cidade Sinfonia*. Embora o porangabense seja um privilegiado à arte musical, lamentavelmente, por uma série de motivos, a banda foi desativada em janeiro de 1989, coincidentemente, quando completava cem anos de existência. Credite-se a tudo isso, na época, o desinteresse da população e das autoridades locais. Felizmente, hoje, atendendo o apelo popular, a administração do prefeito Benedito Machado reativou a corporação com a participação de alguns músicos que restaram da *Bandinha do Pingo*, a experiência do maestro e, principalmente, um grande número de aprendizes.

7.18 Fanfarras

As duas escolas públicas mantém fanfarras (*bandas de clarins*), formadas exclusivamente por alunos, que abrilhantam as festas cívicas e desfiles comemorativos. Recentemente, em 2005, foi formada pela administração municipal a *Fanfarrã Municipal*, contando com o apoio

de músicos, jovens e crianças da comunidade, os chamados talentos em formação, que encontram na música a oportunidade de crescimento cultural. Possui, aproximadamente, 50 integrantes e vem dando espetáculo nas apresentações locais, em outras cidades vizinhas e até em São Paulo.

7.19 Festivais de Música, Canto, Dança, Dublagem, etc.

- *São festas populares promovidas e patrocinadas pelo comércio, escolas e entidades assistenciais, muitas vezes com a subvenção da Prefeitura Municipal. São concorridas e realizadas regularmente. Existem grupos de jovens, organizados, que participam e representam a cidade em concursos e apresentações nos municípios vizinhos, divulgando o nome de Porangaba com relativo sucesso.*

7.20 Esportes, Recreação e Lazer



As atividades esportivas, com exceção do futebol, sempre ficaram restritas às escolas públicas, supervisionadas pelos professores de educação física, limitando-se à prática de ginástica olímpica, voleibol, basquetebol, futebol de salão e outras poucas modalidades de atletismo.

- *Esse pequeno esforço permitiu a participação de Porangaba nos Jogos Regionais, realizados em julho de 1995 em Botucatu, com um grupo de estudantes competindo em ginástica olímpica, atletismo, futebol de salão e futebol de campo.*

Hoje já existe o CLT - Centro de Lazer do Trabalhador, administrado pelo Departamento de Esportes do Município, com piscina, parque infantil, quadra de bocha e o Ginásio de Esportes “Sílvio Roberto Martins”. Neste último, dotado de equipamentos modernos como “placar eletrônico” e tabela móvel à prática de basquetebol, são realizados também jogos de futebol de salão, torneios diversos e os maiores eventos da cidade, pois funciona ainda como salão para bailes, concentrações,

apresentações artístico-musicais, etc. Outras modalidades esportivas ali praticadas, com o apoio da municipalidade, começam a crescer em Porangaba, como o judô, o karatê, a capoeira (no CLT) e o voleibol. Hoje, seguramente, é a unidade principal onde se concentra a maior parte das atividades desportivas, com quadra poli-esportiva moderna, vestiários individuais, amplos banheiros, sala de primeiros socorros, camarote, lanchonete e estacionamento.

O futebol de campo é praticado no Estádio Municipal “*Agostinho Angelini*”, ao lado do Centro de Lazer, e, até há pouco tempo, existiam duas agremiações futebolísticas de destaque na cidade: o *Esporte Clube Porangabense* e o *Palestra Futebol Clube*. Atualmente, o departamento de esportes do município vem desenvolvendo esforços para levantar o futebol com algumas medidas importantes, como: a) *a recuperação do estádio municipal;* b) *a manutenção da escolinha de futebol para crianças na faixa etária de 7 a 15 anos de idade, incluindo meninos e meninas e* c) *o patrocínio de torneios, regionais e locais, com clubes da cidade e da zona rural.*

Os times de futebol, atuais, de maior destaque são: Botafogo F. Clube; Porangaba F. Clube; Veteranos do E.C. Porangabense e Calcário F. Clube (bairro dos Pinto). Hoje, o trabalho de renovação feito nas categorias de base, com o apoio de voluntários e amantes do futebol e, principalmente, da administração municipal, fixou o número de atletas do clube local em 35 garotos, com idade entre 14 a 20 anos, para a formação de dois times – o 1º e 2º quadros, sendo todos atletas do município. O resultado foi auspicioso, pois sob a nova orientação o clube começou a colher vitórias seguidas. Vale a pena lembrar que, em qualquer modalidade esportiva, o apoio se torna indispensável, e além da disciplina, perseverança e respeito ao próximo, os nossos atletas estão conscientizados que o importante é competir e o resultado positivo depende de muito trabalho e dedicação. A prefeitura entra com o apoio logístico.

A parte recreativa fica restrita ao tradicional *Clube Recreativo “21 de Abril”* (hoje *Clube da 3ª. Idade*) e o *GRESUV – Grêmio Recreativo Escola de Samba “Unidos da Vila”*, em cujos salões realizam-se reuniões festivas, recepções, bailes, palestras, apresentações artístico-musicais, exposições, etc. Outro local bastante utilizado para eventos sociais é o *Salão Paroquial “Padre Antônio Dragone”*.

7.21 – Teatro

O teatro, como arte de representação, sempre existiu por aqui. No passado, como lazer e entretenimento, encenado por um grupo mais esclarecido da população, formado por atores amadores veteranos, jovens, estudantes e, principalmente, os professores. Havia, então, interesse e o apoio popular. Aconteceu na época do “pavilhão” (onde funcionou o cinema), mas, com o passar do tempo, por falta de incentivo e motivação, desapareceu. Durante muito tempo, as atividades teatrais ficaram restritas às iniciativas escolares e religiosas, nada mais. Em 2003, com a inauguração do Centro Cultural “Abílio São Pedro”, surgiu então a grande oportunidade de renascer o teatro. Já no segundo semestre daquele ano, através de convênio com a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e incluído no “Projeto Oficina Cultural”, o professor Carlos Ribeiro, do Conservatório Dramático e Musical de Tatuí, desenvolveu o curso de teatro com duração de três meses. Como resultado imediato, diversos entusiastas resolveram montar a peça “O céu tem que esperar”, de Paul Osborn, com tradução de Paulo Autran, sob a direção e participação do professor Eugênio José de Camargo Barros. O sucesso foi grande; o entusiasmo tomou conta de todos e, hoje, contando com o apoio do setor cultural do município e a participação de estudantes, as atividades teatrais são variadas e frequentes. Essa manifestação artística tende a crescer pela descoberta de novos talentos e, principalmente, pelas oportunidades oferecidas pelo governo municipal ao promover festivais, convênios, oficinas de aprendizado, etc.

8. ESTRUTURAIS

O Governo Municipal, além da estrutura administrativa própria, conta também com órgãos assessoriais e conselhos - as unidades de suporte e de auxílio direto na gestão pública. Os Conselhos Municipais, com suas diversidades e prioridades, são formados por membros civis da comunidade e por funcionários públicos que fazem o controle social, uma forma democrática de gestão, que é a capacidade que tem a sociedade organizada de intervir nas políticas públicas.

No município funcionam os seguintes órgãos: *Conselho Municipal de Assistência Social, Conselho Municipal de Alimentação Escolar, Conselho Municipal de Saúde, Conselho Municipal de Defesa Civil, Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Conselho Municipal de Segurança.*

Atualmente, a Administração Pública Municipal tem a seguinte estrutura departamental:

Departamento de Administração e Finanças

- Seção de Expediente. Protocolo e Arquivo; Seção de Pessoal; Seção de Finanças e Tributos; Seção de Material e Patrimônio

Departamento de Agricultura e Pecuária

- Seção de Agricultura e Pecuária

Departamento de Educação e Cultura

- Seção de Educação e Cultura; Seção de Lazer e Turismo; Seção de Educação Pré-Escolar

Departamento de Manutenção de Estradas e Próprios Municipais

- Seção de Manutenção de Estradas Municipais; Seção de Manutenção de Próprios Municipais

Departamento de Obras e Serviços Municipais

- Seção de Fiscalização de Obras e Plantas Particulares; Seção de Obras Públicas e Serviços Municipais

Departamento de Higiene e Saúde

- Seção de Higiene e Saúde; Seção de Assistência Social

Endereço da Prefeitura Municipal de Porangaba:

**Rua Professor Antônio Freire de Souza,
nº 215 - Centro – Porangaba – SP 18260-000**

fone(fax): 0 () 15 32571233

www. porangaba.sp.gov.br/

A atual administração municipal (executivo e legislativo), totalmente integrada no esforço de resgatar a história do município e homenagear pessoas gradas, passou a nomear “espaços públicos” e unidades administrativas com nomes de pessoas públicas, beneméritas, ilustres e importantes, e que foram úteis à comunidade. Temos hoje:

**ESPAÇO CULTURAL "PADRE JOSÉ GORGA" NA
PRAÇA JOAQUIM DA COSTA MACHADO;
DEFRENTE À IGREJA MATRIZ;**

**BIBLIOTECA MUNICIPAL "FREI TIMÓTEO MARIA
DE PORANGABA"**

**ALMOXARIFADO MUNICIPAL "IRMA NUNES
DOMINGUES"**

8.1 Agropecuária

Casa da Agricultura

Casa da Agricultura “Renato Nogueira”
Rua 4 de Junho, nº 798 - Porangaba

Histórico

A *Casa da Agricultura* (antes era a *Casa da Lavoura*), funciona em prédio próprio desde 1960, construído pelo Governo do Estado de São Paulo. Foi na gestão do dr. Carlos Alberto de Carvalho Pinto e o prefeito municipal era o sr. Benedito de Oliveira Vaz.

- No passado chegou a funcionar como Posto da Casa da Lavoura de Tatuí, à rua professor Antônio Freire de Souza, nº 216, no prédio onde antes era a cadeia pública, e todo apoio técnico dado aos agricultores era feito pelo engenheiro-agrônomo dr. Armando Petinelli.

O primeiro engenheiro-agrônomo lotado em Porangaba foi o dr. Max Vieira de Lira. Os primeiros funcionários foram: Osvaldo Miranda da Silva (escriturário) e Júlio de Oliveira Vaz (servente).

Hoje, com a nova estrutura da administração pública, tanto estadual como municipal, a **Casa de Agricultura**, mesmo sendo uma Unidade da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, está municipalizada de acordo com convênio existente. Foi criado o **Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural**, formado por diversos membros da comunidade. Atualmente, os técnicos responsáveis são: **Médico Veterinário**: dr. José Bolis Filho; **Engenheiro Agrônomo**: dr. Fernando Pedro Paulo Júnior

Atividades

- *Oferece apoio técnico para melhorar a produção, tanto na área do solo como na pecuária, que vai desde a assistência nas diversas fases do plantio ou da criação de animais; leva em conta as condições climáticas e do solo, a tecnologia a aplicar, o tipo de cultura, a utilização de sementes selecionadas, fertilizantes, pesticidas, a criação intensiva de animais, para melhorar a produtividade das safras e da criação dos rebanhos. Além dessas atividades, é feito pelo serviço de defesa agropecuária o controle de vacinação da febre aftosa e do trânsito de animais. Em resumo: a) executa as atividades de orientação de conformidade com a programação estabelecida, as normas técnicas e instruções operacionais do Departamento de Extensão Rural; b) efetua a venda de sementes; c) orienta os agricultores e pecuaristas quanto à aquisição de sementes, mudas, vacinas e outros insumos agropecuários; d) procura, através de levantamentos e outras atividades correlatas melhorar a eficiência do setor agropecuário; e) elabora, anualmente, o plano de distribuição de sementes e mudas; f) participa do Programa de Eletrificação Rural do Governo do Estado, que conta com o apoio da Elektro e da Prefeitura Municipal.*

8.2 Saúde

Os problemas de saúde no município são semelhantes aos de outras pequenas comunidades, com os mesmos males pela falta de recursos, estrutura e inoperância dos poderes públicos, sobretudo, e também pela falência da política de saúde em prática no país. O fechamento da Santa Casa (pela má gestão da diretoria e a falta de apoio da comunidade e das autoridades), limitou o atendimento médico à população, que ficou restrito ao Centro de Saúde e ao Posto de Atendimento Municipal, dependendo de programas assistenciais do Estado como o SUDS, INSS, e outros convênios, sem os quais seria impossível funcionar. Agravou-se mais ainda pelas condições de salubridade da população, preocupantes pela inexistência de um saneamento básico efetivo e de um programa de educação em saúde. Na gestão municipal atual, houve a intervenção no hospital e com a melhora da infra-estrutura, reformas e reaparelhamento, etc., houve o restabelecimento dos serviços médicos à população.

8.2.1 Posto de Atendimento Municipal



PAM “João Pedroso de Oliveira”

Os serviços ambulatoriais e emergenciais são atendidos no Posto de Atendimento Municipal **“João Pedroso de Oliveira”**. A estrutura atual é de 6 leitos, sala de radiografia, sala de inalação, etc. Além do pessoal de suporte, especializado, o quadro atual de médicos é de 4 profissionais.

A partir de 01.04.2002, o modelo de saúde do município passou por importantes modificações; começou a funcionar no município o **PSF – Programa de Saúde da Família** que tem como fundamento principal a prevenção, com visitas domiciliares das equipes de saúde. A população conta com dois pólos de atendimento:

1. PSF 1 – PAM - rua Lineu de Campos e Silva, 135 – na Vila São Francisco de Assis, atende os moradores da Vila São Luiz, Vila São Judas Tadeu, São Francisco de Assis, Colina Verde, Partes, Fogaça, Lopes, Capuava, Matão, Saltinho, Cariocas, Alves, Rio Bonito, Serra Amaral, Florentino e Pedroso.
2. PSF 2 – PAM - Centro de Saúde de Porangaba – rua 4 de Junho, 31 – Centro, atende os moradores da cidade e dos seguintes bairros: bairro dos Nunes, Ferreira, Serrinha, Miranda, Moquéim, Santana Generoso, Arruda, Mariano, Bueno, Carrascal, Cleto e Varzeão.

O PSF 1 atende uma população superior a 4.000 pessoas, oferecendo os seguintes serviços: atendimento de gestantes, diabéticos, hipertensos, puericultura, clínica médica, saúde da mulher, enfermagem e visita médica.

O PSF 2, dentre as atividades de saúde preventiva, oferece também consultas e acompanhamento a hipertensos, diabéticos,

serviços de puericultura, pré-natal, saúde da mulher e clínica médica. Coleta sangue e outros materiais necessários para exames clínicos laboratoriais.

Unidades de Apoio

1. *Quando se esgotam os recursos médicos na cidade, os pacientes mais graves são encaminhados ao Hospital Regional de Rubião Júnior (Botucatu) e outros casos emergenciais para a Santa Casa de Misericórdia de Conchas. Os casos graves, principalmente as cirurgias, são também atendidos pelos dois hospitais. Hoje, grande parte da população (a de maior renda) se serve de planos de saúde, com atendimento em Tatuí, Botucatu e Sorocaba, nos consultórios e hospitais credenciados, com diversificado e especializado corpo médico.*
2. *Hoje, existem, 4 farmácias na cidade. Periodicamente, o Sindicato Rural Patronal e a própria municipalidade, através do órgão competente, trazem médicos de especialidades diversas de cidades vizinhas para atender a população em geral. Funciona ainda na cidade para atender os municípios a Farmácia Paulista, um programa do Governo do Estado, em convenio com a Prefeitura Municipal, nos mesmos moldes da Farmácia Popular do Governo Federal, que centraliza a distribuição gratuita de medicamentos para pacientes com doenças crônicas e raras. Antes a distribuição era feita nos postos de saúde.*

8.2.2 Centro de Saúde de Porangaba

*Centro de Saúde “Mário Mendes”
Rua 4 de Junho, nº 31- Porangaba*

Histórico

O Posto de Saúde foi criado em 1947 na gestão do prefeito Luiz Manoel Domingues. Foi instalado provisoriamente na sede da Corporação Musical Santo Antônio. O primeiro médico sanitaria foi o dr. José Celso Nogueira, que prestou inestimáveis serviços à comunidade. Os primeiros funcionários foram: Mário Mendes (escriturário) e Domingos Firmino Correa (atendente). Em 1948 passou a funcionar em prédio improvisado e alugado, que ainda existe à rua João Rosa de Oliveira, nº 125. Os funcionários já eram: Frank Barbosa Carneiro (escriturário), Antônio Sebastião Vieira (fiscal) e Antônio de Oliveira Pinto (atendente). Nos anos 60, mudou-se para o prédio atual, próprio, construído pelo Governo do Estado. Dentre os médicos que por aqui passaram, dois nomes merecem destaque especial : Jorge Assef Amad e Ivo Pástina, ambos de Conchas, pelos excelentes serviços prestados.

Antes da instalação do “posto de saúde”, todo atendimento médico à população era feito pelos médicos de Tatuí e a parte sanitária preventiva, vacinação, etc., por funcionários da unidade sanitária daquela cidade. Depois,

transformou-se no **Centro de Saúde**, Unidade da Secretaria Estadual de Saúde, cuja finalidade principal era dar atendimento médico clínico, básico, para a população em geral tanto da zona urbana como rural. Hoje, dentre os serviços prestados, destacam-se ainda: a agenda de consultas médicas especiais para pacientes juntos à Santa Casa de Conchas e o Hospital da UNESP; a coleta de material e encaminhamento para exames laboratoriais no Instituto Adolfo Lutz, em Botucatu. Dispõe de um eletrocardiógrafo que facilita o diagnóstico precoce dos problemas cardíacos e, na parte odontológica, atende os programas referentes às idades pré-escolar, escolar e das gestantes, além de emergências. Atua também na erradicação de inúmeras moléstias, através da vacinação preventiva. Além do fornecimento gratuito de medicamentos às pessoas carentes, é o órgão gestor do Programa de Distribuição de Leite.

O Centro de Saúde faz o atendimento clínico à população, contando também, hoje, com 2 médicos, que desenvolvem os programas de saúde da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Os serviços médicos estão sendo transferidos gradativamente para o PAM.

8.2.3 Santa Casa de Misericórdia de Porangaba

Tida como a maior conquista da comunidade local, a Santa Casa de Misericórdia somente foi instalada em 1974 em decorrência do esforço conjunto feito pelo Sindicato Rural de Porangaba, Igreja Católica (através do Bispado de Sorocaba), Prefeitura Municipal e a sociedade em geral. Antes, no início, foi fundamental e decisivo o esforço do professor **Francisco Pássaro**, o maior incentivador e responsável pela criação, com ajuda financeira e material, inclusive com a doação do terreno e que, infelizmente, não alcançou a instalação. Outro batalhador foi o saudoso **Frei Timóteo Maria de Porangaba**, capuchinho, que, até há pouco tempo, estava à frente de campanhas angariando recursos para a manutenção do hospital. Por desleixo das autoridades (municipais e estaduais), do corpo diretivo principalmente e da própria população, a Santa Casa ficou inativa por quase uma década; simplesmente fechada. Faltaram recursos e as divergências políticas apressaram o encerramento das atividades. Hoje, felizmente, graças à atuação eficiente do prefeito municipal dr. Benedito Machado o hospital foi reaberto e está funcionando para a alegria de todos porangabenses.



Histórico

- A Santa Casa de Misericórdia de Porangaba foi fundada no dia 12/03/1957, em reunião realizada no prédio da Prefeitura Municipal, onde funcionava a Câmara Municipal, sendo eleita então a diretoria provisória: pe. Antônio Dragone (presidente); Dassás Vieira de Camargo (vice-presidente); Renato Angelini (1º Secretário); Otoniel dos Reis (2º Secretário); Benedito de Oliveira Vaz (1º Tesoureiro); Francisco Patrocínio São Pedro (2º Tesoureiro). Na ocasião, formou-se a Comissão para elaborar os estatutos com os seguintes membros: srs. Aldo Angelini, Abílio São Pedro, Acácio Domingues, Domingos Antão Machado e Alaor Fazzio, e foi marcada a data de 15/05 para discussão dos estatutos e eleição da diretoria definitiva.
- Através da Assembléia Geral Extraordinária realizada no dia 15/05/1957 foi eleita por aclamação a primeira diretoria, assim formada: pe. Antônio Dragone (presidente); Dassás Vieira de Camargo (vice-presidente); Renato Angelini (1º Secretário); Benedito de Oliveira Vaz (Tesoureiro); Luis Sola Ares, Acácio Domingues e Renato Nogueira (Conselho Fiscal); Mário Antônio Nogueira, Otoniel dos Reis e Abílio São Pedro (Mordomos).
- Instalada somente em 06/02/1974, quase 17 anos após a fundação, inicialmente na antiga casa paroquial, à rua Papa João 23, nº 68 e, posteriormente, transferida para o prédio próprio, na rua professor Antônio Freire de Souza, edificado justamente no terreno doado pelo professor Francisco Pássaro. A diretoria na época: - Provedor: João Batista de Barros; Presidente: Cristino Manoel de Miranda; 1º Secretário: Acácio Domingues; Tesoureiro: Rubens Xavier Rosa; Médico: Abrão Marcovici.

8.2.4 Assistência Odontológica

A assistência odontológica à população escolar e às pessoas carentes é feita através do Centro de Saúde, que conta com profissionais. O Sindicato Rural Patronal também atende os associados. Hoje, já existem, também, outros cirurgiões dentistas com consultórios próprios e pequenas clínicas, para os clientes de maior posse.

8.3 Organizações, Associações e Sindicatos

8.3.1 Sindicato Rural Patronal de Porangaba

Formado por proprietários rurais, criadores e outros praticantes de atividades agrícolas diversas, como associados. O grande incentivador foi **José Domingos Fogaça (Netinho)**, proprietário rural e ex-prefeito. Hoje, com mais de 200 associados, oferece os seguintes serviços: a) assistência de ordem contábil e fiscal; b) serviços de despachante; c) assistência jurídica; d) assistência odontológica. Mantém, ainda, convênios com o SENAR (FAESP) e SEBRAE, oferecendo cursos de promoção social e formação profissional aos associados e trabalhadores em geral.

-
- Histórico - Criado através da carta sindical de 30/01/1968, teve como membros fundadores: José Domingos Fogaça, Abílio São Pedro, Erasmo Pedroso de Oliveira, João Batista de Barros, Antônio da Silva Pinto, Deraldo Carlos Vieira. A primeira diretoria: Presidente: José Domingos Fogaça; Vice-presidente: Mário Antônio Nogueira; 1º Secretário: João Batista de Barros; 2º Secretário: Erasmo Pedroso de Oliveira; 1º Tesoureiro: João Antunes Sobrinho; 2º Tesoureiro: Dassás Vieira de Camargo. Funciona em sede própria, na antiga casa paroquial, localizada à rua Papa João XXIII, nº 68 - Centro - Porangaba.
-

8.3.2 Associação dos Produtores Rurais de Porangaba

C.G.C. – MF nº 58.982.182/0001-23 - Inscrição Municipal nº 95/90, Registro Civil nº 04.201 – Cartório de Registro de Imóveis de Tatuí

Fundada em 04/06/1990, com o objetivo de atender os pequenos produtores, funciona na própria Casa da Agricultura por força de convênio firmado com a Secretaria Estadual da Agricultura. Recebeu, inicialmente, como doação do Governo Estadual, para atender os associados, com o apoio dos técnicos ali lotados, : 1 trator, 1 grade, 1 arado, 1 ensiladeira, 1 botijão de sêmen, semens e 1 touro reprodutor. Os serviços prestados, principalmente à preparação do solo para o

plântio e colheita, são pagos à Associação na base de 50% dos preços praticados no mercado, sendo o dinheiro arrecadado destinado ao custeio da entidade. Oferece, também, outros treinamentos e cursos para os associados. É uma associação civil sem fins lucrativos, sendo a diretoria eleita pelos sócios, com o mandato de um ano, cujos diretores prestam serviços graciosamente.

A primeira diretoria: **Presidente:** Elias da Silva Pinto; **Vice-presidente:** Orestes Alves da Silva; **1º Secretário:** Ismael Manoel da Silva; **2º Secretário:** Gilberto de Almeida Carneiro; **1º Tesoureiro:** Domingos Antão Machado; **2º Tesoureiro:** Joaquim Valêncio da Silva; **Conselho Fiscal:** Fernando José Sola Carneiro, Angelino Nunes da Silva, Vitorino Rosa Arruda e João Batista de Barros.

8.3.3 Associação Comercial de Porangaba.

Desde 06/01/1989 existe a entidade representativa dos comerciantes de Porangaba, a **Associação Comercial e Industrial de Porangaba**, fundada com o objetivo de criar mecanismos de apoio ao comércio e à indústria local, principalmente no que se refere ao crédito. **Na verdade nunca chegou a funcionar**, embora fosse instalada provisoriamente na sede do Clube Recreativo 21 de Abril, quando foram feitas as primeiras consultas para a implantação do SPC – Serviço de Proteção do Crédito e do Tele-cheque. Decorrido tanto tempo, os comerciantes mostram-se preocupados com a inatividade do órgão, uma vez que o comércio local reclama maior atenção para se fortalecer e criar as mínimas condições necessárias para competir com outros centros comerciais da região. O problema da inadimplência poderá, também, ser melhor controlado, bem como a modernização do comércio através de programas, convênios e seminários com associações similares de municípios maiores. A primeira diretoria eleita: **Presidente:** George Chammas; **Vice-presidente:** Domingos Antão Machado; **1º Secretário:** José Clacir de Oliveira; **2º Secretário:** Benedito Leme da Silva; **1º Tesoureiro:** Maria Rita do Carmo Correa Bonomo; **2º Tesoureiro:** João Francisco Rosa.

8.4 Jurídicos

8.4.1 – Fórum da Comarca de Porangaba

Através do Projeto de Lei Complementar de nº 10/2005, aprovado pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, em 30 de novembro de 2005, que trata da Reorganização do Judiciário, Porangaba ganhou a sua **COMARCA**, como **Entrância Inicial**.

Jornal Integração
Nº 1394 – Ano 29 – 11/12/2005

Reorganização do Judiciário

A Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo aprovou no último dia 30 de novembro o Projeto de Lei Complementar de nº 10/2005, que reclassificou Cargos e Comarcas do Poder Judiciário Paulista. Na reestruturação, as entrâncias foram divididas em : Entrância Inicial, Entrância Intermediária e Entrância Final. Tatuí passou à categoria de Entrância Intermediária. Algumas novidades vieram na reestruturação, como a criação da Vara Distrital de Cesário Lange e da Vara Distrital de Guareí, ambas classificadas como Entrância Inicial e vinculadas à Comarca de Tatuí, mas Porangaba ganhou a sua Comarca que foi classificada como Entrância Inicial. A nova Comarca deverá assumir a Vara Distrital de Bofete, pois esta se desanexará da Comarca de Conchas.

Autoridades Judiciárias

Juiz (a) de Direito - Renata Xavier da Silva
Promotor(a) Pública - Suzana Beyrer Laino Ficker

A Comarca de Porangaba foi instalada, oficialmente, no dia 21/06/2006, pelo **Dr. Celso Luiz Limongi**,



Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (foto).

A conquista de importância relevante ao município ocorreu na gestão do prefeito Benedito Machado Neto, constituindo na concretização de um dos maiores anseios das autoridades locais. Estão vinculados à nova **Comarca de Porangaba** os municípios de **Guareí e Torre de Pedra**, desligados da Comarca de Tatuí e, também, **Bofete** que se separou da Comarca de Conchas.

Fórum Distrital de Porangaba - Histórico

Funcionou até meados de 2006, durante 15 anos, o Foro Distrital de Porangaba, no prédio municipal localizado à rua Braz Gica da Paz, 193. Subordinado à Comarca de Tatuí, atendeu também as causas cíveis dos municípios de Guareí e Torre de Pedra. O Foro Distrital de Porangaba (3ª. Vara da Comarca de Tatuí) foi instalado em 24/01/1991, na gestão do prefeito Domingos Diniz Vaz, pelo desembargador Aniceto Lopes e Aliende, DD.

Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. O primeiro juiz de direito de Porangaba foi o dr. Regis Rodrigues Bonvicino.

8.4.2 Cartório de Registro Civil de Porangaba

O Cartório de Registro Civil de Porangaba foi criado no ano de 1891, logo após a proclamação da república, quando a Igreja Católica separou-se do Estado. As primeiras autoridades foram: *capitão Francisco da Silva Cardoso - (escrivão); tenente Antônio Paulino Telles, Leandro de Moraes e Silva, João Affonso Pereira (juizes de paz).*¹⁷

Hoje, subordinado à Corregedoria Geral da Justiça do Estado de São Paulo e ao Juizado do Foro Distrital, funciona à rua professor Antônio Freire de Souza, nº 40. O atual tabelião é o sr. Iraci Leite Pinto. O Juiz de Paz é o sr. João Maria São Pedro.

8.5 Segurança Pública

8.5.1 Delegacia de Polícia

Delegacia de Polícia “Cesário Ribeiro Bueno”

A Delegacia de Polícia de Porangaba, subordinada à Delegacia Seccional de Botucatu, é uma unidade de 3ª classe. Conta, atualmente, com 1 delegado, 2 escrivães, 2 investigadores, 5 carcereiros e 1 auxiliar de serviços. Funciona em prédio próprio, junto à Cadeia Pública, à rua 4 de Junho, nº 608. O delegado titular atual é o dr. José Sérgio Palmieri Júnior.

*Antigamente, os delegados e sub-delegados não recebiam nenhum tipo de remuneração. Eles eram escolhidos pelo Chefe da Polícia dentre os homens de bem que viviam na comunidade, que passavam a ter autoridade e poder, e ficavam isentos também do recrutamento da Guarda Nacional. Naquela época a função policial era mais de repressão do que de prevenção. Até 1871, os delegados e sub-delegados tinham permissão para prender, julgar e sentenciar as pessoas acusadas de pequenos crimes. Existia também a função de **Inspetor de Quarteirão**, especialmente na área rural. Era exercida por um morador do bairro, pessoa respeitável pela retidão de caráter e comportamento, indicado pelo sub-delegado. Não eram remunerados e desempenhavam função policial auxiliar,*

¹⁷ Os primeiros escrivães do Cartório de Porangaba:

1891 – Francisco da Silva Cardoso; 1893 – Miguel Machado de Oliveira; 1893 – Antônio Claudino Viegas; 1894 – João Offa; 1895 – Pedro Maciel de Almeida Caldeira; 1896 – Sebastião José da Fonseca; 1898 – João Paes de Silva

Livros de Notas (1891/98)

resolvendo no próprio local, um grande número de pequenas desavenças que nem chegavam ao Delegado de Polícia. Eram mediadores e pacificadores.

- *Atualmente, notícia publicada no Jornal Integração, de Tatuí, edição de 28/12/2003, mostra estatística da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, referente à região, onde Porangaba está muito bem situada, sendo a segunda cidade **com os menores índices de criminalidade**, sendo ultrapassada somente pelo vizinho município de Quadra.*

8.5.2 Destacamento da Polícia Militar

O DPM de Porangaba é responsável pelo policiamento preventivo e ostensivo do município e conta atualmente com 6 soldados e 1 cabo. Funciona à rua Cesário Ribeiro Bueno, nº 236, na Vila São Luiz, em prédio alugado. É subordinado à 4ª Companhia de São Manuel, que pertence ao 10º Batalhão da Polícia Militar do Interior, de Botucatu.

8.6 Transportes

O *sistema viário* abrange a rede de rodovias pavimentadas que ligam a sede do município às cidades vizinhas, como Bofete, Conchas, Torre de Pedra, Guareí, Cesário Lange e Tatuí. A única exceção é o município de Quadra, cuja estrada tem ainda um trecho de terra e apedregulhado.

A cidade dista 7km da Rodovia Estadual Castelo Branco – SP 280 que passa no município e 24 km da Rodovia Estadual Marechal Rondon – SP 300, já no município de Conchas. As estradas municipais não são pavimentadas e exigem constante manutenção à época das chuvas. Quanto ao *sistema de transporte coletivo* do município, existem linhas regulares de ônibus às cidades vizinhas, com diversos horários, especialmente para Tatuí, através da Empresa São Jorge. Para São Paulo, existem hoje dois horários diários, de ida e volta, com ônibus regular do Rápido Fênix Viação Ltda., que faz a linha Bofete /São Paulo, passando por nossa cidade. Antes o atendimento era feito pela Empresa Serra Dourada. A Empresa São Pedro é a concessionária da linha Porangaba a Guareí. A tão esperada e reclamada Estação Rodoviária de Porangaba esta sendo construída, pela atual prefeito Machado Neto, defronte ao Ginásio de Esportes, na Avenida Cristino Manoel de Miranda.

Outra alternativa de transporte pouco utilizada nos dias atuais, tanto para passageiros como para cargas, é a ferrovia - através da FEPASA – Ferrovias Paulistas S.A, que passa nas vizinhas cidades de Conchas (24 km) e Tatuí (40 km).

Como opção futura de transporte é prevista a utilização da Hidrovia Tietê-Paraná – Porto Intermodal de Conchas – (45 km), via de fundamental importância à implementação do comércio entre os países do Mercosul. Faz parte do planejamento do Governo Federal e Estadual e implicará, inicialmente, na melhoria da rodovia vicinal João Lemes da Silva para alcançar a Rodovia Castelo Branco. Segundo os especialistas é possível até a abertura de uma nova estrada, de maior porte, e que deverá passar pelo município de Porangaba.

O aeroporto mais próximo de Porangaba é o de Tatuí.

8.7 Saneamento Básico

Os serviços de fornecimento de água, instalação e manutenção da rede de esgoto no município são mantidos e supervisionados pela estatal **SABESP – Saneamento Básico do Estado de São Paulo**, que tem escritório de atendimento na cidade, à rua Braz Gica da Paz, nº 22. A água canalizada vem do rio Bonito, cobrindo a distância de 6 quilômetros. São captados 61 metros cúbicos por hora e o tratamento é feito na cidade, com reservatório para distribuição à população.

Quanto ao **problema do lixo**, o governo municipal, para solucionar os problemas de gestão, estabeleceu que a coleta passasse a ser feita no período noturno, 3 vezes por semana, sendo depositado em “containers” de empresa especializada em reciclagem, da cidade Paulínea, para onde os detritos são transportados e recebem o tratamento adequado. Com tal providência foi desativado o aterro sanitário a céu aberto, no bairro dos Nunes (Carrascal), que funcionava como depósito e que, pelo acúmulo de lixo, já ameaçava poluir os ribeirões que passam nas proximidades, pois o “lixão” tornou-se um local de proliferação de vetores de doenças. O lixo do pronto socorro médico e do posto de saúde são também recolhidos, mas as agulhas de injeções usadas são enviadas à UNESP para incineração.

-
- *A Prefeitura Municipal de Porangaba, adequando-se às exigências da CETESB, procurou solucionar o problema ao firmar contrato experimental de 180 dias com uma empresa especializada em reciclagem de lixo, que transporta o material coletado em Porangaba para o Centro de Gerenciamento de Resíduos em Paulínea – SP, onde recebe o tratamento necessário. O lixo coletado é levado em “containers” da própria empresa. Com tal medida, além do custo/benefício, será possível solucionar um problema crônico que se arrastava por décadas e ao desativar o aterro conhecido como “Lixão”, contribuir para melhorar o meio ambiente, eliminar a poluição e outros agentes nocivos à saúde.*
-

- *O Fundo Social do Município criou o Projeto Recicle e Viva para cuidar do lixo coletado no município, acolhendo pessoas carentes e desempregadas que passaram a ter um rendimento alternativo. O lixo tratado alcança cerca 4 toneladas por semana, mas as possibilidades de crescimento são enormes, desde que haja o envolvimento de mais pessoas, podendo chegar de 8 a 10 toneladas. Hoje, somente 50% do material recolhido é tratado. Existe equipamento próprio, adquirido através de convênio com o Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, fornecido pela Prefeitura Municipal para a prensagem. Quase tudo é aproveitado, principalmente metais, plásticos, embalagens, papéis, papelão, vidros, jornais, revistas, etc. Cinco famílias já vivem dessa fonte de renda, trabalhando em sistema de cooperativa, o que quer dizer: do total arrecadado no mês, 20% são destinados ao Fundo Social para manutenção de suas atividades e o restante, 80% são divididos, em partes iguais, entre os cooperados.*
-

8.8 Energia Elétrica

O atendimento - (serviços de ligação, corte, manutenção, etc.) em todo município é feito pela **ELEKTRO – Eletricidade e Serviços S.A.**, a atual empresa concessionária. Possui mais de 3000 clientes, atendendo 100% dos usuários na cidade e 45% na área rural. Toda estrutura que existia anteriormente, montada pela antiga fornecedora - CESP - Centrais Elétricas de São Paulo, com escritório e técnicos residentes, foi totalmente desativada. Hoje o atendimento é feito pela Unidade de Tatuí.

8.9 Habitação

A abertura da Rodovia “Castelo Branco”, há quase 40 anos e que passa pelo município, criou uma enorme expectativa para o desenvolvimento urbano, pois, finalmente, a cidade saía do asfixiante isolamento desde a sua fundação. Infelizmente, mesmo não sendo frustrante, a situação pouco mudou e, após tanto tempo, notamos que embora exista a tendência à expansão, não alcançamos o desenvolvimento desejado.

Não se pode negar que o setor habitacional experimentou melhora razoável, refletindo, inclusive, no aspecto urbano com a construção de dois conjuntos habitacionais (casas populares), mas persiste ainda a carência de habitações para a população de baixa renda. Estima-se que haja, ainda, hoje, a demanda reprimida de, no mínimo mais duas centenas de casas populares. Recentemente, na gestão do prefeito Machado Neto, o Governo do Estado autorizou e financiou a construção de mais 88 casas populares à população de baixa renda, que estão sendo construídas em regime de mutirão, no caminho para o

bairro dos Nunes, sob a supervisão de técnicos do CDHU. Não existem, propriamente, núcleos de favelados na cidade, mas somente esboços, com alguns casebres nas áreas ribeirinhas e pequenos agrupamentos nos sítios.

8.10 Promoção Social

O município enfrenta uma série de problemas sociais, comuns das pequenas comunidades, pela situação sócio-econômica pouco favorável de grande parte da população. Essa carência exige constante assistência social, que é feita através do Serviço Social do Município, que oferece às pessoas menos favorecidas: medicamentos, agasalhos, alimentos, transporte de enfermos, consultas médicas, assistência judicial, acompanhamento, etc. A Creche Municipal atende, hoje, quase duas centenas de crianças.

- Existem, também, outras entidades filantrópicas, privadas, independentes, ligadas às Igrejas, como: *a Ordem Terceira Franciscana Secular, a Congregação Mariana São Luiz Gonzaga, a Associação São Vicente de Paulo e o Núcleo Assistencial da Igreja Presbiteriana Independente*, que atendem pessoas necessitadas.

O Serviço Social do Município implantou, recentemente, com a supervisão da Secretaria do Bem Estar e Promoção Social do Estado de São Paulo, o “Clube da Terceira Idade”, que congrega os idosos da comunidade através da promoção de eventos, palestras, orientações, lazer, festas assistenciais, etc. Mantém, também, o *Projeto Criança Esperança* e a *Casa do Idoso ou Projeto Casa Amiga, a casa de convivência para idosos*, onde desenvolvem atividades artesanais e mantém a horta comunitária. Administra, também, os programas sociais do governo como a distribuição gratuita de leite e da cesta básica à população menos favorecida.

8.11 Comunicações

O sistema estrutural de telecomunicações, como aconteceu em todo território nacional nos últimos anos, alcançou aqui grande desenvolvimento. No final do século passado as transformações foram tão grandes que hoje o município dispõe de um sistema de transmissão e recepção de informações à distância, através dos mais modernos suportes de telecomunicações, como a rede Internet, a telefonia tradicional e celular, o rádio, o telefax e a televisão, comparável aos centros mais desenvolvidos.

Antenas parabólicas pululam pela cidade e na área rural, as recepções de transmissões via satélite já fazem parte do cotidiano e ninguém se lembra mais do passado que foi marcado pelo isolamento, ignorância e desconforto.

8.11.1 Telefonia

O sistema de telefonia é mantido por uma Unidade da Telesp (*Telefonica*) – DDD. Recentemente, com a abertura de novo plano de expansão e a grande procura, passou a existir a expectativa de se instalar mais 400 linhas. Temos, atualmente, tanto na área urbana como na rural, cerca de 684 assinantes. A Telesp é responsável pela manutenção e outros serviços afins.

Em 1998, a telefonia celular deixou de ser novidade e entrou no cotidiano dos porangabenses, passando a ser uma ferramenta de trabalho para os mais variados tipos de profissionais. Os jovens, principalmente, tornaram-se os grandes usuários do telefone celular. A contínua evolução tecnológica é o fator que mais contribuiu para popularizar o uso da telefonia celular; explorada aqui pela Telesp Celular (*Telefonica*). Hoje, temos mais de 400 assinantes.

8.11.2 Internet

Histórico

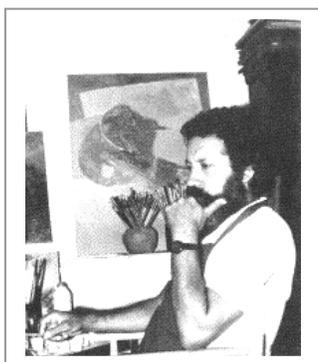
A Internet é a maior rede de computadores do mundo. É, na realidade, a rede de informações computadorizada que surgiu nos anos 60, (do século passado), conduzida pelo Ministério da Defesa dos Estados Unidos da América. Foi concebida como um veículo autoprotégido de troca de informações, com um grupo de computadores conectados entre si, sob diversas configurações, com acesso limitado. No início era acessível apenas aos acadêmicos e especialistas em computação. Nos anos 80, na medida que os computadores começaram gradualmente a dominar os locais de trabalho e os computadores pessoais tornaram-se acessíveis, mais pessoas passaram a fazer parte da Internet em diversos níveis. O alcance das informações disponíveis na rede ampliou-se grandemente e dispositivos especiais de localização de informações foram desenvolvidos para permitir aos usuários acessos múltiplos em um sistema que se tornou vastíssimo. Hoje, o serviço mais popular e de mais fácil acesso na Internet é o e-mail (correio eletrônico), que demanda um computador, um modem, uma linha telefônica e um aparato mínimo de software. Até 1995, a Internet era uma rede coletiva democrática supervisionada pelo NSF (Fundação Nacional da Ciência), órgão do governo norte-americano; naquele ano a rede passou para as mãos da iniciativa privada.

O avanço tecnológico das telecomunicações nos últimos anos possibilitou o extraordinário crescimento da Internet no nosso país. A rede Web começa a entrar no cotidiano de moradores de localidades mais distantes e inacessíveis do país. Pesquisas recentes estimam que hoje existem, aproximadamente, 4 a 8 milhões de brasileiros conectados

à rede nas 9 regiões metropolitanas do Brasil. No interior estima-se que atinja 5 milhões de pessoas. Pode-se dizer que sacode as pequenas cidades e traz novos hábitos aos usuários. Ouve-se que cada um pode usar a Internet como quiser; ela ajuda também a moldar e renovar o mundo.

Já temos muitos internautas porangabenses navegando pela Web e usando todas as ferramentas disponíveis para acessar dados, informações úteis sobre praticamente qualquer assunto que se possa imaginar, englobando arte, literatura, história, geografia, ciências, tecnologia, economia, política, sociologia, filosofia, religião, política, educação, lazer, etc. O correio eletrônico tornou-se indispensável para a comunicação pessoal e profissional e permite o envio de mensagens que são recebidas quase que imediatamente.

Seguramente, o primeiro morador de Porangaba que se inscreveu na Internet foi Lélcio Nogueira da Silva, com o e.mail : savan@tti.future.com.br



Outro pioneiro é o renomado artista plástico Martins de Porangaba, que mantém página cujo endereço é: www.martins.porangaba.nom.br/ O site apresenta informações pessoais, biografia, currículo, obras, programação de exposições, etc., divulgando o seu trabalho e a terra natal.

Utilizando as opções da rede mundial de comunicação à veiculação de históricos e informações, temos hoje outros páginas referentes ao município:

Prefeitura Municipal de Porangaba

<http://www.porangaba.sp.gov.br/>

História de Porangaba.

<http://www.porangabasuahistoria.cjb.net/>

Porangaba – Sua Cidade na Internet

Informações, Utilidades, Diversos.

<http://www.porangaba.kit.net/>

Escola de Samba Unidos da Vila – Porangaba

Informações sobre o carnaval, fotos, históricos, etc.

<http://www.gresunidosdavila.cjb.net/>

Parque Visão do Futuro

<http://www.visaofuturo.org.br>

8.11.3 Correios

A agência da EBCT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos funciona, atualmente, na avenida Cristino Manoel de Miranda em prédio anexo ao Posto de Abastecimento Débora. Presta serviços importantes à população, como postagens simples e registradas, sedex, caixas postais, telegramas fonados, fax, além do encaminhamento de processos de aposentadorias junto ao INAMPS, expedição de passaportes, etc. Hoje funciona também na própria agência o **Banco Postal – Unidade Bradesco**, um posto de atendimento bancário. A correspondência é recebida e expedida diariamente. A agente atual é a funcionária Rosana do Carmo Domingues Ferrari.

- *Outros agentes: João Gorga (1898), Sebastião Fonseca, Eugênia Antunes (1922), Maria Nina Bertoni (esposa de Vicente Bertoni), Elisa L. de Miranda (Domingos M. de Miranda) (1928/1929), Adelaide Fernandes Rosa (1930/32), João Bueno de Miranda (Nhô), Paula de Miranda Bueno, Iridenth de Souza Bueno (1966), Dilceu Ebúrneo (1969/73), Elvira (1973/76), Rita de Cássia da Paz Vieira (1976/78); José Carlos de Oliveira (Pirulito)(2001;*

8.11.4 Rádio Comunitária – FM

A *Rádio Comunitária - Porangaba FM, 104,9 Megahertz*, começou a operar em setembro/96, com potência de 25 watts e antena de 30m. Transmitiu, inicialmente, em 107,1 Mhz. Atualmente, polariza a atenção dos porangabenses, com uma programação variada de músicas e notícias, prestando um grande serviço à comunidade. A programação é variada e eclética, com os noticiários, música sertaneja, música jovem, reportagens, etc., com grande audiência.

O sucesso do momento, com grande audiência, é o programa sertanejo **“Rancho do Gato”**, conduzido magistralmente pelo Antônio Florêncio Machado, vulgo “Gato”, autodidata, um artista nato, com sonoplastia própria, imitações, informações. Ouve-se muita moda de viola e causos contados pelo apresentador e as personagens imitadas: Ester, Juca Pezão, Joãozinho, Nhô Chico, Mélico, Fugôncio e outros.

- O jornal “**Porangaba e Região**”, edição de dezembro/96, noticiava a respeito: “*Porangaba já conta com a sua Rádio Comunitária¹⁸, a Porangaba FM, operando em 107,1 Mhz, que virou a nova coqueluche da cidade. Sua audiência é espantosa e conta com a simpatia popular, o que é muito importante. Na maioria, as pessoas da própria cidade conseguem manter a rádio no ar, diariamente, apresentando uma programação que pode-se dizer de alto nível, não perdendo nada para as rádios da região. Até é de se parabenizar esta equipe nominalmente: Elias Marques, Rodrigo Godoy, Phio Vieira Júnior, Sueli Venâncio, Jaime Antunes do Prado, Carlinhos do Xavier, Maisa Amaral e os Djs. Eduardo e Adriano*”

8.11.5 Rádio Faixa do Cidadão - PX -

Histórico

Trata-se de modalidade de radiocomunicação de uso compartilhado para comunicados entre estações fixas ou móveis, realizados por pessoas naturais, utilizando o espectro de frequência entre 26,96-27,61 Mhz, também conhecido como **Faixa do Cidadão ou dos 11 metros**.

Permite: comunicações em radiotelefonia em linguagem clara, de interesse geral e particular; atender situações de emergência, como catástrofes, incêndios, inundações, perturbações da ordem, acidentes e outras situações de perigo para a vida, à saúde e à propriedade; transmitir sinais de telecomando para dispositivos elétricos.

Existem duas licenças do DENTEL - no município, com estações fixas do Serviço Rádio do Cidadão, estando somente uma em funcionamento. Tratam-se dos prefixos:

Licença do DENTEL de 31/03/1981, DR/SPO - PX2 C - 0369/01 - em nome de Luiz de Oliveira - Rua Coronel Joaquim Miranda da Silva, 57 - Centro - Porangaba

Obs.- Em atividade, operando normalmente, fazendo comunicados, funcionando como “ponte” e prestando importantes serviços à comunidade. Comunica-se frequentemente com o exterior, com os estados mais distantes da federação, como os da Amazônia, Norte e Nordeste, divulgando o nome de Porangaba.

Licença n. 007095 do DENTEL, em 04/03/1991 - DR/SPO - PX2 I-0481/01 - em nome de Júlio Manoel Domingues - Rua Dassás Vieira de Camargo, 317 - Centro - Porangaba

¹⁸ Segundo o professor Paulo Bornsen, da Universidade Católica de Santos: “as rádios comunitárias representam um ponto importante para a democratização das comunicações... é o direito que todos têm de se comunicar”. Mercado publicitário a ser explorado, possibilidade de democratização das comunicações e regionalização do noticiário – são as três características de um meio de comunicação que pode mudar as relações de poder na mídia de uma cidade.

9. AVANÇOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

INDICADORES	1991	2000
Esperança de vida (em anos)	63,79	72,08
Taxa de alfabetização de adultos	83,49	89,32
Taxa bruta de frequência escolar	63,94	70,12
Renda per capita	157,07	243,69
Classificação UF	561	413
Classificação Nacional	1733	1382

Fonte: www.undp.org.br

O Programa da ONU – Organização das Nações Unidas - IDH-M, que mede o desenvolvimento humano nos países, estados e municípios, apresenta dados interessantes, baseados em informações de 1991/2000 que mostram o desenvolvimento sócio-econômico de Porangaba no período. A pesquisa realizada em nível mundial, divulgada em dezembro/2002, fundamenta-se em indicadores de educação, longevidade e renda. Comparativamente, Porangaba em 2000 já ocupava o 413º lugar no ranking do IDH-M, dentre os 645 municípios do Estado de São Paulo e o 1382º lugar na classificação nacional, ao passo que em 1991 as posições eram, respectivamente, 561º e 1733º lugares. Os dados, mesmo levando em conta a defasagem de 10 anos, são promissores, mostrando melhora na expectativa de vida, alfabetização de adultos, frequência escolar e renda *per capita*. A última nota recebida foi de 0,768%.

Por outro lado, o IPRS – Índice Paulista de Responsabilidade Social, da Fundação SEADE, um dos mais especializados centros nacionais de pesquisas, estatísticas sociais, etc., que mede o desempenho dos municípios paulistas, utilizando os mesmos indicadores, passou Porangaba no ano 2000 do Grupo 3 para o Grupo 5, que é formado por municípios com os níveis mais baixos de riqueza, longevidade e escolaridade. Justificou:

- No quesito **riqueza** houve uma pequena melhora das atividades econômicas, embora com a redução no

rendimento médio do emprego formal. Quanto à longevidade observa-se um pequeno aumento das taxas de mortalidade infantil e perinatal, que é a variável determinante no recuo do município no item em questão. Os avanços nos indicadores de **escolaridade** foram importantes, mas ficaram também distantes da evolução obtida pelos demais municípios paulistas. Em síntese, “as informações mostram que os componentes do indicador de riqueza municipal, com exceção do rendimento médio do emprego formal, registram uma leve melhora. Os indicadores sociais foram os que mais recuaram em relação ao total do Estado, apesar dos resultados positivos obtidos em escolaridade e, sobretudo, pelo aumento, embora pequeno, das taxas de mortalidade precoce. E síntese, temos no Ranking 2000, a seguinte classificação: Riqueza: 457ª ; Longevidade: 455ª; e Escolaridade: 573ª.

Obs. O município de Porangaba que em 2002 pertencia ao Grupo 5, registrou avanço na área social e foi classificado em 204 no Grupo 4, que agrega os municípios com baixos níveis de riqueza e com deficiência em um dos indicadores: longevidade ou escolaridade.

Ocupou as seguintes posições no ranking :

	Riqueza	Longevidade	Escolaridade
2002	483ª.	495ª.	511ª.
2004	522ª.	303ª.	541ª.

Comentários:

Riqueza: embora tenha somado ponto nesse escore, o indicador agregado permaneceu abaixo da média estadual e o município perdeu posições nesse ranking no período.

Longevidade: o município superou a média estadual no escore longevidade e avançou posições nesse ranking, como resultante da redução nos níveis de mortalidade.

Escolaridade: o município somou vários pontos nesse escore, entretanto permaneceu abaixo da média estadual e piorou sua colocação no ranking nesse período.

Já no âmbito do IPRS, o município registrou avanços em todos os indicadores. Em termos de dimensões sociais, o escore de longevidade superou a média do Estado, porém o de escolaridade ficou abaixo da média estadual.

Sem entrar no mérito e aferir as metodologias, os resultados dos programas não são muito diferentes; mostram a realidade de um município pequeno, sem recursos, que ainda precisa melhorar muito, principalmente na sua estrutura de saúde, educação, investimentos e oportunidades de trabalho, etc. - as variáveis que irão definir futuramente a riqueza e longevidade de seu povo.

A verdade é que o crescimento do município foi muito lento, desde a sua fundação até o último quarto do século passado. Faltou investimento, planejamento, política de expansão econômica, plano diretor etc. Mesmo assim, com toda a adversidade e uma perspectiva econômica pouco favorável, os indicadores mostram que Porangaba vem progredindo lentamente e terá certamente, num futuro não muito distante, um lugar especial no cenário econômico, social e cultural da região. Hoje, mesmo com o pequeno progresso observado nos últimos anos, já conta com a infraestrutura mínima e a logística suficiente, etc., além dos recursos naturais, próprios, como a água mineral medicinal da Fazenda São Martinho, o xisto betuminoso e as reservas de calcário do bairro dos Fogaça - os insumos básicos e necessários - para atrair investimentos às áreas da saúde, hotelaria, agro-negócios, comércio, indústria, etc.

10. CONCLUSÃO

O objetivo do trabalho está explícito na introdução, embora muitos possam estranhar a dimensão dada à pesquisa histórica de um pequeno município. Perguntas surgiram e surgirão naturalmente, mas a explicação é simples:

muito cedo, por razões diversas, familiar, sentimental e de origem, houve a constante preocupação de saber o que aconteceu por aqui antes e após a formação do povoado;

qual seria o cenário, os pioneiros, os usos e os costumes, as tradições, etc.;

Ao buscar o material histórico catalogado e disponível, surpreendeu-nos a pobreza de dados, a escassez de informações que contemplam poucos nomes e, principalmente, a omissão de fatos marcantes da evolução sócio-econômica da comunidade. Era preciso conhecer, desde o início, a história de nossa gente, registrar e resgatar. Mesclando o imaginário com a realidade, a busca passou a ser contínua e apesar dos entraves burocráticos, hoje, temos material classificado com conteúdo rico, detalhado, que engloba o povoamento, a formação da vila, a chegada dos pioneiros, a emancipação política, o crescimento econômico, religioso, cultural, as curiosidades, etc.

Embora a obra não esteja concluída, chegou a hora de mostrá-la, mesmo fracionada, pois o momento é propício e se sustenta em dois pontos fundamentais:

1. o tema memória está em moda; é comum ouvir falar de memória da família, memória nacional, da cidade e muitas outras; comenta-se ainda que a memória corre risco, logo precisa ser preservada;
2. a opção dada pela Internet – a rede mundial de comunicação – para a divulgação.

É bom esclarecer, ainda, que este trabalho nasceu pelo incentivo recebido de alguns amigos, especialmente, do poeta Onozor Pinto da Silva, um grande entusiasta e pesquisador da história local. Foi na fase dos primeiros levantamentos e o seu apoio foi decisivo.

Leitura - O tema memória está em franca circulação, entre nós. Fala-se de memória de família, memória das greves do ABC, memória da Constituinte, memória da industrialização de São Paulo, memória nacional e muitas outras memórias. Multiplicam-se, com isso, os "centros de memória", museus, arquivos, bibliotecas. Diz-se que a memória corre risco, por isso precisa ser preservada; desgasta-se e deixa-se aprisionar pelo esquecimento, logo, tem que ser resgatada. Nos meios acadêmicos, têm larga difusão trabalhos sobre a memória e seus quadros sociais, memória e nação, memória e identidade cultural, memória/documento/monumento, memória e história, etc. Isso é positivo na medida em que possa produzir preocupação e definir trajetórias para o homem e a sociedade, sem as quais o presente permanece incompreensível e o futuro alienado. Toda essa efervescência, porém, não basta para tornar mais claro o conceito de memória, em todas as suas implicações. Conviria, portanto, começar por questionar algumas características que lhe têm sido atribuídas e, em especial, sua intercambialidade (quase) com o conceito de História. Seria indispensável, portanto, refletir sobre as especificações daquela memória que tenha por objeto a cidade, uma cidade".

*Ulpiano T. Bezerra de Meneses – Diretor do Museu Paulista da USP –
Revista CEPAM - 4*

Ao ser curado de uma terrível infecção cancerígena, um verdadeiro milagre, contando com o apoio decisivo de minha saudosa esposa Eliana e de meu filho Julio, compreendi que fui poupado pela complacência e bondade do Criador, surgindo nova oportunidade de fazer alguma coisa útil e importante. Certamente, pouco eu tinha feito... Agradeço humildemente a Deus e, então, com a ajuda da minha família e de alguns amigos, passei a resgatar a história de Porangaba. Fui até audacioso, pois talvez não fosse a pessoa indicada e mais capacitada para fazê-lo. Entendo até que outros conterrâneos com maiores conhecimentos poderiam fazê-lo, só que o tempo estava passando e nada tinha sido feito. Fazíamos já parte de um povo sem memória e tudo caminhava para o esquecimento. Não havia tempo a perder. Deu no que deu. Obrigado a todos.

11. BIBLIOGRAFIA

1. Almeida, Aluísio de: "Guareí, Nossa Terra";
2. Almeida, Aluísio de: "Vida e Morte do Tropeiro";
3. Anais da Assembléia Provincial – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo;
4. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo – Documentos da Paróquia;
5. Arquivo do Centro da Família – Igreja dos Mórmons – Documentos da Paróquia de Tatuí (microfilmes);
6. Bruno, Ernani Silva: "São Paulo, Terra e Povo";
7. Cândido, Antônio: "Os Parceiros do Rio Bonito", Livraria Duas Cidades, São Paulo;
8. Collon, Auguste: "Petróleo no Morro de Bofete" - Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo;
9. Donato, Hernani: "Acheegas para a História de Botucatu"; 3ª. edição;
10. Fausto, Boris: "História do Brasil", Ed. da USP;
11. Jornal: "O Progresso de Tatuí" – edições divs.;
12. Jornal: "A Comarca de Tatuhy" – edições divs.;
13. Jornal: "Cidade de Tatuhy" – edições divs.;
14. Jornal: "Integração" – edições divs.;
15. Lessa, Barbosa: "Era do Aré" – Raízes do Cone Sul – Ed. Globo – São Paulo;
16. Livro do Tombo da Paróquia de Porangaba;
17. Livros de Assentamentos da Paróquia N. S. da Conceição de Tatuí – a partir de 1823;
18. Livros de Assentamentos do Cartório de Registro Civil de Porangaba – a partir de 1891;
19. Livros de Atas da Igreja Presbiteriana Independente de Porangaba – a partir de 1886;
20. Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo: "Apontamentos" – 1879;
21. Mínhoto, Laurindo Dias: "Tatuhy Através da História", Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo;
22. Morse, Richard M.: "Formação Histórica de São Paulo" – Difusão Européia do Livro – São Paulo;
23. Revistas do IBGE – diversas;
24. História da Vida Privada no Brasil – Vol. 1,2 3 – Companhia das Letras – direção: Fernando A. Novais, organização: Laura de Mello e Souza, Luiz F. de Alencastro e Nicolau Sevcenko,
25. São Paulo nos Primeiros Anos (1554-1601) e São Paulo no Século XVI – Afonso Escragnolle Taunay – Editora Paz e Terra – Edição 2003
26. São Paulo de Meus Amores – Afonso Schmidt – Editora Paz e Terra, 2003
27. São Paulo Antigo (1554-1910) – Antônio Egydio Martins – Editora Paz e Terra, 2003
5. Fotografia de Leandro de Moraes e Silva – fundador, oferecida por Paulo Moraes;
6. Fotografias do capitão Francisco da Silva Cardoso e da professora América Kuntz Cardoso – oferecidas por Laelson C. Amaral;
7. Fotografia das autoridades em 1899, oferecida pelo dr. José Eduardo Gorga;
8. Fotografia da Praça Joaquim da Costa Machado – Eugênio de Camargo Barros
9. Fotografias restantes oferecidas pelas famílias dos retratados e do acervo do autor.
10. "Cavalhada" - desenho do artista Nego Mendes

Júlio Manoel Domingues

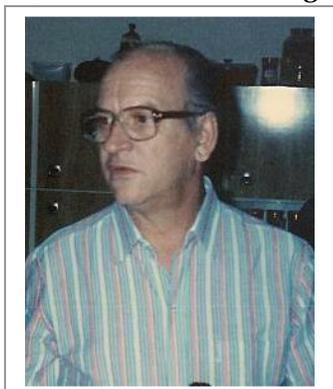
Porangaba
Julho/2008

Ilustrações

1. "Porangaba e o Morro de Bofete" – xilogravura do artista plástico Garibaldi;
2. "Igreja Presbiteriana Independente" de Porangaba – xilogravura do artista plástico Garibaldi;
3. Fotografia de João Machado de Silva – fundador – oferecida por Enos Antunes do Amaral;
4. Fotografia do pe. Gorga – oferecida pelo historiador Paulo Fraletti;

12. O AUTOR

Júlio Manoel Domingues



Nasceu em Porangaba no dia 13/04/1935. Seus pais: Horácio Manoel Domingues e Irma Nunes Domingues. Cursou o primário no Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda” e o secundário (ginásio e científico) no Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus (Agudos) e no Instituto de Educação “Barão de Suruí” (Tatuí).

Formou-se em Administração de Empresas pelo Instituto Superior de Administração “LUZWELL” (São Paulo). Viúvo, foi casado com a professora Eliana Fadel Domingues; tem um filho: Júlio Manoel Domingues Júnior.

Trabalhou inicialmente em laboratório farmacêutico, na área comercial e de propaganda médica e, posteriormente, na Caixa Econômica do Estado de São Paulo (Banco Nossa Caixa), onde se aposentou após 33 anos de trabalho, tendo exercido as mais variadas funções. Ingressou por concurso público e, gradativamente, foi ascendendo os mais diversos cargos: escriturário, chefe de seção, chefe de divisão, assessor de diretoria e gerente de departamento. Foi vice-presidente do CONDEP – Conselho Departamental da Nossa Caixa e conselheiro do ECONOMUS – Instituto de Seguridade Social da Nossa Caixa. Na gestão do Presidente José Maria Arbex, foi um

dos responsáveis pela criação do Museu da Nossa Caixa Nosso Banco para resgatar a memória histórica da instituição. Aposentou-se em 1990, quando ocupava o cargo de Gerente do Departamento de Operações de Loterias do Estado de São Paulo e fez parte do grupo que implantou a modalidade de jogo “loteria instantânea” em São Paulo, considerado, então, como o maior acontecimento lotérico em todo país.

Em 1991 passou a se dedicar à pesquisa histórica a fim de resgatar a memória municipal de sua terra natal. No início, publicou as investigações em revistas e jornais locais, mas o maior objetivo à divulgação foi alcançado com a implantação do site exclusivo sobre Porangaba na – Internet: www.porangabasuahistoria.com/ - que engloba a maioria de seu trabalho, com grande repercussão e número recorde de visitas.

Foi diretor de redação do jornal “O Emissário”, especializado em filatelia, editado em Porangaba; colaborador do “Jornal da Cidade de Porangaba” e, atualmente, colabora com a “Folha da Cidade – O Jornal de Porangaba”.

E.mail: juliodomingues@uol.com.br

13. HOMENAGEM PÓSTUMA

À minha saudosa esposa e grande incentivadora

ELIANA FADEL DOMINGUES
(Professora, Diretora, Supervisora de Ensino)
* 05.11.1942 + 22.04.2007



Nasceu em Porangaba (SP) em 05.11.1942. Seus pais: Elias Fadel Fadel e Laurinda Mairacine Fadel. Faleceu em 22/04/2007 na cidade de São Paulo. Está sepultada no Cemitério Municipal de Porangaba. Foi casada com Júlio Manoel Domingues. Deixou um filho: Júlio Manoel Domingues Júnior.

Mulher de caráter marcante e produtiva em todas as áreas que atuou. Resoluta, querida esposa e mãe dedicada. Herdou do pai árabe a

inteligência e a vivacidade, e da mãe, filha de italianos, a graça e a beleza. Orgulhava-se de sua gente que dizia ser a essência de sua firmeza. Mostrava nas suas virtudes o ecletismo e a plasticidade que recebeu de seus ancestrais italianos, do norte da Itália, principalmente da Toscana, daí a beleza e a harmonia exibida em seus trabalhos manuais, artísticos, pois a arte lhe era aptidão inata. Culta, adorava a música, a literatura e os trabalhos artesanais. Foi pedagoga, educadora de alto nível, uma guerreira que construiu a sua própria história e sempre enfrentou as dificuldades com bravura. Católica, participava de movimentos assistências e de benemerência. Tinha fé, acreditava na vida e, principalmente, em Deus. Adorava a família, os amigos, a terra onde nasceu. Foi uma grande perda e jamais será esquecida. Uma filha ilustre de Porangaba.

Instrução:

- Curso Primário: G.E. Capitão Joaquim (Francisco de Miranda (Porangaba,SP) (1950-1953)
- Curso Ginásial – Ginásio São Vicente de Paulo – Laranjal Paulista - (1954-1957)
- Escola Normal Particular “Madre Hermeta” - (Laranjal Paulista, SP) (1958-1960)
- Curso de Aperfeiçoamento: Instituto de Educação : “Barão de Suruí” Tatuí, SP (1962)
- Licenciada e Bacharel em Pedagogia – USP – Universidade de São Paulo – (Bolsita) (1966-1969)
- Curso de Museologia – Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo – (1971)
- Licenciada em Estudos Sociais – Faculdade de Ciências e Letras “Geraldo Rezende”, Suzano, SP (1976)
- Curso de Árabe – Centro Cultural Árabe/Síria (1981)

- Curso de Inglês – União Cultural Brasil/Estados Unidos (2007)

Atividade Escolar:

- Professora Primária Substituta – Bairro de Moquém (Porangaba, SP)
- Professora Primária Substituta – Bairro dos Miranda (Porangaba, SP)
- Professora Primária Substituta – Bairro dos Ferreira (Porangaba, SP)
- Professora Primária Substituta – G. E. João Florêncio (Tatuí,SP)
- Professora de Pedagogia e Psicologia – Escola Normal Municipal de Porangaba SP (1963)
- Professora Primária Substituta Efetiva do Grupo Escolar de Porangaba, SP (1964)
- Aprovada no Concurso de Ingresso ao Magistério Primário (1964)
- Ingresso como Professora Primária Efetiva - G.E. Kosuke Endo – Cuiabá Paulista, SP (1964)
- Removida para o G.E. de Vila Jaguaribe – Osasco – SP – 1965
- Professora de Francês - CEART - Colégio e Escola Normal Estadual “Antônio Raposo Tavares” – Osasco – SP (1965)
- Removida para o G.E. do Bairro Pirajussara – 34ª. Delegacia (1969)
- Professora da EEPG “Renato Braga” - Vila das Belezas - 17ª. Delegacia da Capital (1976-78)
- Ingressa como Diretora – aprovada no Concurso para Provimento de Cargos de Diretor de Escola (1979)
- Diretora do G. E. do Jardim Helena - Taboão da Serra , SP (1979)
- Ingressa como Supervisora de Ensino – Delegacia de Ensino de Itapeverica da Serra (1981)
- Removida para 14ª. Delegacia da Capital – DRECAP-3 (1983)
- Supervisora de Ensino designada para as funções de Supervisor de Equipe de Assistência Técnica da Diretoria do DRHU – da Secretaria da Educação (1983)
- Aposenta como Supervisora de Ensino (1987)